

FILOSOFIA WORLD

O Mercado, o Ciberespaço, a Consciência

Pierre Lévy

A Darcia, que me fez descobrir o amor

Para os seres despertos, existe um único mundo comum.
HERÁCLITO

Por perfeição e realidade entendo a mesma coisa.
ESPINOSA

Até agora, poder-se-ia dizer, os homens viviam simultaneamente dispersos e fechados em si mesmos, como passageiros acidentalmente reunidos no porão de um navio de que desconheceriam a natureza móvel e o movimento. Na terra que os reunia não concebiam nada melhor para fazer que discutirem ou distraírem-se. Subitamente, por sorte, ou antes, pelo efeito normal da idade, os nossos olhos acabam por se abrir. Os mais ousados de entre nós chegaram à ponte. Viram o navio que nos levava. Vislumbraram a espuma no fio da proa. Deram-se conta que haveria uma caldeira para alimentar - e também um leme para dirigir. Sobretudo viram nuvens a pairar, aspiraram o perfume das ilhas, para lá do círculo do horizonte: não a agitação humana no local - nem a deriva - , mas a viagem.

TEILHARD DE CHARDIN

PREFÁCIO

Quando tinha oito anos, disse para comigo: “Mas quando é que as guerras vão terminar? Quando é que a maioria das pessoas se consagrará finalmente à ciência e ao amor?” Também me perguntava: “Que idade é que teria no ano 2000?” porque imaginava que nesse momento as coisas iriam melhor. Estava apaixonado pelo futuro. Passava o tempo na biblioteca municipal a ler livros de física e de astronomia. Queria compreender. Quando tinha oito anos, dizia às pessoas: “Vão ver, iremos à Lua e até mais longe.” Chamavam-me sonhador. No dia do meu oitavo aniversário, marquei encontro com o ano 2000. Dava esse tempo à humanidade para me mostrar do que era capaz. Só me interessava uma coisa: aquilo em que nós, os humanos, estávamos nos transformando, e não mudei. O ano 2000 chegou, vi e decidi tomar o partido da humanidade.

Decidi amar este mundo tal como ele é. Ao adotar essa atitude, tenho a sensação muito nítida de compreendê-lo melhor que se o denunciasse e o criticasse. Este livro é um canto de amor ao mundo contemporâneo e ao futuro que ele traz dentro de si. Amo-o e canto-o muito simplesmente porque não há outros.

Quando captamos o mundo tal como ele é, como o melhor dos mundos possíveis, quando já não há necessidade de imaginar uma perfeição que só existe na nossa pequena imaginação limitada, então podemos começar a estudar seriamente o mundo real. Compreendendo-o, compreendemos a perfeição, isto é, o movimento de aperfeiçoamento dinâmico que o anima.

O mundo de hoje se edifica não é “perfeito” no sentido em que não corresponde efetivamente a nenhuma ideia preconcebida. Não é tranquilizador nem protetor. Surpreendentemente, está constantemente à beira do caos e da desorganização. Mas é precisamente nesta franja da ordem e do caos que se situam a invenção e a energia espiritual máxima. Todos os outros estados são piores.

A partir de agora, a grande aventura já não é a de países, de nações, de religiões, de quaisquer ismos, a grande aventura é a aventura da humanidade, a aventura da espécie mais inteligente do universo que conhecemos. Esta espécie ainda não está completamente civilizada. Ainda não tomou integralmente consciência que constitui uma única sociedade inteligente. Mas a unidade da humanidade está sendo feita agora. Depois de tantos esforços, chegou finalmente a unificação da humanidade, sob uma forma que não esperávamos: não é um império, não é uma religião conquistadora, uma ideologia, uma raça pretensamente superior, qualquer ditadura, são imagens, canções, o comércio, o dinheiro, a ciência, a técnica, as viagens, as misturas, a Internet, um processo coletivo e multiforme que emerge por todos os lados. Que acontecimento extraordinário! Tentei neste livro discernir a unidade da corrente que nos leva a dar um nome a este processo: a expansão da consciência.

Não prometo ao leitor uma verdade “científica”. Prometo-lhe simplesmente que

depois de ter lido honestamente este livro, ele terá uma visão mais ampla.

Não olho totalmente os mesmos objetos que os rabugentos. Em vez de me polarizar naquilo que morre, maravilho-me com aquilo que cresce. Na grande roda da vida, os dois movimentos de nascimento e de morte são complementares. Tento fazer ver aqui o que está nascendo. Não ignoro de modo algum a podridão. Tento fazer erguer os olhos para a rosa que se desenvolve acima dela. O problema não é saber se somos otimistas ou pessimistas, mas saber para onde dirigimos o olhar.

Oxalá o som do meu bandolim, acompanhado por todos os instrumentos e por todas as vozes que cantam a mesma canção de amor por todo o planeta, oxalá esta pequena música possa trespassar o uivo grave das sirenes do medo, do ódio e do desespero.

CAPÍTULO 1

MANIFESTO DOS PLANETÁRIOS

AUTORRETRATO DOS PLANETÁRIOS

Aqui estamos. Nós. Os planetários. Conduzimos os mesmos veículos, tomamos os mesmos aviões, utilizamos os mesmos hotéis, temos as mesmas casas, as mesmas televisões, os mesmos telefones, os mesmos computadores, os mesmos cartões de crédito. Informamo-nos na câmara de eco dos meios de comunicação globalizados. Navegamos na Internet. Temos o nosso saíte. Participamos na silenciosa explosão do hipercórtex infinitamente reticulado do World Wide Web. Ouvimos músicas de todos os cantos do mundo: *rai*, *rap*, *reggae*, samba, jazz, pop, sons da África e da Índia, do Brasil ou das Antilhas, música céltica e música árabe, estúdios de Nashville ou de Bristol... Dançamos como loucos ao ritmo da *Techno* mundial em *rave parties* sob a luz zebrada de idênticos raios estroboscópicos. Lemos os nossos livros e os nossos jornais na grande biblioteca mundial unificada de Babel. Misturados com turistas, visitamos museus cujas coleções cruzam as culturas. As grandes exposições de que gostamos giram em torno do planeta como se arte fosse um novo satélite da Terra. Estamos todos interessados nas mesmas coisas: *todas* as coisas. Nada do que é humano nos é estranho.

Nós, os planetários, consumimos no mercado mundial. Comemos à mesa universal, baunilha e kiwi, coentros e chocolate, cozinha chinesa e cozinha indiana. Quando alguns rabugentos querem polarizar o nosso olhar sobre a distribuição de hambúrgueres de má qualidade ou de bebidas gasosas com açúcar, preferimos apreciar o alargamento do leque de possibilidades: poderíamos provar tantos frutos diferentes, tantas especiarias, tantos vinhos e licores há cinquenta anos, há cem anos?

Assistimos (e organizamos) colóquios internacionais, uma instituição rara e reservada a uns poucos há ainda cinquenta anos, mas que se torna hoje um desporto massificado. Acontece que a nossa reputação ultrapassa as fronteiras do país em que nascemos. Somos traduzidos em várias línguas, ou então não temos necessidade de ser traduzidos porque trabalhamos nas artes visuais, na música, na moda, no desporto. O nosso talento é reconhecido por toda a parte. E pouco importa que este talento seja acolhido num país ou noutro. Queremos simplesmente que ele desabroche.

Pouco a pouco, sem que nós tenhamos dado conta disso de imediato, o mundo chegou à nossa mão e fizemos dele o nosso campo de ação. A envergadura dos nossos atos aumentou até atingir as margens diante de nós. Temos clientes, parceiros e amigos por todos os lados. De súbito, aprendemos progressivamente a maneira de nos dirigirmos a *todos*, a *toda o mundo*. Os nossos compatriotas estão por toda a Terra. Começamos a constituir a sociedade civil mundial.

Somos cada vez mais numerosos. Trabalhamos numa empresa multinacional ou

transnacional, na diplomacia, na tecnologia de ponta, na investigação científica, nos meios de comunicação, na publicidade. Somos artistas, escritores, cineastas, músicos, professores, funcionários, internacionais, jogadores de futebol, alpinistas, navegadores solitários, comerciantes, aeromoças, consultores, acionistas, militantes de associações internacionais... Cotidianamente, para o melhor e para o pior, para compreender ou para sobreviver, para os amores ou para os negócios, em número cada vez maior, temos de olhar, comunicar e talvez agir para lá das fronteiras. Somos a primeira geração de pessoas que existe à escala do globo. Homens ou mulheres políticos, drogados, manequins, gente de negócios, prostitutas, terroristas, vítimas de catástrofes televisivas, cozinheiros, consumidores, telespectadores, internautas, imigrados, turistas: somos a primeira geração global.

Nenhuma geração em qualquer tempo viajou tanto como a nossa, tanto para o trabalho como para o prazer. O turismo tornou-se a maior indústria mundial. Nunca emigramos tanto como hoje, quer sejamos “pobres” atraídos pelo trabalho, quer sejamos ricos em busca de melhores condições fiscais ou de uma remuneração mais justa da nossa competência. Inversamente, nunca alimentamos, acolhemos, integramos, assimilamos e educamos tantos estrangeiros.

Já não somos sedentários, somos móveis. Também não somos nômades, porque os nômades não tinham campos nem cidades. Móveis: que passam de uma cidade para outra, de um bairro para outro da megalópole mundial. Vivemos em cidades ou metrópoles em relação umas com as outras, que serão (que já são) as nossas verdadeiras unidades de vida, muito mais que os “países”. Ou então vivemos no campo, em casas que são como navios no alto mar, conectados a todas as redes.

Somos budistas americanos, informáticos indianos, ecologistas árabes, pianistas japoneses, médicos sem fronteiras. Como estudantes, para aprender por toda a parte, circulamos cada vez mais em torno do globo. Vamos onde podemos ser úteis. Graças à Internet, damos a conhecer o que temos a oferecer à escala do planeta. Como produtores de vinho ou de queijo, instalamos um sistema de venda por correspondência na Web. A nossa geração está inventando o mundo, o primeiro mundo verdadeiramente mundial.

Já não nos agarramos a um ofício, a uma nação ou a qualquer identidade. Mudamos de regime alimentar, de profissão, de religião. Saltamos de uma existência para outra, inventamos continuamente a nossa atividade e a nossa vida. Somos instáveis, tanto na nossa vida familiar como na nossa vida profissional. Casamo-nos com pessoas de outras culturas e outros cultos. Não somos infiéis, somos móveis.

A nossa identidade é cada vez mais problemática. Empregado? Patrão? Trabalhador autônomo? Pai? Filho? Amigo? Amante? Marido? Mulher? Homem? Nada é simples. Cada vez mais, tudo tem de ser inventado. Não temos modelos. Somos os primeiros a entrar num espaço completamente novo. Entramos no futuro que inventamos peregrinando pelo planeta.

A UNIFICAÇÃO DA HUMANIDADE

A DISPERSÃO

De *Homo erectus* a *Homo sapiens*, a humanidade nasce algures na África oriental, entre um milhão de anos e trezentos mil anos antes de Jesus Cristo. As últimas hipóteses dos paleontólogos sugerem que a faculdade da linguagem tal como a conhecemos hoje só foi plenamente desenvolvida no *Homo sapiens sapiens*. A ajuizar pelas suas capacidades fonatórias, que pudemos reconstituir ao estudar o seu esqueleto, os homens de Neandertal não falavam ainda, ou falavam de um modo muito rudimentar. Antes de se expandir pela superfície do globo e de se misturar com as outras espécies de homens (ou de suplantá-las, consoante as hipóteses), a espécie *Homo sapiens sapiens* parece ter aparecido na região dos grandes lagos africanos favorecida por um isolamento geográfico e por condições ecológicas muito particulares. Os nossos antepassados mais diretos habitavam todos *a mesma zona geográfica*. Originalmente, a sua população contava apenas alguns milhares ou algumas dezenas de milhares de indivíduos. Embora a coisa não esteja absolutamente demonstrada, é provável que tenham falado a mesma língua, ou línguas vizinhas, uma vez que estavam em comunicação uns com os outros.

A partir desta origem inescrutável, a partir deste ponto de partida unitário quase mítico, a humanidade separa-se de si mesma, dispersa-se: afastamento geográfico, divergência de línguas, separação progressiva das culturas, invenção de mundos subjetivos e sociais cada vez menos comensuráveis. Foi a primeira ruptura. O motor desta diáspora de várias dezenas de milhares de anos é relativamente simples: as sociedades de caçadores coletores não são sedentárias, ocupam um extenso território e o desenvolvimento demográfico traduz-se quase automaticamente pela cisão do grupo inicial e pela partida de um ou de vários subgrupos para outros horizontes. Vemos, pois que, numa primeira fase da história da humanidade - a mais longa - o crescimento demográfico se traduz automaticamente pela separação, pelo afastamento. Por vagas sucessivas, a humanidade ocupa todos os continentes, todos os habitats, da savana à floresta equatorial, da savana à floresta equatorial, do Saara à Groenlândia, do antigo mundo às Américas, da Mongólia às ilhas da Oceania.

A segunda grande “ruptura” da aventura humana - uma ruptura que se estendeu por vários milênios - é aquilo a que se convencionou chamar a *revolução neolítica*, ou seja, a mutação técnica, social, cultural, política e demográfica mais importante que se traduziu nomeadamente pela invenção da agricultura, da cidade, do Estado e da escrita. A revolução neolítica tem vários focos distintos, cujos três principais são, por ordem cronológica, o Oriente Médio (a Mesopotâmia e o Egito), a China e as civilizações pré-colombianas do México e dos Andes. Nestas zonas privilegiadas, a humanidade sedentariza-se, concentra-se, multiplica-se, acumula riquezas e registra os signos. A partir dos grandes focos iniciais, o sistema neolítico expande-se e submete progressivamente o conjunto da humanidade. Este processo não está, aliás, totalmente concluído hoje dado que raras sociedades de caçadores coletores ainda sobrevivem. É construído um novo espaço-tempo, o dos territórios, dos impérios e da história. Uma primeira tendência para a conexão, para a concentração ou para a comunicação intensa inverte, pois, o movimento de dispersão precedente. No entanto, esse processo continua a realizar-se à escala regional e apesar das (muito tênues) relações comerciais, a longa distância que ligam as regiões afastadas do mundo antigo, a humanidade continua

pulverizada.

A INTERCONEXÃO GLOBAL

Devemos deixar de olhar a história do ponto de vista de uma nação, de uma região do mundo ou de uma religião. Desde o seu início até esta manhã, a história humana é a aventura da nossa espécie no planeta. É nesta perspectiva que o início dos “tempos modernos”, que são datados no final do século XV, marca um momento importante, dado que este período dá início à reconexão global da espécie humana consigo mesma. Esta terceira grande mutação da aventura humana continua a acelerar-se nos nossos dias. É cómodo datar esta nova fase da “descoberta” da América por Cristóvão Colombo, isto é, da interconexão das principais partes do mundo pelos habitantes ávidos, laboriosos e missionários da península europeia. É certo que este momento inaugural é marcado pela desigualdade das partes em presença, pela opressão de certos povos, pela rivalidade entre diferentes grupos para dominar o mundo. Mas, à escada em que nós nos colocamos, trata-se das modalidades brutais, violentas da reconexão, realizada numa semi-inconsciência, efetuada ou sofrida por grupos humanos que pensam com conceitos e animados por valores herdados do período da divergência. A visão da unidade da espécie humana, evidentemente partilhada por algumas grandes almas, não fazia parte da bagagem cultural da maioria. Esta unidade ainda não era vivida concretamente, como pode ser hoje e como será cada vez mais no futuro.

É surpreendente constatar que no final da Idade Média o desenvolvimento dos meios de transporte - a possibilidade do contato físico - foi rigorosamente paralelo ao desenvolvimento da memória e das comunicações, graças à difusão da imprensa. Também no início dos tempos modernos, o aumento do conhecimento científico - nomeadamente o da geografia e da astronomia - deu aos humanos uma nova apreensão do espaço. O comércio, já global, deu origem a um movimento de desenvolvimento urbano e de crescimento econômico, ininterrupto desde então. Todos os movimentos de conexão, quer os abordemos na perspectiva da geografia, da comunicação, da ciência, do comércio, da urbanização ou dos agrupamentos políticos, são exatamente o mesmo ato de convergência e de alargamento dos horizontes.

A reconexão da humanidade consigo mesma é acompanhada por certo número de “revoluções” na demografia, na economia, na organização política, no *habitat* e nas comunicações que é conceitualmente prático distinguir para fins de exposição, mas que, na realidade, não são mais que diferentes dimensões de um só e único fenómeno de transformação.

Ainda em meados do século XX a grande maioria dos seres humanos era rural e entre estes rurais quase todos trabalhavam a terra e criavam animais. A revolução industrial que começou a transformar este estado de coisas surge hoje como início de um processo que conduz à revolução informacional contemporânea. Provavelmente, haverá sempre agricultores e ofícios de transformação da matéria, mas, mesmo nestas atividades, a parte principal tende a caber ao tratamento das informações e das mensagens, à gestão dos signos. Dado que a informática permite automatizar mesmo estas últimas operações, o trabalho humano tende a deslocar-se cada vez mais para o que não é automatizável, nomeadamente a criatividade, a iniciativa, a coordenação e a relação. Os nossos pais eram camponeses, os nossos filhos trabalharão nas nebulosas de

empresas de formação contínua em rede... ou pertencerão ao terceiro-mundo planetário dos pobres das grandes metrópoles. Os nossos antepassados habitavam no campo, esse lugar bem diferente da cidade, enquanto nós e os nossos descendentes vivemos em *zonas urbanas* quase sem exterior. Estas zonas estão conectadas umas às outras por densas redes de transporte e de comunicações, unidas por referências econômicas, midiáticas e científicas cada vez mais convergentes, atravessadas pelos mesmos fluxos de turistas, de homens de negócios, de imigrantes, de mercadorias e de informações, irrigadas pelas mesmas redes bancárias, frequentadas pelas mesmas músicas, por revoltas equivalentes, por idênticos sem-teto. Num certo sentido, todas as grandes cidades do planeta são como os diferentes bairros de uma única megalópole virtual.

A revolução demográfica é uma dimensão capital do processo de metamorfose em curso. Embora o crescimento, sobretudo europeu, fosse já muito forte no decurso dos séculos XVIII e XIX (ver a colonização do mundo antigo e o povoamento da América), a quintuplicação, ou mais, do número de homens apenas no decurso do século XX representa, em todos os aspectos, um acontecimento excepcional na aventura humana. Esta explosão demográfica foi acompanhada por um desenvolvimento igualmente notável das migrações sazonais ou temporárias, das deslocções de população e da mobilidade humana em geral. Não voltamos a ser nômades como os caçadores coletores, mas já não somos os sedentários do neolítico. O frequente crescimento das nossas viagens, a eficácia e o custo cada vez menor dos nossos meios de transporte e de comunicação, as turbulências das nossas vidas familiares e profissionais fazem-nos explorar progressivamente um terceiro estado, o do “móvel” na sociedade urbana mundial. Esta nova condição de *móvel*, ao multiplicar as vizinhanças, contribui para o encontro ou para a reconexão da humanidade consigo mesma, que é a característica da fase atual. De fato, uma vez o planeta explorado (no paleolítico), conquistado (no neolítico), posto em relação (nos tempos modernos), o crescimento demográfico já não leva à separação e ao afastamento como no tempo dos caçadores coletores, mas, pelo contrário, à densificação dos contatos à escala planetária.

O progresso das técnicas de transporte e de comunicação é simultaneamente motor e manifestação desta entrada em contato generalizada. Insisto no paralelismo dos transportes e das comunicações, porque o *efeito de arrastamento mútuo* é constante, fundamental, constatado por toda a parte, enquanto que a substituição do transporte físico pelas transmissões de mensagens é apenas local e temporária. A navegação de longo curso e a imprensa nascem juntas. O desenvolvimento dos correios estimula e utiliza a eficácia bem como a segurança das redes viárias. O telégrafo é difundido ao mesmo tempo que as linhas férreas. O automóvel e o telefone têm destinos paralelos. O rádio e a televisão são contemporâneos do desenvolvimento da aviação e da exploração espacial. Os satélites lançados pelos grandes foguetes estão ao serviço das comunicações. A aventura dos computadores e do ciberespaço acompanha a banalização das viagens e do turismo, o desenvolvimento do transporte aéreo, a extensão das autoestradas e das linhas de trens de alta velocidade. O telefone celular, o computador portátil, a ligação sem fio à Internet, em breve generalizados, mostram que o crescimento da mobilidade física é indissociável do aperfeiçoamento das comunicações.

Um computador e uma ligação telefônica permitem acessar quase todas as informações do mundo, imediatamente ou recorrendo a redes de pessoas capazes de enviar a informação procurada. Esta presença virtual do todo em qualquer ponto talvez tenha um paralelo físico no fato de qualquer edifício de uma grande cidade conter

elementos materiais vindos de todas as partes do mundo e que concentram conhecimentos, know-how, processos de cooperação, uma inteligência coletiva acumulada há séculos e nos quais participaram de uma maneira ou de outra os mais diversos povos.

Os grandes abalos políticos do século XX podem ser interpretados como as peripécias da crise de unificação, os sobressaltos de sociedades e de culturas herdeiras da fase de divergência - e habituadas a uma relativa estabilidade - que foram apanhadas no irresistível turbilhão da unificação e da mudança. A Segunda Guerra mundial e a guerra fria foram levadas a cabo para a conquista efetiva de um globo agora suficientemente encurtado para que a noção de império mundial não seja vazia de sentido. Estas duas guerras tinham por objetivo não só a cor nacional do império planetário mas sobretudo o modo de organização da grande colônia humana. No ruído e no furor, sem que nenhum dos campos seja absolutamente “puro”, sem que ninguém saiba exatamente o que está em jogo no conflito, os modos de organização mais poderosos, isto é, os mais livres, os mais abertos, os mais favoráveis à inteligência coletiva e à valorização de todas as qualidades humanas foram escolhidos pela seleção cultural.

É diretamente na corrida ao poder, poder econômico e comercial, poder científico, poder técnico, poder cultural, poder político, que o movimento de interconexão se enraíza. Ele não vem de um plano divino, exterior ao devir das sociedades humanas; sobe do interior, é endógeno: ele procura e exprime o maior poder. É porque a nossa *espécie* tende para o poder que ela se interliga e se reúne a si mesma com uma intensidade cada vez mais.

A recente constituição de mega-entidades político-econômicas em escala continental, como a União Europeia, a ALENA na América do Norte, o MERCOSUL na América do Sul, como os agrupamentos que se desenham na Ásia e na zona do Pacífico, apenas iniciam um processo inelutável.

Desde a queda do muro de Berlim, existe apenas um único grande império que domina o mundo: o império não territorial, um império das redes, um centro que faz sentir a sua influência por toda a parte e que arrasta o resto do planeta na sua ascensão para o poder. Pouco importa que este centro esteja aqui ou acolá, distribuído ou concentrado, é um centro virtual, um centro de inteligência coletiva. A humanidade encontra-se pela primeira vez em situação de quase unidade política.

A última década do século XX fez-nos ultrapassar um limiar de planetarização notável: fim da bipolarização política mundial, explosão do ciberespaço, aceleração da globalização econômica. O comercio internacional desenvolveu-se. As empresas multinacionais e transnacionais multiplicaram-se e reforçaram-se. A vaga de desregulamentação, de privatização e de dissolução dos monopólios nacionais (nomeadamente nas telecomunicações) fez escapar as estratégias das grandes empresas mundiais ao controle dos Estados. Os capitais dançam à volta do mundo enquanto a integração financeira internacional se concentra.

O movimento de aquisições e de fusões que atinge todos os setores da economia exprime o encurtamento do espaço comum. Não exigimos que os filmes que vemos ou que a comida que comemos tenham sido produzidos no canto da nossa rua. Mas o que é

hoje uma nação? O que é senão um aglomerado de casas num dos bairros da megalópole planetária? É neste novo quadro que é necessário compreender o extraordinário movimento de concentração que se observa entre as grandes empresas. Torna-se absurdo que vinte e cinco sociedades de telefone, de automóvel, de aeronáutica ou de distribuição ofereçam o mesmo serviço no mesmo bairro. Brevemente, para cada grande função haverá apenas quatro ou cinco mega-empresas planetárias... com uma frota sempre em mutação de pequenas empresas inovadoras à sua volta. A pressão dos consumidores, como a lógica profunda do marketing fará progressivamente destas imensas corporações, “serviços públicos planetários”. Estas empresas deverão seguir o movimento da sociedade do mesmo modo que o conduzirão, caso contrário serão abandonadas por consumidores cada vez mais a par das alternativas possíveis, especialmente graças à Web.

Os economistas que negam a novidade e a importância da fase atual de globalização - e há alguns - aproximando-a da situação que prevalecia antes da Primeira Guerra Mundial enganam-se completamente. É exato que o movimento contemporâneo de interconexão econômico do planeta prolonga uma tendência de vários séculos, que conheceu uma fase temporária de recuo na primeira metade do século XX (as guerras mundiais, a emergência dos nacionalismos e a recessão dos anos 30). Mas o desenvolvimento das estradas, do carro individual, das linhas férreas, da aviação, do turismo, dos meios de comunicação, das telecomunicações em geral e do ciberespaço em particular, tal como os avanços do sufrágio universal, a libertação dos costumes, a urbanização crescente e a ascensão da ciência e da técnica, todas estas evoluções produziram uma humanidade infinitamente menor, mais densa, mais rápida, mais comercial, mais consumidora, mais comunicante, mais produtiva, mais inteligente, mais consciente de si mesma e do seu planeta que a do final do século XIX. Nunca estivemos tão perto uns dos outros. Nunca nos misturamos tanto. Nunca houve tantos planetários. Nunca houve juventude mundial, música mundial, cultural mundial como há agora. O final do século XX marca um limiar decisivo e *irreversível* do processo de unificação planetária da espécie humana.

CENTRO E PERIFERIA NUM MUNDO INTERCONECTADO

A visão de um mundo interconectado não conduz necessariamente ao irenismo¹ mas sim a uma nova apreensão dos conflitos. Efetivamente, só nos batemos com os nossos vizinhos ou, no mínimo, com adversários ao nosso alcance. Geralmente, o inimigo hereditário trava batalha em torno das fronteiras. A etnia detestada vive no mesmo território. A guerra é em larga medida um jogo no espaço e na proximidade, um trabalho topológico: cercar o adversário, separá-lo das suas próprias forças, interromper ou baralhar as suas comunicações, atingi-lo sem ser atingido, etc.

As duas guerras mundiais do século XX tinham traduzido o encurtamento do espaço prático mundial. O terrorismo joga na ubiquidade e na midiaticização num mundo interconectado.

O que se passa quanto todos os pontos se tornam quase vizinhos uns dos outros por intermédio de satélites, da CNN, da Internet, de porta-aviões, bombardeiros e mísseis? A emergência das guerras civis torna cada vez mais sensível que à nova escala do planeta *todas as guerras se tornam guerras civis*.

O PODER DEPENDE DA INTERCONEXÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, o conflito ocorrido entre os dois blocos tinha transformado o planeta num tabuleiro de xadrez onde todas as casas estavam diretamente acessíveis ou manipuláveis pelos dois principais adversários. Este conflito de quarenta anos terminou com o afundamento do império soviético, cuja forma de organização era incompatível com a multiplicação crescente dos contatos e a desterritorialização que é própria do período histórico atual. A emergência de modos de comunicação descentralizados e incontrolláveis pelo poder político (telefone, fax, fotocopiadoras, microcomputadores, impressoras, televisão por satélite, etc.) tinha reduzido consideravelmente o seu domínio sobre a sociedade. Lembremo-nos que nos bons tempos do stalinismo a posse de uma máquina de escrever devia ser declarada à polícia e que os compradores de papel químico eram objeto de uma vigilância feroz. As pessoas ligadas à Internet (o *samizdat*² planetário) são hoje objeto da mesma inquietação paranoica por parte do poder na China e de algumas outras ditaduras. Ora, o desenvolvimento das interconexões - tanto internas como com o exterior - tinha sido reconhecido pela equipe de Gorbachev como uma condição *sine qua non* do desenvolvimento técnico, económico e social: abertura, transparência, *glasnost*. Mas, esta interconexão, base concreta dos processos de inteligência coletiva que geram a prosperidade económica e social nas sociedades contemporâneas, atingia em pleno o próprio funcionamento do sistema burocrático.

Generalizemos ousadamente: quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma económica ou um estilo de organização tem afinidade com a densificação das interconexões, tanto mais sobreviverá e se difundirá no meio contemporâneo. A melhor maneira de manter e de desenvolver uma coletividade já não é erguer, manter ou

¹ Irenismo: atitude conciliadora com outras religiões.

² *Samizdat*: no regime soviético, atividade de dissidência e sua divulgação.

estender *fronteiras*, mas alimentar a abundância e melhorar a qualidade das *relações* no seu próprio seio com os outros coletivos. O poder e a identidade de um grupo dependem da qualidade e da intensidade da sua conexão consigo mesmo mais que na sua resistência em comunicar com o exterior. Para empregar uma metáfora zoológica, sendo a interconexão dos neurônios mais importante que a espessura da pele, o homem domina o rinoceronte.

Longe de implicar uma equalização das zonas geopolíticas, a densificação das comunicações e o encurtamento do espaço prático tornam mais visíveis que nunca as dominâncias e as disparidades. Durante a guerra do Golfo e a guerra do Kosovo, vimos bem o papel determinante do controle dos transportes, da logística, das comunicações, da coordenação e da propaganda pela América hoje dominante. A supremacia militar, o poder econômico, a difusão cultural, estão diretamente correlacionados com a capacidade de controlar os fluxos de informações, de conhecimentos, de dinheiro e de mercadorias. O que é um centro? Um nó de fluxos. Um lugar geográfico ou virtual do qual tudo está “próximo”, acessível. O que é uma periferia? Uma extremidade da rede. Uma zona onde as interações são de curta amplitude e de fraca intensidade, onde os contatos ao longe são difíceis e dispendiosos. O centro está densamente interconectado consigo mesmo e com o mundo, a periferia está mal conectada consigo mesma e as suas ligações com o seu meio são controladas pelo centro. Dizer que a Europa foi, entre os séculos XVI e XIX, o centro que interligava todas as partes do mundo ou afirmar que dominou e colonizou o planeta é exprimir duas vezes a mesma realidade com palavras diferentes.

Interesso-me há vinte anos pela informática e pelas redes digitais porque estas técnicas de comunicação e de tratamento da informação manifestam a densidade comunicacional máxima, ou a *centralidade* de hoje, e isto pelo menos de duas maneiras complementares: “exterior” (político-econômica) e “interior” (relacional e cognitiva). Na face externa, a multiplicação do número de computadores pelo número de tomadas de telefone é o melhor índice da centralidade de um lugar. Neste aspecto, a ilha de Manhattan tem mais peso que a África subsaariana. A interconexão dos computadores mede muito precisamente um potencial de inteligência coletiva de alta densidade em tempo real. Em contrapartida, encontramos tantos, ou mesmo mais, receptores de televisão nos bairros de lata do México que nos bairros de negócios das grandes cidades europeias, americanas ou japonesas. Um aparelho de televisão é um receptor passivo, uma extremidade da rede, uma periferia. Um computador é um instrumento de intercâmbio, de produção e de armazenamento de informações. Desde que canalize e entrelace um grande número de fluxos, torna-se um centro virtual, um instrumento de poder.

Na face interna, as redes de computadores suportam uma série de *tecnologias intelectuais* que aumentam e modificam a maior parte das nossas capacidades cognitivas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos), raciocínio (modelação digital, inteligência artificial), capacidade de representação mental (simulações gráficas interativas de fenômenos complexos) e percepção (síntese de imagens a partir de dados digitais, nomeadamente). O controle destas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos meios humanos que fazem uma utilização adequada dele. Além disso, esse controle favorece o desenvolvimento e a manutenção de processos de inteligência coletiva, dado que ao exteriorizarem uma parte das nossas *operações cognitivas*, as tecnologias intelectuais com suporte digital tornam-nas em grande medida

públicas e partilháveis. Tal como as técnicas da agricultura, da pecuária e da arquitetura foram portadoras da revolução neolítica, as tecnologias informáticas - com as biotecnologias - são as portadoras da revolução noolítica³. É, pois normal que a sua presença indique a nova forma de centralidade.

OS CENTROS ARRASTAM AS PERIFERIAS PARA O FUTURO

Como dizíamos acima, um mundo interconectado não é necessariamente um mundo homogêneo. O encurtamento do planeta não implica de modo algum uma equalização de todas as zonas geográficas, pelo contrário. De fato, a terra é encurtada por um processo quase embriogênico de crescimento das conexões. Ora, este crescimento das conexões está *centrado*. A humanidade unifica-se a partir de zonas geográficas densamente povoadas, de meios sociais favoráveis à inteligência coletiva, de redes econômicas e comerciais dinâmicas, de nós de acumulação e de desenvolvimento de conhecimentos. Numa situação em que os grupos humanos estão dispersos ou apenas tenuemente conectados, as diferenças entre as zonas do mundo são fracas. Quanto mais o desenvolvimento humano ultrapassa etapas, mais se reforçam as diferenças. A revolução neolítica (a invenção da cidade, da agricultura, do Estado e da escrita) criou a diferença entre os nômades e os sedentários, entre as pessoas que vivem na idade da pedra e as que habitam as capitais de impérios, entre os escribas e os analfabetos, entre os senhores da terra e os camponeses: todas as distinções que não existiam no paleolítico. A revolução que vivemos hoje, comparável pela sua amplitude e pelos seus objetivos antropológicos à revolução neolítica, está em vidas de criar disparidades e desigualdades ainda mais profundas. Nela, os objetivos já não dizem respeito à posse da terra ou ao acesso ao poder político, mas sim à participação numa inteligência coletiva que é indissolúvelmente cognitiva, relacional, ética, simbólica e econômica.

Mas, do mesmo modo que os centros da revolução neolítica atraíram progressivamente (em menos de 5.000 anos) a maioria da humanidade para a sua órbita, dado que hoje já quase não há população que cultive um estilo de vida paleolítico e que a maioria dos humanos viva em cidades, também a revolução noolítica, a da inteligência coletiva, vai atrair progressivamente - em menos de um século ou dois - o conjunto da humanidade para a sua órbita. Os centros de inteligência coletiva vão à frente das zonas periféricas, são eles que exploram e criam futuro, um futuro que transmitem a um prazo mais ou menos longo ao resto do mundo. Diz-se que estão “adiantados”. Refletindo cinco minutos sobre a questão, compreendemos facilmente que é impossível que a evolução da humanidade se produza exatamente ao mesmo ritmo por toda a parte, a não ser que esta evolução seja planificada por uma instância superior. Mas, a hipótese de uma ditadura mundial - cuja probabilidade não foi nula entre os anos 1930 e 1980 do século XX - indicaria mais um terrífico recuo que um progresso. É natural que as sociedades mais interconectadas, mais rápidas, mais livres, mais inventivas, logo, mais poderosas, explorem o futuro antes das outras e que, ao fazê-lo, aumentem as distâncias que as separam dele. Mas, ao mesmo tempo, elas criam um apelo, uma atração irreversível que aspira o resto do mundo para o seu caminho. A questão das “desigualdades” mundiais não deve, pois, ser considerada segundo um esquema estático, nem como a resultante

³ A pedra do espírito continua a ser o mesmo sílex do paleolítico e do neolítico, mas desta vez sob a forma do silício dos microprocessadores e das fibras óticas... enquanto esperamos pelos nanoprocessadores construídos a partir de biomoléculas.

de uma situação de opressão na qual uns são inocentes vítimas e os outros culpados exploradores. Teríamos uma visão mais justa se considerássemos a dinâmica geral da situação, uma dinâmica na qual a relação de dominação (inegável) é acompanhada por uma relação de arrastamento para um futuro comum. Além disso, em vez de se considerarem como vítimas de abuso ou opressores culpados, em vez de desempenharem sempiternamente os mesmos papéis habituais, os atores em presença teriam todo o interesse em viverem como seres responsáveis que criam cooperativamente as suas situações e as dos outros.

Um estudo da distribuição do poder no planeta no início do século XXI permitiria ver nitidamente uma constelação principal nos Estados Unidos (costa Leste, costa Oeste, região dos grandes lagos, mais algumas zonas urbanas particularmente dinâmicas aqui e acolá), um círculo secundário na Europa ocidental, no Japão e em algumas grandes metrópoles da Ásia e da América Latina, uma imensa zona marginal no resto e alguns terríficos buracos negros econômicos, sociais e intelectuais: ditaduras, poderes políticos corruptos, zonas controladas pela máfia, regiões estilhaçadas por guerras civis ou locais, fanatismos religiosos, etc.

O PODER DEPENDE DA INTELIGÊNCIA COLETIVA

Uma vez que a distribuição geográfica da riqueza já não tem, há muito tempo, nada a ver com a abundância da caça, com a fertilidade natural dos solos, nem com a riqueza do subsolo, somos obrigados a admitir que ela resulta do modo de organização das populações, da qualidade da produção e da reprodução da cultura. As sociedades mais periféricas são as que estão mais em guerra consigo mesmas e com o resto do mundo, ou as que se agarram cegamente ao seu passado. As sociedades mais centrais, em contrapartida, colocam a maior parte da sua energia na multiplicação dos esforços de uns pelos outros, no desenvolvimento da sua inteligência coletiva e a inventar o futuro. Não é o capital financeiro, nem mesmo o capital de conhecimentos, que constitui o principal trunfo do poder (nem a explicação da centralidade), mas sim a inteligência coletiva que produz um e outro... e que sabe utilizá-los.

Além disso, a relação centro-periferia depende cada vez menos de parâmetros locais e cada vez mais da participação em redes desterritorializadas de inteligência coletiva. Todas as grandes metrópoles abrigam sociedades de planetários densamente conectadas ao resto do mundo e excluídos cujo modo de vida se aproxima daquele que prevalece nas regiões mais deserdadas do planeta. Tudo se mistura.

Realiza-se uma espécie de corrida de velocidade entre o movimento dos centros rumo ao futuro, que prossegue a tendência para uma interconexão crescente, e o resultado deste movimento, ou seja, o encurtamento do espaço que reduz a distância entre o centro e a periferia. Quanto mais os centros interconectam o mundo, mais densificam a sua interconexão, mais aumentam a distância em relação ao resto do mundo. É esta tensão dialética que explica que os centros de pode arrastam no seu caminho o resto do planeta.

O FIM DAS FRONTEIRAS

É necessário que olhemos o mundo de hoje com os olhos do mundo de amanhã, não com os olhos do mundo de ontem. Ora, os olhos de amanhã são olhos planetários. As fronteiras são ruínas, ainda de pé, de um mundo ultrapassado.

BOAS-VINDAS AO PLANETA

A passagem das fronteiras é a nova pulsação da Terra. Alguns Estados fazem barricadas nos seus limites para impedirem os seus cidadãos de escaparem: são as ditaduras, as prisões dos povos. Outros Estados fecham a cadeia as suas fronteiras no outro sentido e filtram a imigração para não sentirem no seu território o efeito das suas ações ou das suas políticas nos países pobres. Todos os países ricos têm problemas de imigrados recusados ou clandestinos que reclamam o direito de irem para onde quiserem. A pressão nestas membranas herdadas do neolítico, que são as fronteiras dos Estados, faz-se sentir por toda a parte. Que as informações e os capitais circulem cada vez mais depressa na superfície do planeta, no mundo virtual desterritorializado das finanças e das redes eletrônicas! Muito bem. Mas, então, que se permita também que os humanos circulem sem fronteiras. A longo prazo, não se pode ter um sem o outro. Por que razão os capitais haveriam de poder deslocar-se sem entraves para os investimentos mais rentáveis quando as pessoas não têm o direito de se estabelecerem livremente nas zonas mais favoráveis? Por que razão o dinheiro é livre nos seus movimentos e não aqueles que o produzem, ganham-no, gastam-no, lhe dedicam a vida? A preocupação dos excluídos da globalização encontraria aqui motivo para se exercitar concretamente. Se somos *verdadeiramente* solidários com os pobres, devemos acolhê-los, em vez de acusarmos este ou aquele bode expiatório, ou de lhe darmos a esmola ao longe, sem querer senti-los perto de nós.

O mundo bate à nossa porta. O mundo que sofre, o mundo que foge aos tiranos e à grande pobreza também ele se quer tornar planetário, como nós. Quer escapar às prisões da miséria e do fanatismo, às masmorras construídas pela loucura do “poder”. Quer escapar às imundas máfias que proclamam a sua legitimidade porque conseguiram conquistar o Estado, mas que recusam aos povos que pressionam o direito de se exprimirem e de viajarem. Os emigrantes inteligentes deixam que se matem uns aos outros aqueles que querem suicidar-se coletivamente em guerras civis, guerras de religião, guerras étnicas ou ideológicas. Eles querem migrar para céus pacíficos. Acolhamo-los. Esse mundo também quer fazer turismo, ligar-se às redes como nós. Quer consumir, como nós. Quer trabalhar. Quer captar os satélites. Quer fazer amigos por toda parte. O ato de compaixão, a ajuda real não se mede pelos discursos denunciadores, pela crítica, pela acusação: mede-se pela hospitalidade. Não vos peço o vosso visto de entrada, o vosso passaporte, a vossa autorização de permanência, a vossa autorização de trabalho, a vossa nacionalidade, o vosso local de nascimento. Sois seres humanos. Bem-vindos ao planeta.

A diferença que fazemos entre os do nosso país e os “estrangeiros”, entre os que nasceram aqui e os que nasceram ali, é tão absurda como seria uma discriminação entre pessoas nascidas à segunda-feira e pessoas nascidas à sexta-feira (distinção que, aliás, fazem os nativos de Bali). Zombamos da astrologia, mas pontificamos doutamente sobre as nações. Todas as guerras, todos os ódios nacionais podem ser comparados a qualquer

luta surrealista entre nativos dos anos pares e nativos dos anos ímpares. Um ser humano é tão judeu, americano ou chinês como um ano é verdadeiramente par ou ímpar. O número que o designa convencionalmente não diz absolutamente nada sobre a sua verdadeira natureza. Para conhecer um ano, é preciso tê-lo vivido... O que é um ser humano? Uma duração de existência, um rio de experiências onde se reflete o todo. A alma não tem nacionalidade. Todas as almas têm uma única pátria espiritual. O corpo não tem nacionalidade. Todos os corpos têm uma única humanidade. Não somos de um país, somos de um período do espírito humano. Aborígenes da Austrália, somos paleolíticos. Camponeses índios, somos neolíticos. Profissionais das metrópoles planetárias, somos noolíticos, e temos nas nossas pastas o mesmo silício em que são talhadas as bifaces dos nossos antepassados. As verdadeiras nações são as vagas do espírito. As vagas de um único espírito.

A NOVA POLÍTICA PLANETÁRIA

Como podemos escolher a sociedade? Pela luta política ou pela deslocação geográfica? Pela revolução francesa ou pela revolução americana? Mudar de governo ou mudar de país? Pela tomada do poder ou pelo êxodo? A solução de futuro é a segunda. O poder está ao lado da emigração. Não se reforma um Estado, deserta-se. E é no deserto que se descobre a Lei. Do Êxodo à conquista do Oeste, a fuga dos povos para a outra margem foi mais eficaz e talvez mais significativa que a sua revolta. Quem eram os *justos* durante a Segunda Guerra Mundial, na Europa? Aqueles que deixavam partir os perseguidos, aqueles que os acolhiam? Lembrai-vos dos *boat people*. Lembrai-vos das filas dos Lada diante dos postos fronteiriços da Alemanha de Leste ou da Hungria, no momento da queda dos regimes burocráticos na Europa. Toda a população queria sair. Lembrai-vos da rapidez com que a Alemanha se reunificou. Talvez todo o mundo venha a tornar-se a Alemanha, ou a América, a atrair imigrantes.

Nova Iorque é a maior cidade judaica do mundo. Um quinto da população de Vancouver (Canadá) é chinesa. Vietnamitas, tibetanos, chineses, argelinos, palestinos, italianos, gregos, turcos, armênios, albaneses, bósnios, hindus, judeus, africanos; os povos cruzam-se nas grandes metrópoles do novo e do velho mundo. A sua errância peregrina as vias do planeta. As barreiras estatais rebentam. Por todo o lado, a opinião pública mundial reclama o julgamento planetário dos ditadores, cada vez menos protegidos pela pretensa soberania nacional. As fronteiras já só servem para abrigar criminosos. Olhai os europeus, que já têm apenas uma moeda e já não têm postos alfandegários nas fronteiras. Não será a civilização? Não vedes a direção da evolução? Um dia, o movimento de circulação dos seres humanos será tão denso e tão poderoso que as fronteiras, já permeáveis aos capitais, às mercadorias e à informação, cederão finalmente diante das pessoas.

Pela primeira vez, a ideia de uma Terra sem fronteiras não surge como a aplicação de um princípio abstrato ou como um sonho utópico, mas como o prolongamento realista de uma tendência que cada um pode observar.

Alguns povos acabam de atingir a sua liberdade. Estão orgulhosos da sua nação! E em menos de uma geração, de tal modo a história se acelera, a nação já não tem sentido. Ela já não é senão um bairro de uma grande cidade e, em breve, um aglomerado de casas, um canto de rua... A ideia de nação tornou-se um impasse. Alguns

povos descolonizados tiveram uma experiência cruel desse fato. É verdade que a liberdade retomou a ideia de nação durante várias gerações. Mas já não é por essa porta demasiado estreita que passa agora a liberdade humana. Se os três últimos séculos foram nacionais, os próximos serão planetários.

Evitemos os mal-entendidos. O fim das fronteiras não significa de modo nenhum o fim das administrações públicas. Não há alfândegas entre as freguesias de uma grande cidade, nem entre os distritos, as regiões ou os Estados de um país federal. O mundo será uma confederação planetária centrada numa rede de grandes metrópoles. E o fim das fronteiras não é o fim da política, talvez seja, pelo contrário o verdadeiro início da política, uma política liberta da sua hipoteca territorial, uma política sem inimigos, que poderá dedicar-se finalmente a afinar a inteligência coletiva.

Já não podemos agir de qualquer modo com outras parcelas do planeta “porque elas estão longe”. Nada do que entra na espiral cibernética do efeito de retorno dos nossos atos está agora “longe”. Ecologia, economia, tecnologia, demografia: atingimos todo o planeta e todo o planeta nos atinge. Tudo o que nos faz viver com os resultados dos nossos próprios atos engrandece-nos porque aumenta, com o nosso sentido de responsabilidade, a acuidade da nossa percepção e a amplitude da nossa liberdade. Havia uma política internacional há séculos, mas nós só descobrimos há alguns anos a política planetária.

“A unidade da humanidade! Que utopia!”, diz-se. Mas não veem estes satélites, esta televisão, a Internet, esta economia interligada, esta comunidade mundial dos cientistas e dos artistas? Não sois testemunhas destes reais progressos morais que são já a abolição da escravatura, a igualdade de direitos, o sufrágio universal, cada vez mais difundido. Não sentis que podemos agora tocar com o dedo a unidade da humanidade? “Não, não! Tudo isso é Utopia. Há desigualdades. Devemos denunciar as desigualdades, denunciar os mais poderosos.” E manter em boa conta o nosso papel de intelectuais críticos sem ideias, sem visão, sem generosidade, simplesmente porque pretendemos resistir ao movimento, porque somos conservadores, anticapitalistas, antiamericanos, anti-qualquer coisa, porque somos *contra* o mundo como ele está. Devemos continuar a assinar-nos uns aos outros com ideias estúpidas de nações, de soberania nacional, de religiões pretensamente melhores que outras, com categorias raciais, sociais ou culturais que nos permitem detestar-nos uns aos outros! Devemos exacerbar a guerra dos ricos e dos pobres! Isso é que é ser inteligente! Isso é que é ser superior! Isso é que é ser “crítico”.

E se esquecermos por um instante os nossos conflitos, as nossas rivalidades, as nossas “desigualdades”? se parássemos um segundo para vermos onde estamos e erguermos os olhos para o futuro?

De que lado se encontra o futuro? Basta olhar para onde convergem os fluxos de imigração. Tendendo cada vez mais a serem livres no planeta, as populações deslocam-se consoante os diferenciais de bem-estar e de liberdade. Em certos países, os cidadãos querem sair. Noutros, uma série de candidatos à imigração acotovela-se nas fronteiras. Quem atrai as pessoas? Não só os países ricos, mas também os países livres, que geralmente são os mesmos. Para onde têm realmente vontade de ir os talentos? Não forçosamente para onde são mais bem pagos, mas provavelmente onde são mais respeitados que invejados, impedidos, ameaçados por pessoas com “poder”. Dirigem-se

para os meios humanos onde o seu trabalho não é desperdiçado. Se não estamos contentes com a empresa que nos emprega, em vez de reivindicarmos, partimos para outro lado. O mesmo acontece com o casal ou com a família. Rompemos. Procuramos noutro lado a sorte ou a felicidade. Deslocamo-nos. Em vez de perderem o seu tempo a reformarem o que não quer reformar-se, os planetários, votando com os pés, dirigem-se para os locais do globo onde os poderes vitais e criativos podem associar-se livremente e multiplicar-se uns pelos outros, rumo aos focos de inteligência coletiva.

A concorrência entre as empresas realiza-se agora na competição para atrair os melhores: os mais criativos, os mais cooperativos, os mais trabalhadores, os mais abertos, os mais éticos. Tal como nas empresas, algumas zonas do mundo já compreenderam que se tornariam as melhores atraindo as melhores pessoas. Isto redefine completamente a política internacional e a concorrência entre as zonas geográficas. Em breve, a única “guerra” que haverá entre as regiões do mundo será o esforço para seduzir os melhores. Os melhores que vêm não interessa de onde. Em breve, o conceito vazio de “nacionalidade” não terá qualquer importância. Já não serão as identidades nacionais (cada vez mais misturadas) que farão a diferença entre os grupos humanos, mas as qualidades de inteligência coletiva. Na escala individual como na escala coletiva, em vez de desenvolvermos as nossas capacidades de defesa e de agressão, desenvolveremos as nossas capacidades de acolhimento, de compreensão e de inovação. Esta estratégia será muito mais económica, tanto do ponto de vista da riqueza material como do ponto de vista da diminuição do sofrimento.

A imigração é o único problema político importante porque é praticamente o único grande poder que resta aos Estados. Quando a circulação das pessoas for livre, então o Estado deixará realmente de ter qualquer poder dos coletivos que administra. A sanção dos governos regionais será a fuga dos povos, atraídos por mais poder e bem-estar noutro lugar. As estatísticas de entrada e de saída dos cérebros serão as novas formas de eleição e de sondagem. A abolição das fronteiras e a liberdade de imigração são as últimas revoluções a realizar. Avançamos a grandes passos para a proclamação da confederação planetária. Imaginai a festa mundial que se seguirá!

A AVENTURA DA CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA

O ENCURTAMENTO DO ESPAÇO

Imaginemos que uma simulação informática nos permite visualizar a aventura da humanidade no globo terrestre desde o seu nascimento até à época contemporânea. Observaríamos o aparecimento dos homens numa pequena zona do globo; a lenta, lentíssima dispersão do período do paleolítico; as primeiras grandes concentrações da fase neolítica; depois, a extraordinária densificação do povoamento, dos transportes e das comunicações que caracteriza os últimos séculos com uma aceleração inusitada nos últimos cinquenta anos. Como na origem, mas numa outra escala, a humanidade constitui novamente uma única sociedade. Este acontecimento à escala antropológica é tão recente que a maioria dos nossos conceitos, das nossas formas culturais, das nossas instituições políticas - herdadas dos períodos precedentes - estão radicalmente desadaptadas.

Meditemos um instante sobre a seguinte citação de Fernand Braudel: “medida a velocidade dos transportes do tempo, a Borgonha de Luis XI é várias centenas de vezes toda a França de hoje⁴”. Esta frase subentende-se que, para o estudo dos fatos humanos, a consideração do *espaço prático* é mais importante que a do espaço físico ou geográfico, objetivo e imutável. É certo que, se só considerarmos o espaço físico, a distância entre Lutécia e Lugdunum (Paris e Lyon) era a mesma na época galo-romana que hoje. Mas, para o espaço prático que nos interessa, quando queremos compreender os fenômenos culturais e sociais, a existência de linhas telefônicas e da ligação por trem de alta velocidade que põe Lyon a duas horas de Paris introduz uma diferença capital entre as proximidades antiga e contemporânea. Cada dispositivo de transporte e de comunicação modifica o espaço prático, isto é, as proximidades efetivas. Nesta perspectiva, podemos dizer que, medida em relação à velocidade, ao custo e à dificuldade dos transportes e das comunicações do seu tempo, uma nação do século XIX é mais extensa do que todo o planeta hoje. Do ponto de vista do espaço prático, se multiplicarmos as quantidades de homens e de mercadorias em jogo pelos tempos de transporte, as alfândegas internas que ainda dividiam a França na véspera da Revolução eram infinitamente menos condicionantes que as fronteiras que separam o mundo de hoje. Sublinhemos ainda que o telefone, a televisão por satélite e a Internet duplicam a possibilidade de ter materialmente ao alcance da mão uma proximidade cognitiva e afetiva não menos surpreendente.

O SENTIDO PROFUNDO DO ENCURTAMENTO DO ESPAÇO

A extensão e a densificação das redes de transporte e de comunicação manifestam-se por um processo de interconexão geral que implica num encurtamento do espaço prático e, ao mesmo tempo, uma aproximação dos humanos e um alargamento das duas perspectivas: é esta, em suma, a essência do processo de planetarização. Existe, portanto, um sentido na história. Não reside necessariamente num aumento demográfico indefinido. Provavelmente, o número de humanos vai estabilizar dentro de algumas dezenas de anos. A sua essência não é forçosamente a procura infindável de um

⁴ Civilisation matérielle, économie et capitalisme, tomo 3, p. 340, Armand Colin, Paris, 1979 (edição de bolso).

crescimento econômico mensurável em mercadorias produzidas, em matérias-primas utilizadas ou em energia queimada, embora seja provável que o crescimento quantitativo de bens materiais estabilize muito mais tarde que o do número de pessoas. O que parece ter de crescer sempre é a melhoria qualitativa da comunicação e da interconexão entre os seres humanos. Um tecer cada vez mais fino da consciência coletiva.

As metamorfoses do espaço e do tempo - o encurtamento e a aceleração que se observa por toda parte - são metamorfoses da consciência. Sabemos há muito tempo que a consciência não está no espaço. Mas todos os espaços estão na consciência. A divisão tradicional operada pelas ciências humanas e sociais (economia, sociologia, psicologia, etc.) impede-nos de captar a unidade profunda da transformação em curso. Só regressando à integridade de uma consciência não dividida poderemos compreendê-la: prestando atenção ao modo como todos a vivemos na primeira pessoa.

A “economia” ou a “cultura” não são nada de substancial, mas apenas dimensões da experiência humana isoladas pela nossa inteligência analítica. A realidade da vida coletiva é uma inextricável imbricação de vidas concretas, de vidas totais, umas dentro das outras, o entrelaçado das consciências e das ações humanas. Separadas umas das outras, objetivantes, as ciências sociais, as ciências humanas só oferecem representações simplificadas, unidimensionais, abstratas, do verdadeiro movimento da sociedade. As dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas e outras atravessam as consciências e só existem por elas. São a sua emanção. Tudo o que é coletivo só existe realmente nas consciências das pessoas, na sua experiência de vida. Simetricamente, tudo o que é individual é, precisamente por esse fato, coletivo e público. Os problemas “pessoais” são também problemas econômicos, culturais, sociais. Cada um de nós é o sismógrafo ultrasensível de uma sociedade de sismógrafos que se captam entre si. A consciência universal, feita de campos de consciência pessoais entrelaçados, é atravessada por sensações, percepções, emoções e pensamentos impessoais que vogam no grande rio que nos arrasta a todos. A verdadeira substância da história é a das vidas, de todas as vidas: a soma intotalizável das experiências e das suas relações. *A história é a aventura da consciência.* Uma consciência primeiro terrivelmente dispersa, depois cada vez mais unida, cada vez mais consciente de si mesma.

O encurtamento das distâncias que se observam no planeta desde há alguns séculos manifesta o esforço que cada consciência realiza para se juntar às outras. É o trabalho que a consciência faz para se juntar a si própria. Porque só nas consciências (no universo do sentido, do desejo e da ação) é que o espaço encurta, graças aos meios de transporte e de comunicação; no mundo “exterior” os pontos estão sempre à mesma distância.

Da linguagem aos primeiros pictogramas, da perspectiva à imprensa, da fotografia ao cinema e à realidade virtual, dos telescópios às digitalizadoras, das matemáticas à informática, do disco ao rádio, das bibliotecas à World Wide Web, captamos o desenvolvimento da percepção, da memória, da comunicação, da conexão em geral como um único movimento orgânico que tende para o desenvolvimento de uma inteligência coletiva da humanidade. Toda a história dos meios de comunicação concorre para pôr em colaboração as consciências.

Precisamente antes da sua reunificação, a consciência coletiva hesitou. Iria ficar

dividida, em guerra consigo mesma? Houve - como dissemos - as grandes guerras mundiais e a guerra fria. Depois, um dia, algures durante a década de 90 do século XX, decidiu que mais valia deixar de lutar contra si e constituir uma única inteligência coletiva, uma única cidadela de luz. É certo que ainda existem “países”, “culturas identitárias”, “oposições ideológicas”, guerras civis, ditaduras. Mas acreditamos cada vez menos nelas. São apenas sinais de atraso cultural. Dentro de algumas dezenas de anos, um século no máximo, tudo isso terá desaparecido.

Divergimos desde o nosso aparecimento na Terra até ao século XV depois de Cristo. Durante os cinco séculos que se seguiram, trabalhamos sobretudo para gerir a herança da separação enquanto que a vaga nos conduzia à convergência. Durante a maior parte do tempo sofremos o movimento de unificação como uma violência, em vez de o acompanharmos ou de o conduzirmos conscientemente. Chegou o momento de decidir o rumo a tomar. Para compreender a evolução cultural e social, não devemos virar-nos para o passado, mas para o futuro, olhar na direção da evolução. Prolonguemos um pouco a curva de convergência em vez de nos afundarmos na consideração do que nos separa. Acabamos de sair da pré-história. As separações são a parte sombria da nossa herança, em vias de liquidação progressiva. O verdadeiro destino do homem é ser um planetário, participando ativamente na inteligência coletiva da sua espécie.

Porque é a inércia da divergência, a história - isto é, o passado que ainda vive no presente - opõe-se quase sempre à paz e à unificação da humanidade. Mas a nossa herança histórica contém também grãos de despertar, gerações de consciência, surtos de universalidade que tendem há muito tempo para a associação dos humanos: a técnica, a ciência, o comércio, a democracia, a filosofia, a arte, a espiritualidade, o amor... tudo o que ascende à convergência e à expansão da consciência.

Sim, há sempre vastas zonas enquistadas da consciência, onde a vida coletiva ainda não circula tão rapidamente, tão livremente como nos centros de despertar, nos centros de inteligência coletiva onde se inventa o futuro em jato contínuo. Mas todas elas acabarão por serem conduzidas para o movimento ascendente da consciência que se une a si mesma.

Por que quererá a consciência unir a si mesma? Porque, ao fazê-lo, ela aumenta, cresce, estende-se, compreende espaços e mundos cada vez mais vastos. Se o movimento de interconexão não estivesse em relação com um avanço de consciência não seria um progresso. A interconexão não é senão a face material da expansão da consciência. Os dois movimentos andam sempre a par desde o início da evolução biológica até o século XXI, dado que a história humana prolonga a da vida. A história da consciência começa no sistema nervoso.

DO NICHU ANIMAL AO MUNDO HUMANO

O ORGANISMO E O SEU NICHU

Nos animais mais simples, aqueles que chegaram ao início da evolução biológica, os captadores sensoriais e os músculos fundiram-se no mesmo órgão. Estes organismos têm, pois, reações *imediatas* aos encontros que fazem no seu meio. Certa variação da concentração de uma molécula, por exemplo, provocará diretamente uma contração do órgão sensorio-motor.

Nos estádios seguintes da evolução, começa-se a ver aparecer uma diferenciação dos captadores sensoriais e dos órgãos motores. É então que começam a estabelecer-se *redes de comunicação* entre os captadores e os músculos. O neurônio que transmite a informação sensorial ao músculo é um captador externo. Por sua vez, o captador externo (fotorreceptor da retina, por exemplo) é um captador da reação do meio à ação do organismo. A densificação de um ambiente de comunicação interna e o alongamento da espiral cibernética que liga as ações do organismo às reações do seu ambiente correspondem a um duplo movimento, complementar embora aparentemente contraditório: uma *diferenciação* do organismo, cada vez menos fundido no seu ambiente, e uma *abertura* do organismo ao seu ambiente, dado que o aumento das capacidades de cálculo interno permite um enriquecimento da percepção.

Quanto mais se sobe na hierarquia de complexidade dos organismos, mais se multiplicam os neurônios intermediários, mais se densifica a rede nervosa entre os captadores sensoriais e os músculos. Nesse estágio, o organismo é já infinitamente mais sensível ao seu próprio sistema de comunicação interno que aos estímulos externos. Por outras palavras, os organismos com grande cérebro estão mais interconectados em si mesmos (bilhões de bilhões de conexões) que ligados ao exterior (apenas algumas dezenas de milhares de captadores sensoriais).

Ora, como já sugerimos, existe uma relação direta entre a interconexão de um organismo (ou o seu grau de sensibilidade a si mesmo) e a riqueza do mundo que experimenta. Supomos, sem grande risco de nos enganarmos, que o mundo próprio de uma ave, por exemplo, brilha com mais cores, tem mais sons, abrange mais espaço que o de uma ostra. Ora, nem a cor, nem o som, nem talvez o espaço (que era para Kant uma forma *a priori* da experiência) existem no “mundo exterior”. São produtos dos cálculos mais complexos dos sistemas nervosos evoluídos, emergências a partir de certo grau de interconexão.

Quanto mais um ser está interconectado no interior, mais vasto é o seu campo de interação, mais rica é a sua experiência, maior é a sua capacidade de aprender (isto é, de aumentar o seu mundo), mais conectado ao exterior ele está. Verifiquemos agora esta lei geral no homem. Evidentemente, o organismo humano é o mais interconectado num plano fisiológico, nomeadamente devido à complexidade do seu cérebro. Mas devemos dizer também que a *sociedade humana* ultrapassou um limiar de interconexão sem precedentes na história da vida porque ela atingiu o estágio em que a própria sociedade dispõe de uma memória. Ela inventou-se como coletivo capaz de aprender a longo prazo, continuamente, independentemente da morte dos indivíduos, dos grupos ou

das culturas particulares. A sociedade humana está de tal modo interconectada que consegue salvar, na escala coletiva e por um período muito longo, o aparecimento de singulares individuais ou locais potencialmente interessantes para todos; as invenções técnicas, as línguas, os sistemas de signos, as instituições, as obras, as ideias.

A CULTURA HUMANA E A DILATAÇÃO DO MUNDO

A verdadeira inteligência do homem consiste em tornar a sua sociedade inteligente. Ela exprime-se por mensagens (que se dirigem a outras), por linguagens (cuja natureza é serem um elo), por utensílios (suscetíveis de transmissão, de melhoria, de combinação e de utilização coletiva), por instituições (que implicam ou organizam o coletivo). A inteligência humana trabalha para a conexão. Conexão com os outros, com o distante, o além, os mortos, o passado, o futuro. Dimensões que não existem como tais nos animais.

Os animais têm um “nicho”, estreitamente delimitado, que constitui o complementar da sua estrutura física e da sua organização nervosa. Habitam certos ambientes muito precisos e, no seio desses ambientes, têm interações estereotipadas com alguns elementos do seu ambiente. Em contrapartida, o humano vai sempre descobrir, infinitamente, outros aspectos do seu ambiente. Ainda que o seu meio geográfico seja limitado, vai aumentá-lo em intensidade, em dimensões. Se vive na floresta, por exemplo, utilizará as árvores para a construção, para o aquecimento, para a fabricação de utensílios, para o vestuário (tecido de cascas), para a farmacopeia, para o culto (árvores sagradas), para fazer estátuas, instrumentos de música, como fonte de inspiração poética, e assim sucessivamente, sem limites. Mas há mais: *os humanos alargam tanto mais depressa e poderosamente o seu domínio de interação quanto mais interconectados estiverem entre si*. Os grandes avanços da hominização, especificamente os do neolítico, sempre se fizeram em relação com um processo de concentração física (nas cidades e nos territórios cultivados) e de conexão no tempo e no espaço (sistemas de escrita, de comunicação e de transporte).

O humano não vive num nicho mas num mundo. O nicho, fixo, é complementar de uma espécie já definida. Em contrapartida, o mundo é uma extensão contínua. É infinito. Apresenta a outra face de uma espécie em pleno crescimento, a outra face da expansão da consciência. Somos os únicos a viver num mundo. Entramos em contato consciente com a terra e com o fogo de tal modo que inventamos a *olaria*. A olaria não estava nos nossos genes. Nem a equitação, nem a viticultura, nem a metalurgia, nem os barcos à vela, nem o carvão e as máquinas a vapor, nem a eletricidade, nem a radioatividade, nem as ondas hertzianas, nem os satélites artificiais, nem os radiotelescópios, nem os microscópios, nem os micróbios, nem o ADN, nem o Prozac, nem o LSD, nem a escrita automática, nem a Internet...

A interconexão da humanidade, que hoje se acelera, é contemporânea de um alargamento paralelo do seu domínio de interação e de conhecimento. Como se transformou o nosso universo desde há um século! Fomos à Lua. Vemos muito mais longe e mais profundamente que outrora em toda a extensão do cosmos, captamos melhor que nunca a microestrutura da energia, da matéria, da vida. Conhecemos como nunca o passado e as outras culturas. Os nossos instrumentos de comunicação e de cálculo atingiram amplitudes imagináveis há alguns séculos. A conexão crescente entre os

homens é a outra face do crescimento do mundo, do enriquecimento da experiência. Dois aspectos de um mesmo processo de antropogênese, de uma mesma expansão da consciência.

Os crentes ingênuos imaginam que Deus dispôs todas as coisas para uso do homem. Mas se as ostras, as formigas ou os pombos acreditassem em Deus, pensariam também que uma divindade à sua imagem, visando o serviço exclusivo da sua espécie, concebeu o seu universo (muito diferente do do homem) para seu uso. Os seres vivos transmutam em mundo subjetivo o nicho que corresponde exatamente à sua sobrevivência. E neste nicho, cada elemento, cada tipo de acontecimento possui um sentido óbvio, um potencial de utilidade ou de inutilidade estreitamente correlacionado com os instintos da espécie. A glória do homem foi ter descoberto o insensato, confrontar-se com o absurdo, com o vazio, e, ao mesmo tempo, ter feito voar em estilhaços as paredes do nicho animal. Ao abrir o caminho à busca de um sentido incompreensível e à criação contínua de um mundo em expansão indefinida, o humano faz surgir coisas, inventa significações e imagina práticas onde não existia nada. E desta criação *ex nihilo*, faz o atributo de um Deus sobre o qual se projeta a sua própria essência.

A evolução biológica aumenta os domínios de interação e as capacidades de aprendizagem dos animais não só aumentando a qualidade absoluta das conexões nervosas, mas também diminuindo a proporção das conexões neuronais internas. O mesmo acontece com a evolução econômica da espécie humana. As atividades do setor primário (agricultura, minas, caça e pesca), isto é, as atividades de interação direta com a natureza, têm cada vez menos trabalhadores. Em contrapartida, a atividade desloca-se cada vez mais maciçamente para os trabalhos de serviços (serviços que os seres humanos prestam *uns aos outros*), de comunicação, de produção e de gestão do conhecimento. Quanto mais aumenta a proporção da população empregada nas conexões internas - no “cérebro” e no “coração” da humanidade - mais aumenta o seu poder sobre o seu meio envolvente. De fato, com o aumento das conexões, não é tanto o espaço que encurta, mas o humano que cresce.

Quanto mais viajamos, no planeta ou nos livros, na Internet ou na sociedade à nossa volta, mais o nosso espírito se abre. A comunicação entre os homens duplica-se, reflete-se, multiplica-se na interconexão entre as informações lentamente colocadas nas bibliotecas e que hoje explode no ciberespaço. Existe um único documento hipertextual na diversidade e nas aproximações surrealistas, como existe uma única humanidade em visões de descobrir a *trip* de ser humano e de misturar as antigas músicas para planar melhor sobre as novas. A noosfera de Teilhard de Chardin torna-se visível. Ela está precisamente no princípio do seu crescimento. A dialética encadeada desde o início da vida entre a interconexão fisiológica e a expansão da consciência acaba de passar a uma nova velocidade.

FACE À BIOSFERA

Podemos descrever o fenômeno em curso como a junção e a integração progressiva numa única e imensa colônia de todas as pequenas colônias humanas que cresceram aqui e acolá. A grande colônia começou por fazer a volta do seu domínio através dos barcos, dos trens, das viaturas, dos aviões, dos correios, do telefone, da televisão, da Internet, dos satélites, etc. Só há um século deixou de haver pontos brancos nos mapas do mundo. Somos como formigas no seu território, mas muito mais inteligente que as formigas, muito mais livres. Somos *conscientes*. Agora somos conscientes da nossa própria espécie como um todo em relação com toda a Terra. Começamos a compreender quais são os nossos interesses, nós, os humanos.

Os homens entreajudam-se (e por vezes matam-se si) para explorar a Terra como a sua única fonte de riqueza. O homem tornou-se o predador universal. O seu principal objeto é agora o próprio planeta: o petróleo, o carvão, o vento, o átomo, o sol, o clima, as paisagens, o solo, o ar, a água, o mar, os animais, as plantas, a biodiversidade...

O peso extraordinário que temos no planeta é recente. Num século, multiplicamos-nos por mais de cinco. Em simultâneo com o nosso crescimento demográfico, multiplicamos o arroz, o trigo, as leguminosas, os cães, os gatos, os bois, as galinhas, as abelhas e os bichos da seda. O homem não só é um “cúmulo” da evolução como, pela sua posição de parasita e de predador universal, pelo seu poder técnico e demográfico, se tornou o principal agente da evolução para o conjunto da biosfera. Plantas e animais domésticos, biotecnologias, espécies geneticamente modificadas, destruição de espécies, antibióticos, inseticidas... O homem arrasta toda a biosfera num ciclo de renovação rápida. Já dominamos a biosfera. Mas seremos nós que nos servimos da Terra ou a vida que se serve de nós para evoluir ainda mais depressa?

Tornamo-nos os regentes do planeta, os grandes jardineiros. Isso se passou muito depressa, em alguns séculos. Nem sequer isso: em algumas dezenas de anos. Tornamo-nos os administradores da vida vegetal e animal, do conjunto do ecossistema, de toda a biosfera... O predador universal começa a compreender que a sua presa é também o seu ambiente, a sua vida, a sua alma.

Depois do seu crescimento vertiginoso, a população mundial está em vias de estabilizar. O *papy boom*, nos países mais desenvolvidos, anuncia a mudança em curso. Dentro de algumas dezenas de anos este repentino movimento demográfico terá passado. Através do jogo das migrações de zonas de grande fertilidade para as zonas de fraca fertilidade, a população mundial atingirá certa estabilidade. Depois de ter concluído a sua fase de crescimento, a nossa espécie atinge os limites do seu *habitat* físico. Para o homem, este limite é o planeta. O humano está em vias de atingir, pela primeira vez, os limites físicos da sua expansão. O planeta está em vias de se fechar sobre nós. O aquecimento da atmosfera é já palpável. Devem ser tomadas importantes decisões à escala da humanidade.

Com o desenvolvimento da consciência ecológica e económica global, a espécie humana está em vias de chegar à primeira etapa da sua longa viagem. A espécie humana chegou à casa: o seu planeta. “Home”, murmuram os astronautas ao olhar a Terra do espaço. A Terra, foco de vida, maravilhosa ágata branca e azul, está já no cofre

de joias do espírito humano. Quem mais a ama e a admira assim?

*
* *

Por que se tornou o homem o regente do mundo? Não terá sido porque a vida quer apenas uma coisa, reproduzir-se, e porque o homem é o único vetor possível da vida que pode permitir-lhe propagar-se noutros planetas? Seria essa uma das missões da humanidade: permitir que a vida, a consciência, conquistem o universo. A cultura humana é o órgão sexual da biosfera, o DNA da vida, que talvez lhe permita duplicar-se algures mais longe, e prosseguir a evolução.

CAPÍTULO 2

A ECONOMIA VIRTUAL

REALIDADE DA ECONOMIA VIRTUAL

A CIDADE PLANETÁRIA

A tendência desenha-se nitidamente. Nas primeiras décadas do século XXI, mas de 80 por cento dos seres humanos terão acesso ao ciberespaço e servir-se-ão dele cotidianamente. A maior parte da vida social servir-se-á deste meio de comunicação. Os processos de concepção, de produção e de comercialização serão integralmente condicionados pela sua imersão no espaço virtual. As atividades de investigação, de aprendizagem e de lazer serão virtuais ou dirigidas pela economia virtual. O ciberespaço será o epicentro do mercado, o foco da criação e da aquisição dos conhecimentos, o principal meio da comunicação e da vida social. A Internet representa simplesmente o estágio de união da humanidade que sucede à cidade física. Encontraremos aí quase todas as atividades que encontramos na cidade, mais umas quantas, completamente novas. A principal originalidade da cidade virtual é que é única e planetária, ainda que tenha, evidentemente, espaços protegidos (redes especializadas) e bairros reservados (intranet e extranet). É tão absurdo opor a sociabilidade e os intercâmbios intelectuais livres e gratuitos às atividades comerciais no ciberespaço como opô-los dentro das cidades. As cidades existem necessariamente *ao mesmo tempo e no mesmo lugar*: mercados, centros de intercâmbios de informações e de desenvolvimento da cultura, espaços de sociabilidade. Acontece exatamente o mesmo com o ciberespaço.

As redes assemelham-se a estradas e as ruas; os computadores e os programas de navegação são os equivalentes da viatura individual; os sites web são lojas, escritórios e casas; os grupos de discussão e as comunidades virtuais são praças, cafés, salões, agrupamentos por afinidades. Os mundos virtuais interativos, mais ou menos lúdicos, serão as novas obras de arte, os cinemas, os teatros e as óperas do século XXI. No entanto, continuaremos a deslocar-nos fisicamente e a encontrar-nos em carne e osso e provavelmente ainda mais que hoje, dado que os fenômenos de contatos, de relações e de interconexão de todas as espécies (virtuais ou não) serão amplificados e acelerados.

Começamos a perceber que, para o mesmo serviço, os consumidores preferem a oferta on-line à oferta local, e isto em todos os domínios, incluindo os bancos, os serviços financeiros, o ensino superior e a medicina. Tudo o que está on-line vai conhecer um desenvolvimento rápido, muitas vezes em detrimento das ofertas puramente locais, pela boa razão que o ciberespaço oferece globalmente mais opções por um melhor preço. É on-line que se poderá encontrar exatamente o que se procura. Imaginemos, por exemplo, a diferença de escolha entre a pequena loja de aluguel de vídeo da esquina da rua e a dos dois ou três grandes distribuidores de vídeo on-line do planeta, onde encontraremos *todos* os filmes e *todas* as emissões de televisão que foram difundidos. A não ser que reinventem radicalmente os serviços que oferecem, as pequenas lojas tenderão a desaparecer, salvo aquelas que prestam um serviço original ou difícil de virtualizar (os cabeleireiros, por exemplo). Este fenómeno será comparável

àquele através do qual os supermercados mataram muitos dos pequenos comércios, devido a uma decisão irrevogável dos consumidores. Observai o sucesso de *Amazon.com*: há mais livros aqui que na maior livraria local. Em breve, as livrarias locais terão um peso negligenciável na distribuição. Ora, a distribuição comanda tudo *porque o consumo comanda tudo*. Por razões evidentes de escolha e de preço, chegaremos à constituição de enormes supermercados planetários que dominarão as vendas mundiais de livros, de discos, de filmes, de jogos, de informações, de módulos de ensino, de viagens, de vestuário, de computadores, de carros, etc. Para cada tipo de serviço (serviços aos consumidores finais e, ainda mais, às empresas), só haverá dois ou três grandes vendedores virtuais. Mas, paralelamente a esta concentração comercial, assistiremos ao avolumar de uma variedade que era ainda inimaginável no final do século XX. Mercados completamente novos estão sendo inventados, mercados hiperespecializados para os quais só existem alguns milhares de clientes no mundo e que nunca tinham podido exprimir-se numa economia local. Ao lado dos grandes armazéns, haverá lojas de um luxo extremo e imensas feiras de informação, das ideias e dos serviços. Na metrópole mundial, o luxo, o supérfluo, a profusão e a diversidade atingirão cúmulos que as metrópoles locais nunca poderão atingir.

O melhor mercado é forçosamente aquele que propõe maior escolha, aquele que oferece também as melhores maneiras de ter conhecimento das escolhas disponíveis e de compará-las. Foi este apetite da escolha, esta atração pela liberdade, que fez com que os homens se agrupassem em sociedades cada vez mais numerosas, à medida que os seus progressos econômicos lho permitiam. Vilas, cidades, grandes metrópoles... eles queriam estar em relação uns com os outros, pensar coletivamente, em vez de arrancarem com dificuldade - ou com preguiça - os alimentos à natureza. Então, desembarçaram-se para inventarem ofícios cada vez mais relacionais, intelectuais, imateriais, para poderem ir onde queriam, onde há muitos outros seres humanos. Foram para as cidades e desenvolveram atividades urbanas. Agora, estão se agrupando numa imensa cidade virtual, onde existe o maior número de opções, onde podem encontrar *todos*, onde se encontram os melhores mercados, especialmente e sobretudo os mercados da informação, do conhecimento, da relação e do divertimento. Consequentemente, os ofícios completamente virtuais começam a proliferar: vão permitir-nos habitar a grande cidade planetária. O ciberespaço é a última metrópole, a cidade mundial, a cidade dos humanos. Fernand Braudel mostrou bem como o capitalismo, esse movimento de troca e de acumulação que interconecta o conjunto da humanidade numa rede de ligações econômicas cada vez mais densa, esteve centrado desde o início em algumas grandes cidades. Gênova e Veneza no Renascimento. Amsterdam no século XVII, Londres nos séculos XVIII e XIX, Nova Iorque no século XX. Neste início do século XXI, o centro tornou-se virtual. O centro é difundido de nenhures para um ciberespaço que em breve agrupará a grande maioria dos humanos e que vai fazer saltar as barreiras dos Estados como se fossem pequenas palhas. Aqueles que não participarem nos processos de competição cooperativa, de intercâmbio e de inteligência coletiva distribuídos no ciberespaço serão os “camponeses” da nova era. Serão aqueles que habitarão um “país” em vez de habitarem a cidade planetária.

O MERCADO PLANETÁRIO E A UNIFICAÇÃO DA HUMANIDADE

Os homens têm um extraordinário apetite pela *interconexão*, que envolve a escolha, a liberdade, a solidariedade, a interdependência e a consciência. Porque há

uma única humanidade, o mercado único mundial que está sendo edificado a uma velocidade que surpreende mesmo os seus mais ardentes promotores corresponde de maneira definitiva e irreversível a este apetite de interconexão. Aquilo que nem as grandes religiões, nem a instrução pública, nem a declaração universal dos direitos do homem, nem o simples bom senso tinham conseguido construir - a unidade concreta da humanidade - está sendo realizada através do comércio. Primeiro, um comércio das ideias, *no seio da comunidade científica e intelectual mundial*. O comércio intelectual da comunidade científica alimentou o desenvolvimento das técnicas de produção, de transporte e de comunicação que conduziu às primeiras fases da planetarização, desde o Renascimento até à primeira metade do século XX. Foi também a comunidade científica e universitária, principalmente a sua franja mais jovem, que desenvolveu a informática e depois a comunicação interativa e coletiva através das redes digitais que chegaram à primeira fase do crescimento da Internet. Agora, o comércio das ideias funde-se pouco a pouco no comércio em geral, até já não conseguir distinguir-se dele. Numa economia global onde o conhecimento se tornou o principal fator de concepção, de produção, de venda e, finalmente, o principal produto, todo o comércio é um comércio de ideias mais ou menos objetivadas.

O planeta solidário está sendo construído pela Web e pela sua economia virtual. O crescimento da Web “é” o processo de tomada de consciência - e de realização! - da sua unidade pela humanidade (preciso, para aqueles que não estão familiarizados com o sentido da palavra “unidade” que ele *não* significa “ausência de desigualdades”). Esta implosão planetária, que fermentava há vários anos, intervém exatamente a seguir ao final da guerra fria. A humanidade consciente de si própria nasce ao mesmo tempo politicamente (queda do muro de Berlim), intelectualmente (o correio eletrônico, as comunidades virtuais, a Web), economicamente (globalização, ascensão das políticas liberais, virtualização da economia). Obviamente, o processo ainda não terminou, mas está agora em plena marcha.

Desde o início, são os consumidores que conduzem o jogo. Eles sempre tentaram construir situações onde não fossem impedidos de escolher devido à raridade dos recursos locais ou a monopólios protegidos pelos poderes. Quando podem, os consumidores, porque são seres humanos, voam para as situações onde a sua liberdade aumenta. Por vezes, foram lentos a tomar decisões, muitas vezes desencaminharam-se, mas acabaram sempre por fazê-lo. Subindo à cidade. Preferindo a democracia. Emigrando para países mais livres. Agora, migram para o país mais livre de todos, para a cidade onde o mercado é mais vasto, onde são maiores as possibilidades de contato. Já não é a América, é o ciberespaço. Esta Terra sem território é tão extensa que temos necessidade dele para ser completamente livres. Convém repetir que foi um raciocínio de consumidor que levou à abertura da cidade virtual mundial, um raciocínio muito lógico e invariável, que desde sempre levou os homens a agruparem-se: para obtermos o melhor, vamos para o lugar onde se encontram as melhores possibilidades, incluindo as escolhas de amigos e de parceiros.

Com o ciberespaço, os consumidores estão a tomar um poder que procuravam confusamente há séculos. Consumidores de informações, de divertimentos, de relações, essencialmente, mas também de tudo o que pode ser *encomendado* on-line, isto é, uma imensidade de coisas. No comércio do futuro, a maior parte dos produtos serão concebidos e comprados pelos consumidores antes de serem efetivamente fabricados ou montados. Muitos intermediários e revendedores locais desaparecerão. A maior parte das

estruturas de produção serão revistas. Tudo estará centrado na satisfação do cliente. Os raciocínios de marketing dirigirão a totalidade da cadeia econômica, especialmente e sobretudo a cadeia de produção (investigação) e de reprodução (escolas, universidades) dos conhecimentos. Em consequência do aparecimento da economia virtual planetária, uma fabulosa riqueza concentra-se a partir de hoje, a uma velocidade acelerada, nas mãos dos grandes proprietários e administradores técnicos dos supermercados on-line. Em breve, não haverá mais do que três moedas convertíveis em circulação no planeta: o euro, o dólar e o iene. A fase seguinte será inevitavelmente a instauração de uma moeda única mundial. Paralelamente, os Estados nacionais desaparecerão ou deverão contentar-se com um poder simbólico. O império mundial sob dominação americana mais ou menos suave - hoje em vias de consolidação - não terá em breve mais nenhum rival. Mas já não será a América, será a América-mundo, uma terra totalmente povoada de imigrantes, de nômades culturais. Este Império atrairá - ainda mais do que hoje - os melhores talentos do planeta para as suas estruturas de poder políticas, econômicas, artísticas e intelectuais, independentemente da sua origem "nacional".

DAR SENTIDO À DINÂMICA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Independentemente do que pensemos, quer sejamos a favor ou contra, temos de aceitar que a maioria dos indícios que possuímos aponta para um futuro cada vez mais marcado pelo mercado capitalista, pela ciência e pela técnica. Nada demonstra, muito pelo contrário, que estas forças - que arrastam e unificam o devir coletivo humano pelo menos desde há quatro séculos - estejam perdendo velocidade. Uma vez que fizemos esta constatação, temos de fazer uma escolha: ou denunciar e criticar esta tendência irreversível, ou tentar compreendê-la e dar-lhe sentido. A atitude crítica está virada para o passado. Fabrica uma consciência cada vez mais esquizofrênica e infeliz, dado que cada um de nós, à sua maneira, participa ativamente no movimento denunciado. Além disso, a legitimidade desta atitude crítica é largamente usurpada. Assenta numa assimilação enganadora com a grande crítica filosófica dos séculos XVII, XVIII e XIX, que estava generosamente virada para o futuro, opunha-se ao conservadorismo e denunciava as forças que travavam a marcha da humanidade para a sua emancipação. Em contrapartida, a maior parte da "crítica" contemporânea da globalização capitalista, da cibercultura ou da tecnociência, infelizmente, trabalha mais para difundir o ressentimento e o ódio que para promover uma visão positiva do futuro. É precisamente o irresistível movimento para o futuro - a tendência efetivamente em curso - que ela condena. A crítica era progressista, mas tornou-se conservadora. Era visionária e hoje marcha para o futuro recuando.

A segunda atitude, a que me esforço para adotar aqui, enfrenta abertamente o *movimento real* da evolução em curso e tenta discernir o seu sentido mais favorável, a fim de fazê-lo surgir. *Só inserindo-nos, tanto intelectual como afetivamente, na corrente que nos leva poderemos, em retorno, orientá-la, tanto quanto nos seja possível.* Não se trata, evidentemente, de negar os aspectos caóticos e dolorosos da realidade: sofrimentos, conflitos, lutas de poderes, exclusões, injustiças, miséria, desaparecimento de modos de vida e de culturas tradicionais, unidimensionalidade da visão grosseiramente econômica ou tecnocientífica do mundo. Mas que a realidade presente dos aspectos desagradáveis (e certamente abertos a muitas melhorias) não deve impedir-nos de compreender o seu significado e de viver plenamente a sua riqueza. Gostariam de nos desencorajar de moldar o mundo

vindouro sob o pretexto que ele comportaria vítimas, excluídos, vencidos, sob o pretexto que ele não seria "perfeito". Nesta perspectiva, todas as sociedades de todos os tempos seriam condenáveis e a felicidade de viver nelas seria sempre culpada. Devolvo aos intelectuais críticos os seus argumentos: é precisamente porque não participam plenamente nas correntes mais vivas do universo contemporâneo que certos grupos humanos sofrem mais que outros. Ora, uma das melhores maneiras de incitar os seres humanos a entrarem em ressonância com o movimento do mundo é *dar sentido* a este movimento - e não denegri-lo. Ao pintarem a realidade com as cores mais sombrias (tal como muitos meios de comunicação), ao organizarem a recusa do movimento real, ao fabricarem uma consciência esquizofrênica que odeia o mundo que a alimenta e que a povoa, estes intelectuais não ajudam as pessoas às quais se dirigem: eles contribuem para domesticá-los. Inversamente, e seguindo assim o exemplo de numerosos pensadores e filósofos, tento reconciliar os meus semelhantes com o seu próprio mundo, ajudando-os assim a viver nele. Isto só pode ser feito valorizando as dinâmicas mais positivas do universo contemporâneo, ainda que esta positividade seja geralmente apenas virtual. Porque só podemos atualizar as virtualidades mais positivas se, previamente, fizemos um esforço para discerni-las, em vez de condenarmos em bloco uma realidade que nos mete medo. Os temas do mal, da injustiça, da crítica e do otimismo deviam ser esboçados aqui. Serão abordados na quarta parte e evocá-los-emos mais na sequência desta parte sobre a economia virtual.

Um dos principais temas deste livro é a unidade da espécie humana. Ora, talvez seja a unidade tanto da humanidade global como das pessoas. A sua integração harmoniosa só pode ser atingida por uma sincronização, por uma reconciliação do seu corpo e do seu espírito. Em vez de opormos a cultura, a inteligência e a espiritualidade - por um lado - a economia e a técnica - por outro - talvez devêssemos tomar consciência que as dimensões materiais e espirituais estão muito intimamente ligadas, de tal modo ligadas que provavelmente só existe uma única realidade interdependente, que as nossas delimitações conceituais dividem artificialmente. A humanidade deve deixar de desprezar (porque se separa ilusoriamente do seu espírito e da sua cultura) o seu corpo tecnoeconômico global. Para isso, é necessário habitá-lo, compreendê-lo, tomar consciência dele coletivamente. Então, e só então, ela poderá começar a dirigi-lo.

O movimento de unificação intelectual, cultural e espiritual da humanidade seria incompreensível, incompleto, incoerente e muito simplesmente impossível se não fosse duplicado, acompanhado, apoiado pelo movimento de unificação mundial do mercado capitalista e pelo crescimento de um imenso tecnocosmo interconectado, interdependente e planetário que encontrou no ciberespaço o seu coroamento provisório e o seu principal agente.

O objetivo deste capítulo sobre economia virtual é precisamente mostrar que a economia contemporânea decorre de uma dinâmica da inteligência e da consciência coletiva e que, portanto, não há razão para separar as atividades técnicas e materiais das forças intelectuais e espirituais da humanidade.

Querem-se observá-lo numa perspectiva econômica, o extraordinário fenómeno de transformação social - uma verdadeira mutação antropológica - que estamos vivendo, pode resumir-se em algumas proposições que passarei a ilustrar e a desenvolver a seguir neste capítulo:

- 1) A economia torna-se uma livre economia da informação e dos conhecimentos;
- 2) Consequentemente, a inteligência coletiva, isto é, o processo social de intercâmbio e de produção dos conhecimentos, torna-se uma espécie de economia de mercado alargada. Simetricamente, esta nova economia de mercado funde-se progressivamente na inteligência coletiva;
- 3) É no ciberespaço que se articula precisamente hoje a convergência progressiva de um mercado que se liberta e se virtualiza, por um lado, e o processo de inteligência coletiva e de crescimento dinâmico do saber que caracteriza a espécie humana, por outro;
- 4) O ponto de junção entre a economia e a inteligência, o centro secreto da sociedade humana do futuro é, provavelmente, a capacidade de escuta e de manipulação da consciência coletiva que flutua em milhões de canais do ciberespaço. O ponto essencial é que esta manipulação é, por sua vez, comandada pelas errâncias da atenção e da inteligência coletiva fractal que a publicidade na Web e o marketing on-line tentam captar e compreender por todos os meios. Este novo marketing pode ser caracterizado como o processo de criação de uma plataforma dinâmica e circular através do qual a consciência coletiva toma consciência de si mesma e se manipula a si mesma. Quem teria acreditado que o pensamento que se pensa a si próprio, primeiro motor da metafísica de Aristóteles, ou o espírito absoluto que toma consciência da sua liberdade, de Hegel, tomariam esta forma? No entanto, assim é. As instituições, os Estados, os partidos, as administrações públicas, as universidades, os museus, as empresas, as associações, os grupos de interesses, os indivíduos, todos aqueles que negligenciarem o estudo das melhores maneiras de se inserirem nos processos de inteligência coletiva e de distribuição da atenção que se desenrolam num ciberespaço planetário deixarão de poder desempenhar o menor dos papéis no mundo futuro.

FUNDAMENTOS DA ECONOMIA DAS IDEIAS

O que é a riqueza? Espaço de consciência convenientemente explorado. Segundo esta perspectiva, o processo de criação de riqueza compreende essencialmente três polos dinamicamente ligados: o polo da invenção, o polo da exploração ou da tradução econômica da invenção, o polo do meio favorável à invenção e à sua exploração econômica. Analisemos agora estes três polos e as suas interações.

OS TRÊS POLOS DA DINÂMICA DE CRIAÇÃO DAS RIQUEZAS

Uma pessoa ou grupo alarga o seu campo de consciência ou de conhecimento. Aumenta o espaço das formas: estilo em pintura, modo de organização, potencial de ação técnica, estrutura matemática, programa informático, molécula, uma “ideia” em geral... Quanto mais a ideia está “a montante”, mais ela é geral, mais abre um espaço amplo, mais as explorações ulteriores poderão ser numerosas e volumosas. É este o processo normal de expansão do mundo humano: começa por ideias. Esta expansão é sempre acompanhada a mais ou menos longo prazo por uma contrapartida ou uma dimensão *econômica*. O engodo do ganho (que é muito forte na espécie humana) leva a explorar, logo a institucionalizar, a endurecer, a materializar e a comercializar o espaço aberto pelos inventores.

Mesmo as formas mais abstratas e mais aparentemente afastadas da “economia” podem dar lugar à exploração econômica: um poema (transformado em canção, vendido em disco), uma fórmula matemática (utilizada em física e depois útil para a concepção de um processo técnico ou implementado num programa informático), um conceito de molécula (transformado em medicamento pela indústria farmacêutica), uma ideia sobre a organização (transformada em prestação de conselho para a gestão), e assim sucessivamente. Qualquer criação em qualquer domínio, incluindo o religioso, pode ter uma dimensão econômica. Até os livros de filosofia são vendidos, sem falar no que desencadeiam no espírito dos leitores. Os rebanhos, o trigo, o ouro, o dinheiro, o ferro, os carros, a água potável da torneira, o frigorífico, os antibióticos, a televisão, os computadores... Nenhuma destas formas materiais de riqueza existiu sempre, tiveram que ser *inventadas*. Mesmo os recursos naturais foram primeiro ideias. A energia eólica, por exemplo, é descoberta através da vela e do moinho de vento, a eletricidade por Volta e pelos seus sucessores, o petróleo (isto é, o seu significado contemporâneo) foi inventado pela indústria química, etc. Antes destes dispositivos técnicos, o vento não era uma energia disponível, a eletricidade não entrava no universo prático dos humanos e o petróleo era apenas um líquido nauseabundo com utilizações concretas limitadas. Todas as riquezas vêm da investigação, do espírito, do virtual. A riqueza potencial é infinita porque o espaço das invenções possíveis é - também ele - infinito. Só existe raridade econômica numa escala espaço-temporal restrita. No tempo longo, o leque das riquezas abre-se cada vez mais depressa.

Não surge apenas das ideias primárias, “fundamentais”, mas também das ideias secundárias de exploração das primeiras, e depois das ideias terciárias de exploração das segundas, e assim sucessivamente. A criação de ideias é um processo fractal que se reproduz por toda a parte, constantemente, a todas as escalas da investigação, da

concepção, da produção, da venda, do consumo e do uso. As ideias (e as inovações) surgem em cada etapa da cadeia econômica, incluindo a última, a do uso do consumidor final, quase sempre criativo que, por sua vez, alimenta as outras criações. A inteligência coletiva é constantemente mobilizada ao longo de uma espiral indissolivelmente econômica, intelectual e afetiva (o “desejo”).

Determinadas ideias *dizem respeito à melhoria e à aceleração do processo cognitivo que conduz às invenções*. Citemos especialmente a escrita, a imprensa, os sistemas de notação e de classificação das informações, os modos de representação visual (a perspectiva, a fotografia, as curvas, os gráficos, etc.); as que dizem respeito à percepção (instrumentos de medida e de detecção de todas as ordens) e a memória (dos processos mnemotécnicos às bibliotecas e às enciclopédias, até à Internet, passando por todas as formas de registro sonoro e visual); as técnicas organizacionais ou políticas que melhoram a segurança e a qualidade da comunicação: o estabelecimento de redes onde circulam de maneira estável as representações e os dados; as técnicas e instrumentos de síntese de informações e de cálculos sobre os dados (as fórmulas matemáticas, as estatísticas, os computadores, os programas informáticos que propõem sínteses visuais interativas de dados muito numerosos). Todas as estas técnicas, todos estes processos *aceleram os processos de inteligência coletiva*.

Outras idéias dizem respeito aos *processos de exploração econômica das idéias*. Aqui, convém arrumar tudo o que contribuiu para fluidificar e virtualizar as transações econômicas. A moeda, os bancos, as letras de câmbio, a moeda fiduciária, os cheques, os cartões de crédito, as transações eletrônicas, a cibermoeda, mas também as formas aperfeiçoadas de contabilidade, as sociedades de ações, a bolsa, os instrumentos financeiros cada vez mais virtuais (futuros, opções, etc.) inventados nas últimas décadas do século XX. Juntemos a isso o marketing, a publicidade e as contínuas inovações nos métodos de venda e de comercialização.

As idéias que dizem respeito à melhoria e à aceleração do processo de cognitivo coletivo que levam às invenções e as que dizem respeito aos processos de exploração econômica das idéias são *desmultiplicadoras* e potencializam-se mutuamente. O ciberespaço, espaço de comunicação e de transação aberto pela interconexão mundial dos computadores, é o ponto virtual onde estes dois tipos de idéias desmultiplicadoras se juntam para compor um único meio no qual o processo de produção de idéias multiplicadoras se auto-alimenta a um ritmo cada vez mais rápido.

A economia não é a “base material” da sociedade. Não há “base material”, mas sim uma “base espiritual”, se esta expressão tem um sentido numa configuração em que a base não suporta qualquer cúpula, dado que tudo vem do espírito coletivo da humanidade e se materializa ao longo de um processo social de expansão e de complexificação progressiva de um mundo onde a inércia e a resistência do materializado servem simultaneamente de ponto de apoio e de obstáculo ao prosseguimento do processo de produção de ideias.

Para favorecer a liberdade de invenção e libertar as energias de exploração das novas ideias, demo-nos conta progressivamente que era necessário certo número de condições políticas, jurídicas, sociais e culturais. Em primeiro lugar, parece indispensável um clima geral de liberdade e de segurança, assim como um regime bem estabelecido de proteção da propriedade privada, garantidos nos planos jurídico e

político. Em segundo lugar, é necessário que os inventores possam tirar proveito, de uma maneira ou de outra, do fruto da sua criatividade. Direitos de autor, patentes, notoriedade, prêmios e outras formas de recompensa devem encorajar os inovadores em todos os domínios das artes, das ciências e das técnicas. Em terceiro lugar, o clima político, econômico e financeiro deve mostrar-se favorável à criação de iniciativa. As ditaduras, os impostos demasiado pesados, o bombardeamento administrativo, a ausência de disponibilidade de fundos para investimento, tudo isso desencoraja os potenciais empreendedores. Em quarto lugar, a maior liberdade de comunicação e de difusão da informação é uma condição favorável simultaneamente à invenção e à comercialização. Em quinto lugar, um meio composto por pessoas cultas, educadas, respeitadoras das leis, aptas a cooperar e a inspirarem uma confiança mútua constitui o ambiente intelectual, moral e social ideal.

O CIBERESPAÇO COMO ACELERADOR DE IDEIAS E MEIO ÓTIMO DE PRODUÇÃO DE RIQUEZAS

Neste aspecto, que avaliação se pode fazer do ciberespaço como condição de desenvolvimento econômico, científico e cultural? Tudo o que diz respeito à liberdade de iniciativa e de comunicação é infinitamente mais favorável que para qualquer outro meio existente. A incerteza que ainda pesa hoje na segurança das transações tende a dissipar-se graças ao aperfeiçoamento de sistemas seguros de comunicação baseados na criptografia. As assinaturas eletrônicas que garantem as identidades, as comunidades virtuais onde as pessoas aprendem a conhecer-se mutuamente, o marketing personalizado que estuda os perfis particulares dos consumidores de informação on-line, a multiplicação dos consumidores de informação on-line, a multiplicação dos contatos e das redes que permitem obter informações sobre os indivíduos e as suas reputações, sem contar as diferentes maneiras de apresentação e verificação das apresentações dos outros, tudo isto parece garantir um nível de confiança aceitável. De qualquer modo, muitas pessoas que fazem negócios on-line acabam por se encontrar realmente ou já se encontraram. Além disso, o ciberespaço oferece um meio excepcional de *escolher* parceiros *cotidianos* de todos os gêneros entre um leque muito mais variado que aquele a que temos acesso fisicamente todos os dias, o que é um elemento favorável à qualidade da sociabilidade on-line.

Os problemas principais dizem respeito à propriedade das informações e aos direitos de autor, dado que os dados de todos os gêneros, dos textos aos programas informáticos, passando pelas imagens e pela música, podem ser duplicados e comunicados muito facilmente num ciberespaço em que a distinção clássica entre o original e a cópia já não tem sentido. Acrescentemos a este “problema” o desenvolvimento espantoso dos programas informáticos livres e a quantidade hoje imensa e constantemente crescente de informações disponíveis gratuitamente nos grupos de discussão e na Web - tanto provenientes de grupos privados como de instituições públicas ou de associações. Nunca tantas informações estiveram disponíveis *gratuitamente*. É possível que se esboce aqui uma nova forma de capitalismo na qual os proprietários abram mão quanto à posse da maioria das informações para venderem apenas certos dados estratégicos que só têm valor durante um período limitado ou serviços informacionais personalizados. Hoje, os processos judiciais já quase se realizam apenas contra as pessoas físicas ou morais que *revendem* informações que não lhes pertencem. É igualmente possível que alguns autores (de programas informáticos, de textos, de música, etc.), encontrem outras maneiras de serem remunerados sem ser por

intermédio de editores, a partir, por exemplo, da popularidade do seu saite. De resto, globalmente, como no que diz respeito aos multiplicadores de inteligência coletiva e aos fluidificantes de transação e de intercâmbio, o ciberespaço é o meio social mais favorável, o mais desmultiplicador da espiral autossustentada da invenção e da sua exploração comercial. O ciberespaço constitui este meio porque é a grande sociedade virtual planetária, onde nenhum poder territorial, nenhuma distância física vem refrear as interações, a competição cooperativa, a comunicação, a sociabilidade multiforme e a abertura que estão subjacentes, tanto aos processos de inteligência coletiva, como ao desenvolvimento da iniciativa e do dinamismo económico.

A riqueza vem das ideias, as ideias vêm das interações sociais, a indústria e o comércio vêm das ideias e das interações sociais e tudo isso é gerado circularmente de modo otimizado no espaço virtual. Só hoje, na era da economia da informação e das estruturas virtuais de cooperação, de produção e de venda, na era da inteligência coletiva alargada para muito além da comunidade científica, se pode compreender que a riqueza resulta do alargamento e da complexificação fractal de um espaço de ideias, que ela é condicionada pela interconexão, pela interdependência, pela competição e pela comunicação cada vez mais densa e livre entre os humanos. A riqueza é uma chuva dourada que deixa cair ideias e desce como um maná dos céus pela expansão da consciência coletiva.

A QUE VELOCIDADE SE ABRE O ESPÍRITO?

Ainda há poucas décadas, nós não podíamos compreender tão claramente os mecanismos de produção da riqueza. A diferença entre a situação que prevalecia em meados do século XX e no início do século XXI é essencialmente uma diferença de *velocidade*. Tudo se acelerou. E esta diferença de velocidade está diretamente correlacionada com um aumento geral da *proximidade prática* e da *densidade de interconexão* entre um número muito grande de atores. Entre a descoberta da ideia e a sua colocação no mercado (que explora todas as outras ideias disponíveis), o tempo foi reduzido de uma maneira espantosa. Ora, o tempo que separa a invenção da sua colocação no mercado é reduzido na exata proporção em que as distâncias entre os interlocutores diminuem.

Quanto mais os processos se aceleram mais se tornam palpáveis, visíveis quase a olho nu. Hoje, podemos ver, literalmente, a invenção do mundo humano desenrolar-se sob os nossos olhos, à escala de uma geração. Vejamos apenas alguns exemplos: as viagens espaciais, a televisão, a aviação para todos, o telefone celular, a Internet, a planetarização, a pílula anticonceptiva, a engenharia genética e a embriológica, a libertação das mulheres, sem falar nas mutações políticas e sociais do planeta desde há cinquenta anos... O que é que não mudou, excetuando a nossa condição animal de base?

A riqueza última não é o dinheiro, nem as fábricas, nem a terra, nem as manadas. É a capacidade de atualizar um espaço de consciência infinito, isto é, a abertura do espírito. Só as pessoas podem abrir o espírito. A montante de qualquer produção de riqueza encontramos a produção de pessoas e de coletividades de espírito aberto. A correlação entre a riqueza material estimada das zonas geopolíticas e a qualidade do seu clima político e social, tal como a eficácia do seu sistema de educação, é unanimemente reconhecida. Mas ainda se trata apenas de indícios, de indicadores. É

possível que o essencial resida em certas qualidades morais, difíceis de medir ou de observar com a ajuda de estatísticas.

Hoje parece de tal modo evidente que a riqueza vem das ideias, da liberdade e da coragem de uma população, que nos perguntamos como pudemos acreditar que assentava em riquezas naturais, na posse deste ou daquele material em quantidade, ou ainda numa boa “teoria” econômica ou política. É claro que não são os recursos naturais que estão na base da riqueza do Japão e do seu peso na economia mundial, mas sim a sua cultura e o trabalho dos seus habitantes. Os recursos naturais da Rússia têm tanto valor como os dos Estados Unidos, no entanto, a economia russa não é tão florescente como a americana. Por quê? É certo que podemos invocar a sua história diferente e teremos razão. Mas, quaisquer que sejam as causas, o ponto capital é que a história russa produziu uma sociedade de gente desencorajada, habituada a contornar a lei, pouco trabalhadora, pouco cooperativa, com falta de iniciativa, esperando demasiado do Estado, etc. Felizmente, cada vez mais, o ciberespaço, como a facilidade dos transportes e das comunicações, permite que os planetários mais cooperativos, os que têm mais ideias e coragem, se agrupem para fazer negócios ou obras em conjunto, ou para trocar informações, independentemente dos climas geopolíticos que vivem localmente.

As noções um pouco simplistas de “sociedade da informação” ou de “economia da informação” apenas se aproximam do ponto crucial sem o tocar. É necessário exprimir a realidade contemporânea de outro modo: a riqueza vem das ideias e das ideias de exploração da ideias num meio humano favorável à multiplicação das ideias. É por essa razão que a participação nos processos de inteligência coletiva, de transação econômica e de sociabilidade no ciberespaço, será no futuro o ponto de passagem obrigatório da produção da riqueza.

ELOGIO DO *HOMO ECONOMICUS*

Desde o aparecimento do capitalismo planetário, no século XVI, o mercado não deixou de alargar o seu domínio, tanto no espaço geográfico como nas profundezas da vida social. Um número cada vez maior de bens e de serviços são vendidos e comprados. Alguns nem sequer existiam antes do triunfo do mercado, outros eram produzidos outrora gratuitamente em casa ou fornecidos pelas comunidades locais. Ainda mais que nos séculos precedentes, o século XX registrou um alargamento da mercantilização de zonas cada vez mais extensas e mais íntimas da vida humana, incluindo a saúde, a procriação, a forma e a composição do corpo, as atividades culturais, a educação, etc. Quase tudo, exceto talvez o essencial, possui hoje uma tradução monetária. Este processo de extensão e de desenvolvimento do mercado parece não sofrer qualquer abrandamento, mas, pelo contrário, acelerar cada vez mais todos os anos, todos os meses. Embora a maior parte de nós se sinta pouco à vontade perante este fenômeno, embora o nosso primeiro movimento seja, na maioria dos casos, condená-lo ou ignorá-lo por completo, proponho ao leitor que examine friamente e que compreenda as ligações que este fenômeno mantém com os outros aspectos da evolução social. Este capítulo tratará, pois, dos aspectos positivos do comércio, da especulação e até do fato de tudo se tornar objeto de negócio. Prosseguirei também a ideia esboçada na seção precedente, segundo a qual a prosperidade econômica mantém relações estreitas com a moralidade e a liberdade.

A ECONOMIA NÃO É CULPADA

Por que esta defesa e ilustração do *Homo economicus*? Porque me parece que a economia, ou o capitalismo (que por vezes chamamos “a globalização” ou o “neoliberalismo”) são hoje acusados de todos os males: o subdesenvolvimento, a exclusão, a pobreza, a injustiça em geral. Como se a opressão e a injustiça tivessem esperado o capitalismo para se manifestarem no mundo (pensemos simplesmente na escravatura, na servidão, e nas sangrentas ditaduras pretensamente anticapitalistas). Como se já não tivesse sido designado um grande número de bodes expiatórios e sempre com resultados abomináveis. Quando decidiremos nós compreender que *o principal culpado é o mecanismo da acusação*, que alimenta o ódio, a guerra e a incompreensão, um mecanismo que nos faz renunciar à nossa responsabilidade e à nossa liberdade. A acusação permite que os denunciadores fiquem isentos de qualquer obrigação - exceto a de denunciar - dado que os culpados (que são sempre “externos”, sempre “os outros”) foram designados. Para contornar a desastrosa crença da culpabilidade da economia (ou do capitalismo, ou da globalização, ou do imperialismo americano-neoliberal) o fundo da minha estratégia consiste em mostrar que o pretenso culpado não pode ser separado do conjunto da dinâmica social em que participamos. Tomamos um conceito por um ator. Ora, “a economia” não é nem uma substância nem um ator, mas certa dimensão dos atos humanos (uma dimensão isolada pelo espírito, depois endurecida por uma disciplina e ministérios). A economia, essa abstração, não tem nada de falso ou de condenável. Seriam mais perigosos o fetichismo ou a idolatria econômica. Porque esquecem que cada “parte” (artificialmente recortada) vive da vida do todo.

Isolada do resto do devir cultural, social, espiritual, “a economia” não tem estritamente qualquer sentido. Examinemos, por exemplo, a seguinte afirmação:

“muitas pessoas trabalham duramente em atividades que não lhes agradam para poderem comprar futilidades que não os tornam felizes, mas que lhes permitem olhar os outros de cima”. Esta frase decorre da economia, da moral, da sociologia, da filosofia ou da literatura?

Há apenas uma vida, mas os olhares estreitos que se lançam sobre ela recortam-na demasiado para que possamos compreendê-la. Não é a “economia” que é má, a economia é apenas um conceito, a unidimensionalidade de *decisões* tomadas unicamente na base de critérios ditos “econômicos” a curto prazo e com vistas curtas. Falo de vistas curtas porque o que é mau para os seres humanos acaba *sempre*, a longo prazo, por ser mau para a “economia”, isto é, uma dimensão de análise particular da nossa vida. Na verdadeira vida coletiva, nenhuma dimensão é separada das outras. O governo da sociedade por si mesma, ao qual acabaremos por chegar, não terá “ministérios”. Porque os ministérios só servem para recortar - para deixar de ver - a vida integral da sociedade. A economia possui uma dimensão sanitária e a saúde uma dimensão econômica, apesar do fato que a economia e a saúde são, cada uma delas, administradas por um ministério separado. As decisões econômicas têm efeitos na saúde e vice-versa. Existe um único processo humano-social. A “miséria”, por exemplo, é um estado global político, sanitário, educativo, comunicacional, afetivo e espiritual. É por isso que é um progresso falar de exclusão (ruptura ou enfraquecimento da ligação social em geral) e não de “pobreza”, que só se refere à condição econômica. O conhecimento da sociedade por si mesma, que começamos a vislumbrar no horizonte da cibercultura, não terá “disciplinas” que a impeçam de compreender o que ela vive.

Nunca acreditemos, pois, que a Economia ou a Técnica, ou a Cultura, ou a Religião (ou o que quer que seja adornado com uma maiúscula) possam ser poderes separados do resto do devir coletivo. Este tipo de pensamento isolador gera visões falsas, que levam quase sempre à acusação de bodes expiatórios, ao conflito e à violência. A “economia” não é a causa de todos os males porque a economia é apenas uma das dimensões do devir humano total. Uma abstração, um modo de recorte da realidade, não pode ser “causa” de nada. Para compreender o verdadeiro processo de despertar da humanidade, é necessário conectar o fenômeno da extensão do capitalismo *a todas as outras* dimensões (políticas, pedagógicas, técnicas, artísticas, científicas, religiosas, etc.). A economia *não* é uma força separada e autônoma. Todos nós a fazemos, todos os dias, que mais não seja através das nossas opções de trabalho, de consumo, de poupança e de investimento. Só quando tivermos visto e vivido a economia como dimensão sem autonomia da totalidade da atividade humana ela deixará de estar em oposição à vida, tanto na realidade como na representação.

O COMÉRCIO CRIA RELAÇÕES PACÍFICAS

Gostaria de sublinhar a correlação entre o surto de um mercado cada vez mais livre e invasor com outros fenômenos com o mesmo ritmo crescente: o progresso científico e técnico, o desenvolvimento dos transportes e das comunicações, a urbanização, o crescimento demográfico global, a ascensão da ideia e, depois, da prática democrática... A dilatação do mercado não é uma tendência separada das outras ou esteja oposta a elas, mas sim a dimensão de um único fenômeno de desenvolvimento humano multidimensional.

Como já foi muitas vezes assinalado, o “dinheiro” é um dissolvente dos elos sociais e territoriais tradicionais, um ácido corrosivo das comunidades locais e das culturas identitárias. Mas é também um elo entre pessoas de origens e de culturas diferentes, o lubrificante da vida social nas grandes cidades e nos circuitos internacionais onde os indivíduos não estão precisamente unidos por elos tradicionais ou comunitários clássicos.

Desde os tempos mais remotos, o comércio foi uma maneira de entrar em relação com estrangeiros sem ser na base da violência. O comércio promove relações pacíficas e contratuais entre os humanos. Há comércios de armas ou de substâncias tóxicas que evidentemente, não correspondem aos cânones mais exigentes da ética. As fraudes e os abusos são moeda corrente. Mas o comércio continua a ser, afinal, uma atividade que contribui para que as pessoas, em vez de se matarem umas às outras, estabeleçam relações de confiança, densifiquem as conexões de todas as naturezas, tomem consciência das interdependências de todas as espécies e desejem a prosperidade geral. São *interesses* econômicos bem compreendidos que levam à consciência da interdependência, à necessidade da associação e à ligação à inteligência coletiva da humanidade. Nos negócios mundiais, todos têm necessidade da prosperidade mundial.

O comércio é um extraordinário sistema autossustentado de criação de ligações (compra, venda, parcerias, contratos, empregos, etc.), mas são ligações móveis, mais livres que as ligações fixas e territorializadas criadas pelas sociedades hierarquizadas tradicionais. O “capitalismo”, como a morte e a sexualidade para a evolução biológica, talvez seja uma estratégia da evolução cultural para mobilizar as pessoas, acelerar as circulações, alargar e flexibilizar a amplitude das ligações sociais e difundir as inovações. Para *estimular a produção de formas novas*.

AS PESSOAS TORNAM-SE EMPRESAS

A característica do mundo contemporâneo é, pois, a partir de agora, que todos façam comércio, isto é, compre e venda bens e serviços. E todos querem revender mais caro do que investiram, quer sejam casas, matérias-primas, moeda, obras de arte, ações, relações ou ideias.

Nós estimamos aquilo que julgamos vir a adquirir valor e não a perdê-lo. Por conseguinte, haverá cada vez menos um “valor real” das coisas. O valor de mercado, o valor especulativo, o valor estimado, ganhará cada vez maior espaço. Nas empresas mais competitivas no mercado mundial, que mostram o caminho que todas as outras irão tomar, os colaboradores mais preciosos já são pagos com ações, isto é, com vetores, suscetíveis de subir ou de descer. Com símbolos que implicam os seus detentores na descida ou na subida da empresa.

Haverá cada vez menos ofícios bem delimitados e funções precisas, todos estarão constantemente ocupados fazendo negócios a propósito de tudo: sexualidade, casamento, procriação, saúde, beleza, identidade, conhecimento, relações, ideias. O “trabalho” mudará completamente de sentido. Já não sabemos muito bem quando trabalhamos e quando não trabalhamos. Estaremos constantemente ocupados a fazer negócios. Todas as espécies de negócios. O “desenvolvimento pessoal” mais íntimo levará a uma melhor estabilidade emocional, a uma abertura relacional mais fácil, a

uma acuidade intelectual mais bem dirigida, logo, a um melhor desempenho econômico. Mesmo os assalariados, que pedem cada vez mais uma remuneração em ações, tornar-se-ão empresários individuais, passando de um patrão a outro, gerindo a sua carreira como a de uma pequena empresa, atentos a todas as transformações do meio que os podem envolver, dispostos a formarem-se sobre as novidades. A pessoa torna-se uma empresa. Aqueles que criticam este sistema já têm, na sua vida pessoal, exatamente o mesmo comportamento que todos os outros. O *Homo economicus* não é uma ficção teórica da ciência econômica, é a pintura moral da sociedade onde entramos irreversivelmente. E foi este modelo que a “competição cultural”, a seleção cultural das civilizações escolheu! Estranho! Incrível! Não são o desinteresse, a dedicação a uma causa transcendente, ou a obediência que são os motores mais eficazes do funcionamento coletivo, os mais eficazes *para produzir constantemente a novidade*. É o interesse bem compreendido de cada um, o motor maciçamente distribuído do interesse individual, que tende a maximizar a longo prazo uma função global de cooperação social.

Já não há “família”, nem “nação” que se aguarde: divorciamo-nos, emigramos, mudamos de região ou de empresa. São rompidas muitas relações, mas para que outras relações, mais maleáveis, com um raio de ação mais extenso, se renovem alhures. Quanto mais a circulação dos homens se acelera e se densifica, tanto melhor se tece o tecido global. Procuramos obstinadamente otimizar a nossa situação em vez de nos contentarmos com a situação em que o nascimento nos lançou por acaso. Procuramos ser os artesãos da nossa própria vida. É porque perseguimos a liberdade, todos em conjunto e cada um por sua conta, que nos tornamos cada vez mais criativos e solidários. É este o sentido profundo da ascensão irreversível do mercado: cada um trabalha para otimizar a sua situação coordenando-se com os outros. Os liberalismos econômicos e políticos, como a aspiração pessoal à realização, são diferentes aspectos de uma única ascensão da liberdade.

A MORALIDADE CONDICIONA A PROSPERIDADE

Mas atenção, trata-se de respeitar as regras. As leis são feitas para isso: são as regras deste jogo em que cada um tem o direito de enriquecer, o direito a todas as formas de riquezas possíveis. As leis protegem-nos de uma vontade de enriquecer excessivamente desrespeitosa dos outros. Porque também o outro deve poder enriquecer comprando menos caro e vendendo mais caro. A noção de *livre* mercado implica necessariamente estas leis e estas regras das quais os legisladores, os juizes e os advogados se tornam árbitros e conselheiros cada vez mais necessários. Ganham importância porque são os especialistas das regras do jogo. O espírito destas regras é simples: todos devem dispor da liberdade de procurar inteligentemente o seu interesse. Nenhuma pessoa física ou moral deve ser vítima de roubo, de violência ou de situações de monopólio nas quais também ela deixaria de ter a possibilidade de escolher, de maximizar o seu ganho. Quanto mais pessoas violarem as regras, baseando a sua riqueza num poder ou numa mentira, o que é o mesmo, menos nós poderemos aumentar coletivamente o nível da riqueza geral. A instauração efetiva do liberalismo, que pressupõe um estado muito avançado de ética e de espiritualidade de uma população, conduz *efetivamente* a um aumento da riqueza geral.

Nem toda a gente joga ainda esse jogo em exclusivo. Cada habitante do planeta

não é um *homo economicus* que compra e vende tudo. Mas esta prática difunde-se muito depressa. Até na China, até na Geórgia, até na Amazônia. A tendência planetária desenha-se nitidamente. Quanto mais universal for a prática do comércio, mais óleo haverá no motor do negócio, menos fricções (a violência, o poder, a mentira, o crime) haverá na sociedade e mais aumentará a riqueza geral. Porque todos trabalharão cooperativa e competitivamente para produzir “valor”, valores em alta, de todas as maneiras possíveis. Esta inventividade distribuída e regulada por leis é mil vezes mais eficaz que todas as economias planificadas. O governo chinês, que anunciava em 1999 milhões de demissões nas empresas estatais, queria certamente incitar os seus concidadãos a criarem as suas empresas. Que confissão!

ESPECULACAO E VIRTUALIDADE INDICAM “A ECONOMIA DO FUTURO”

Ficamos escandalizados com a bolha financeira, que só enche com a especulação, que não corresponde a nenhum “valor real”. A que queríamos que correspondessem todos esses dólares virtuais? A toneladas de aço? A hectolitros de pesticidas? A barris de petróleo? A milhões de cigarros? A canhões? A mísseis? Agarramo-nos realmente a esse real? Os jogos do tempo, da informação e da incerteza (três facetas diferentes das flutuações do futuro) não serão, no fim de contas, mais elegantes quando são reduzidos à sua expressão mais simples? Afinal, a bolsa é um jogo muito moral, dado que recompensa aqueles que deram dinheiro às empresas cujo mercado decidiu que prestavam um melhor serviço à sociedade que outras. A bolsa flutua para que todos sintam bem que nenhum julgamento do mercado é definitivo, que nenhuma posição está definitivamente adquirida, que as empresas devem bater-se incessantemente para prestar o melhor serviço ao melhor custo e recompensar os acionistas que os apoiam.

Refletindo bem, o valor dos lingotes de ouro ou das telas de mestres é igualmente convencional, tão pouco tangível como o dos *futuros* ou das *opções* da nova finança. A economia é virtual por essência. É um jogo. A moeda de papel representava o cúmulo do “imaterial” para as vítimas do sistema de Law (no século XVIII); ela figura hoje o verdadeiro dinheiro, o líquido, o *cash*. O virtual de ontem é o real de hoje. É uma questão de hábito. Das trocas à moeda, da letra de câmbio ao cheque bancário, do campo à sociedade anônima, a história da economia mostra uma expansão contínua do virtual. Esta expansão constitui precisamente o movimento profundo da história econômica, não qualquer perversão do real, ou uma pretensa queda catastrófica na ilusão. (Para o sábio, que sabe que nunca se tem mais que o instante presente, é toda a riqueza material que é uma ilusão, a começar pelo campo, o número de cabeças de gado e o lingote.) A especulação sobre as divisas não é mais absurda que os esforços para multiplicar um rebanho de cabras. Trata-se da mesma extravagância, da mesma ávida ilusão que leva o humano a fazer aumentar um universo cada vez mais vasto e cada vez mais complexo. Quanto menos relação temos com o pretense “real”, mais alargamos a esfera do real. Os especuladores financeiros não estão longe da especulação filosófica: abrem hoje um novo espaço de interação, logo, de realidade. A única verdadeira riqueza é a vida, a consciência, o espaço onde dançam todos os símbolos, a abertura do espírito. Compreendamos bem que fora desta base universal não há lugar para distinguir entre as riquezas reais e irreais: todas as riquezas são simbólicas, inclusive o ouro! O jogo consiste em inventar novos jogos com os símbolos, como fazem os matemáticos e os artistas. Muitas bolhas especulativas particulares rebentarão, mas a bolha especulativa da economia e das finanças mundiais nunca rebentará. Pelo contrário, ela encherá

continuamente e muitas outras lhes sucederão e a acompanharão, como a bolha da linguagem e do conhecimento, como a de um tecnocosmo cada vez mais aperfeiçoado e irreversivelmente crescente, cada vez mais longe e cada vez mais perto de um “real” que não quer dizer nada. Agradecemos ao *Homo economicus* ter inventado um mundo tão delirante...

Mas, atenção! Trata-se de um delírio racional, porque o sentido profundo da especulação é apostar no futuro. O ouro já quase não vale nada porque é um “valor refúgio”, o valor do medo. Por oposição ao pretendo valor real das coisas, o valor especulativo é uma tensão em relação ao futuro, proclamando que o principal valor é ascensão do futuro, o indiscernível movimento da criação. “Só tem valor o que ascender no futuro”. É necessário entender a frase precedente num sentido quase contabilístico, mas convido o leitor a discernir o significado filosófico, muito mais profundo. Hoje, o futuro ainda não existe. É apenas “virtual”, isto é, em potência. A virtualização da economia indica que o objeto da economia se tornou o próprio futuro. É por isso que a economia será cada vez mais especulativa, cada vez mais aspirada e inspirada pelo futuro. No momento em que a nossa jovem civilização planetária descobre que “o virtual é o futuro”, podemos prever sem risco de nos enganarmos que o seu futuro será cada vez mais virtual.

A CONVERGÊNCIA DO *HOMO ECONOMICUS* E DO *HOMO ACADEMICUS* NO CIBERESPAÇO

O principal propósito da seção que se segue é dar um sentido concreto às ideias da economia virtual ou da sociedade da informação. As empresas apoderam-se dos modos de organização aperfeiçoados pela comunidade científica e as universidades tornam-se empresas de produção e de comercialização dos conhecimentos que fazem uma concorrência cada vez mais viva no mercado mundial. Na economia da informação, o mercado, cujo funcionamento se assemelha cada vez mais ao de uma inteligência coletiva à escala planetária, torna-se a principal máquina de produzir e de testar as ideias. À medida que se desenvolvem no ciberespaço, o *Homo economicus* e o *Homo academicus* convergem na sua participação cada vez mais consciente nos processos criadores da inteligência coletiva.

A COMUNIDADE CIENTÍFICA OFERECE À HUMANIDADE A SUA INTELIGÊNCIA COLETIVA

A comunidade científica é a primeira comunidade virtual, a primeira comunidade que se organizou como inteligência coletiva numa base independente das barreiras nacionais e religiosas. Algumas dezenas de anos após a invenção da imprensa e no momento em que a rede postal se estabelecia progressivamente na Europa, a “República das letras” começava a trocar ideias, colunas de números, resultados de experiências, imagens e raciocínios. A partir do século XVI, a comunidade científica dedicou-se a inventar e a viver uma maneira de fazer sociedade distante tanto da fusão comunitária ou da submissão a uma autoridade despótica como do individualismo indiferente aos outros. O investigador científico apoia-se nos conhecimentos já existentes, cita os trabalhos dos seus colegas, insere-se completamente num coletivo ao qual está orgulhoso de pertencer. Mas é obrigado à originalidade, à novidade, à descoberta. E está perfeitamente consciente que se não conseguir *suscitar o interesse* dos outros investigadores, as suas ideias não terão qualquer sucesso. No espaço intelectual aberto pela comunidade científica, todas as ideias estão em competição cooperativa para atrair o máximo de atenção. A capacidade de interessar sem recorrer a argumentos de autoridade, à força ou a meios desleais são essenciais ao funcionamento do meio científico *porque a finalidade própria deste meio é funcionar como inteligência coletiva*. Onde a violência, o poder arbitrário e a fraude são exercidos, a inteligência coletiva declina. Já não se descobre nada. É por isso que com a originalidade e a imaginação, a honestidade e a abertura de espírito são virtudes capitais do cientista.

Humanistas, filósofos e cientistas começam a edificar no século XVI uma República das letras que chega à boca da cena política na época das Luzes. No seio desta República é inventado o tipo de funcionamento social mais próximo de um ideal da cooperação competitiva. Esta maneira original de fazer sociedade, já planetária e virtual, dado que ela é organizada pela circulação transfronteiriça de publicações impressas, vai produzir em alguns séculos mais conhecimentos objetivos que os segregados pela humanidade em vários milhares de anos. Ao associar-se com o mercado, esteve na origem do imenso desenvolvimento técnico que conhecemos desde a revolução industrial. Desde o século XVI, o número de investigadores científicos, de universitários e de estudantes cresceu de uma maneira astronômica e tanto mais depressa quanto mais nos aproximamos do período contemporâneo. Ao oferecer a Internet ao mundo a comunidade científica deu-

lhe a infraestrutura técnica de uma inteligência coletiva que é, sem dúvida, a sua mais bela descoberta. Assim, transmitiu ao resto da humanidade a sua melhor invenção, a do seu próprio modo de sociabilidade, do seu tipo humano e da sua comunicação. Esta inteligência coletiva aperfeiçoada desde há séculos é perfeitamente encarnada pelo caráter livre, sem fronteiras, interconectado, cooperativo e competitivo da web e das comunidades virtuais.

Ora, acontece progressivamente que, uma vez que o mercado tira o seu melhor desenvolvimento dos conhecimentos, dos know-how e das ideias produzidas pela comunidade científica, as empresas começam não só a “fazer investigação” mas a imitar cada vez mais o funcionamento da comunidade científica.

POR QUE RAZÃO AS EMPRESAS SE TRANSFORMAM EM UNIVERSIDADES

As grandes empresas tornam-se quase universidades: organizam colóquios, seminários, oferecem formação permanente, prometem a *long life learning* aos seus empregados. Não são apenas departamentos de investigação em marketing, em gerenciamento, em organização, em finanças, etc. Estão incessantemente em investigação e em aprendizagem para compreenderem, conceberem, produzirem, comunicarem, venderem e associarem-se. Finalmente, nas empresas mais avançadas, mais *high tech*, mais virtuais, nas empresas de consultoria, de programação, ou de produção de jogos, já não há departamento de investigação e desenvolvimento, todos fazem *investigação e desenvolvimento*, todos se tornam empreendedores no espaço do saber. As grandes empresas, e cada vez mais as pequenas, todas as empresas em concorrência no mercado mundial, qualquer que seja a sua dimensão, devem estar em investigação permanente, em autotransformação. São as famosas “organizações de formação contínua”. Quanto mais vasto e aberto é o mercado em que se batem, mais se assemelham a pequenas Repúblicas das letras. Inversamente, quanto mais assentam num mercado cativo, menor concorrência têm e *menos* apetite possuem pela inteligência coletiva. É a concorrência que torna as empresas inteligentes, que as faz utilizar todos os recursos do trabalho cooperativo em rede, da engenharia simultânea, da Intranet e da Extranet, que as faz capitalizar a sua memória de empresa e as suas competências, que as faz vender e consumir cada vez mais informações e conhecimentos.

O mercado apoderou-se das infraestruturas de comunicação e dos modos de funcionamento da comunidade científica porque também ele, desde o advento da economia da informação, já só tem como objetivo a inteligência coletiva. O *Homo academicus* e o *Homo economicus* fundem-se no momento em que a economia se torna virtual, no instante histórico em que o mercado se torna um lugar sem fronteiras de circulação das notícias, de intercâmbio de informações e de competição de ideias.

Quanto o mercado se torna uma inteligência coletiva, os vendedores devem se revestir do espírito de cooperação competitiva dos cientistas, devem adotar a sua preocupação maníaca por honestidade, originalidade, citação e de referência (os links - hipertextos, as patentes, os *copyrights*, as marcas registradas). O lugar do mercado e o lugar da enciclopédia viva confundem-se progressivamente no ciberespaço.

AS MÁQUINAS DE PRODUZIR O FUTURO OU OS JOGOS DO DINHEIRO E DAS IDEIAS

Devido a esta convergência, a comunidade científica e as universidades vão tornar-se os focos mais quentes da lógica liberal. Quando o comércio se torna universal, a Universidade vai misturar-se cada vez mais com o comércio. Primeiro os Estados Unidos, isto é, em breve por toda a parte, as universidades de empresa têm mais estudantes que as universidades públicas e independentes. As próprias universidades públicas dependem de maneira crescente das encomendas da indústria para a sua investigação e ouvem cada vez com maior atenção as exigências do mercado em matéria de formação. Porque as universidades se tornaram uma espécie de filtros que enriquecem e selecionam os batalhões de jovens que chegam ao mercado, ao mercado de emprego, ao mercado de trabalho, ao mercado de iniciativa e das ideias. “Criem-nos diplomas que tenham ideias, procura de mercado, e não gente que aplica teorias. Gente criativa, por favor!” O mercado torna-se o principal incitador à criatividade. É por isso, e apenas por isso que se confunde com a inteligência coletiva do próximo século e que foi escolhido provisoriamente pela seleção cultural como o modo de organização social mais eficaz. Vamos começar a divertir-nos com o pensamento, num grande jogo em que sabemos que cada um tenta pensar melhor que os outros.

Neste jogo, as ideias ou os talentos são as semente de espécies geneticamente modificadas que lançamos à terra fértil do mercado, esperando recolher o máximo de dinheiro. A aprendizagem é um investimento; a criatividade é um investimento; as relações, as ligações, os acordos de cooperação, as parcerias são investimentos. O dinheiro só está lá para recompensar os atores, os semeadores de ideias, os cultivadores de talentos, os que fertilizam a inteligência coletiva. Na verdade, o dinheiro não é feito para ser gasto na totalidade. (É certo que é necessário que haja luxo. Através do luxo, os ricos subsidiam as primeiras produções do que se tornará, alguns anos mais tarde, acessível a todos: os carros, os aviões, os computadores, as piscinas dos jardins...) O dinheiro mede o poder das ideias que se confrontam com uma realidade não dividida em disciplinas. *O dinheiro torna-se uma unidade de medida epistemológica.* Neste momento, nas universidades norte-americanas, os professores com maior prestígio, e que atraem a maioria dos estudantes, são aqueles que conseguem obter os maiores subsídios, as encomendas mais substanciais. É preciso levar este raciocínio indissolúvelmente económico e epistemológico até o fim: o máximo de dinheiro obtém-se no mercado e não algures, porque é aí que o dinheiro mede mais exatamente a força das ideias e dos grupos de ideias que fazem face a uma realidade não separada em disciplinas ou em ministérios. É aí, no mercado mais virtual, mais especulativo, que se mede melhor a força das ideias que ultrapassam as outras e anunciam o futuro.

As universidades pedem cada vez mais aos seus laboratórios para se autofinanciarem através dos rendimentos das suas propriedades intelectuais (patentes, licenças, direitos de autor) e, de fato, estes rendimentos constituem uma parcela cada vez mais importante do orçamento dos laboratórios. Simetricamente, de uma maneira claramente convergente, verifica-se que, no rendimento das empresas em concorrência no mercado mundial, uma parte crescente provém das suas patentes, dos seus direitos de autor, dos conhecimentos que lhes são comprados, das formações que dispensam e de uma capitalização bolsista que é apenas uma avaliação feita pelo mercado da força de futuro das suas ideias. Esta tendência só poderá acelerar nos próximos anos. Do mesmo modo que as grandes empresas da economia da informação se transformam em universidades e criam o seu próprio sistema de formação, muitas empresas inovadoras

da economia da informação são *spin off* de grandes universidades ou de institutos de investigação públicos, dirigidos por estudantes e aconselhados por professores interessados no capital. A generalidade das empresas, públicas ou privadas, tornam-se produtoras de conhecimento, isto é, motores que arrastam a sociedade para o futuro. O conhecimento mantém uma profundíssima relação com o futuro: cria-o. Na economia da informação, o dinheiro recompensa a visão e a fabricação do futuro. As sociedades com melhor cotação na bolsa já são as que produzem *mais* conhecimentos que as outras. Mais conhecimentos - ou mais acesso ao conhecimento - que as universidades. Em concorrência no mercado do conhecimento, as grandes empresas da economia da informação são estranhas espécies de universidades cotadas na bolsa. São máquinas de produção de futuro: biotecnologias, programas informáticos, redes, imagens virtuais. O dinheiro é aspirado pelo futuro. O dinheiro recompensa o virtual. Vede bem onde ele corre. Em breve, todos os empresários estarão no negócio do conhecimento, no virtual, na preparação do futuro.

Simetricamente, todas as universidades estão em vias de entrar nos negócios e de se transformar em empresas. O principal motor desta transformação é *a entrada em concorrência planetária das universidades*, provocada pela facilidade dos transportes e, sobretudo, pelo desenvolvimento do ciberespaço.

O DESTINO CONCORRENCIAL DAS UNIVERSIDADES NA CIBERCULTURA

Como recordamos acima, as universidades *vendem* formação e qualificação oficial a batalhões de estudantes, *vendem* as suas investigações a intermediários privados ou a organismos de financiamento público. Dada a diminuição dos subsídios públicos, as universidades dependerão cada vez mais exclusivamente da sua clientela, devendo, pois, ter também em conta, cada vez mais, as suas procuras. As próprias exigências dos estudantes dependem da procura do mercado de trabalho, que é cada vez mais volátil e mutável. Esta volatilidade explica-se pela velocidade de renovação dos conhecimentos, infinitamente maior hoje do que era antes dos anos 60, do século XX. Notemos que o casal dinâmico formado pela indústria e a Universidade acaba por ser precisamente o principal motor da aceleração dos conhecimentos. A Universidade está, pois, largamente na origem da situação que hoje a leva a encara dolorosas transformações, a orientar-se para e dentro do mercado.

A *concorrência* é o tema capital em torno do qual se ordena o destino contemporâneo das universidades. Os estudantes são simultaneamente a *matéria-prima a transformar* e *os clientes* das universidades. Ora, estes estudantes podem agora aprender noutros locais. Noutras universidades, em universidades de empresas, em empresas que se tornaram universidades, fazendo o seu mercado no ciberespaço, onde a oferta on-line de produtos de formação se torna dia a dia mais variada, mais precisa, mais bem organizada. Quanto à investigação e ao desenvolvimento, os consumidores de conhecimentos e de ideias podem encomendar estudos ou formação de altíssimo nível a firmas especializadas ou às grandes empresas privadas da indústria do saber. De fato, hoje, é o saber especializado e a reputação de equipas ou de personalidades em certos domínios que contam primeiro no mercado, mais que a natureza jurídica da organização a que pertencem, quer sejam universidades clássicas, gabinetes de consultoria privados (os "*think tanks*") ou multinacionais. O mesmo acontecerá em breve com os cursos e os produtos de formação. A formação para os quadros superiores recorre aos melhores

especialistas mundiais, qualquer que seja o seu exato estatuto profissional, quer sejam ou não professores de renome. Um curso concebido por um prêmio Nobel de física e oferecido on-line será preferido pelos estudantes de todo o mundo a um curso de física preparado por um honesto professor da universidade local mais próxima. É provável que o ensino superior conheça rapidamente a mesma mutação que as músicas depois da invenção do disco e do rádio. Os cantores planetários que visam determinados segmentos de gostos e de idades no conjunto da população mundial sucederam em menos de um século aos músicos e cantores que servem a totalidade da população numa pequena zona geográfica e cultural. No mundo contemporâneo, globalmente, há muito menos músicos que antes, mas são os melhores, os mais espetaculares, os que oferecem uma voz e um som capazes de despertar da maneira mais direta as emoções dos seus públicos. Módulos multimídia encapsulados por empresas de ensino serão transmitidos de maneira interativa pelo ciberespaço de uma ponta à outra do planeta. Como em relação aos músicos, dos quais ouvimos, sobretudo os discos, mas que corremos para vê-los em concertos, a relação direta com os grandes professores será sempre mais procurada. Equivalentes aos desempenhos vivos na canção, na música ou no teatro, os seminários e conferências, onde as pessoas se acotovelam para encontrar as estrelas do conhecimento, têm já grande afluência. O ensino (superior e secundário) vai tornar-se um *business*, tal como o *show* se tornou um *business*. Já tem as suas vedetes, as suas modas; brevemente, terá tarifas e métodos de concessão de diplomas independentes dos Estados, totalmente baseados nas reputações do mercado mundial.

Brevemente, haverá universidades e escolas multinacionais, como há empresas de telecomunicações, de petróleo, firmas de alimentação, gigantes da informática e grupos de comunicação multinacionais. Haverá cada vez mais concorrência entre as universidades on-line e as locais, depois entre as universidades on-line, quando muitas universidades locais tiverem sido obrigadas a fechar. As universidades clássicas encontrar-se-ão na situação dos pequenos comerciantes perante as grandes superfícies que oferecem a maior escolha por um melhor preço e que cuidam dos seus clientes integrando-os em “clubes” repletos de vantagens. É igualmente possível que as universidades planetárias, depois de uma série de aquisições e fusões, não sejam mais que quatro ou cinco no mundo, como os grupos de comunicação, de automóveis ou de seguros. Também podemos imaginar que as universidades transnacionais se especializam por temas (não haveria então mais que algumas grandes universidades no mundo para a física, a medicina, o gerenciamento, etc.). Certas universidades on-line, talvez adquiridas por grandes empresas da indústria da informação e das ideias, conseguirão atrair os melhores professores, os prêmios Nobel, as vedetes. Elas automatizarão os seus sistemas de passagem de exame, encontrarão meios de estimular a inteligência coletiva dos seus estudantes ou dos diversos grupos que animam. Tornar-se-ão portais inteligentes, fornecedores de serviços intelectuais on-line, comunidades virtuais dedicadas à aprendizagem intensiva (o que a maior parte das comunidades virtuais já são, sem terem o diploma de curso da universidade). Difundir-se-ão melhor as que forem capazes de atrair os estudantes on-line através de técnicas muito aperfeiçoadas de *web marketing*, graças a intercâmbios de elos, negociados com os melhores sites utilizados pelos jovens, através da criação de comunidades virtuais onde os empregadores poderão exprimir as suas necessidades e onde os estudantes serão confrontados com a realidade do mercado.

As escolas e as universidades deverão dar aos estudantes o que eles procuram. O que eles procuram verdadeiramente: compreender o mundo em que vivem. Um mundo

interconectado, convergindo para um espaço virtual onde a inteligência coletiva e a economia da informação mais livre possível constituem apenas uma unidade que produz o futuro a velocidade acelerada. É neste mundo que as universidades do futuro prepararão os estudantes fazendo-os viver.

PENSAMENTO DO *BUSINESS* E *BUSINESS* DO PENSAMENTO

Em que se transforma o *Homo economicus* quando a economia se transforma numa economia da informação, uma economia virtual num espaço virtual? Transforma-se num *Homo academicus*. Porque é na cooperação intelectual que se torna rico, com todos os valores de audição#, de serviço, de imaginação, de honestidade, de rigor e de exatidão que isso implica. Nunca vos interrogastes por que razão o “capitalismo” e a comunidade científica ocidental nasceram juntos, na Europa, no Renascimento, no preciso momento em que o planeta finalmente circunavegado dava a conhecer todos os seus horizontes? Não vedes o paralelismo entre o desenvolvimento espetacular da ciência e da técnica, por um lado, e o do capitalismo e do mercado livre, por outro? Até que as empresas se tornem “organizações de formação contínua” e universidades mundiais, até que a enciclopédia absoluta e intotalizável da Web se transforme no mercado absoluto e intotalizável, até que o *web marketing*, os links de hipertexto, a indexação dos motores de pesquisa, os programas informáticos de trabalho cooperativo e as comunidades virtuais se tornem a chave de tudo? A comunidade científica tornam-se idênticos porque estabelecem desde a sua origem uma relação muito forte com o mesmo apetite de liberdade, a mesma fé na competição cooperativa, o mesmo impulso para o futuro. A inteligência coletiva torna-se o mercado porque o mercado, em breve centrado principalmente no ciberespaço, já é o lugar por excelência onde se trocam as informações e as ideias em concorrência, o lugar do virtual, o futuro.

Mas o *business* é também o lugar da *realidade*, o lugar onde se descobre se as coisas andam realmente. Os assuntos não são divididos por disciplinas, são os assuntos, onde a psicologia e a física não se distinguem. Nas universidades clássicas, o conhecimento é muitas vezes mutilado porque “teórico”, desorganizado pela separação das disciplinas. Muitas vezes, ensina-se nelas o que as coisas deveriam ser. Em contrapartida, no *business*, como na verdadeira ciência, estamos constantemente em contato com a realidade tal como ela é, *experimentamos*. É deste contato com um real integral que nascem as ideias, todas as verdadeiras ideias. As ideias que estão em concorrência no mercado. Os objetos são ideias. Os utensílios são ideias. Os processos são ideias. Os serviços são ideias. Os textos são ideias. As obras de arte são ideias. Foi necessário pensá-los! Tudo o que povoa o mundo humano só existe porque foi pensado primeiro.

A Microsoft, que representa a programação informática, engoliu a IBM, que significa o material. A AOL, que absorveu a Netscape e, mais tarde, a Time Warner, simboliza a navegação universal. A sua capitalização na Bolsa já ultrapassou a dos antigos símbolos da grande indústria americana. Irá ela abocanhar a Microsoft? É sempre a camada mais virtual, a mais universal, a que tem mais futuro, que se desenvolve com maior vigor. Quando mais “virtual” se é, mais dinheiro se faz. Quanto mais se sobe para o mundo das ideias, mais recompensado se é pelo mercado.

“Ganhai dinheiro com ideias e com ideias sobre ideias, não com o nascimento, ou

com o poder, ou com a violência”. É este jogo que o mercado atual nos encoraja a jogar. Por vezes, chama-se a isso “a economia da informação”, ou “a idade do conhecimento”, mas não se compreendeu realmente do que se tratava. O mercado triunfa apenas no momento em que parece evidente que tudo é dirigido por ideias, para a obtenção de novas ideias, e que o essencial está no processo de evolução para uma inteligência coletiva cada vez mais consciente de si mesma, que é o sentido da história humana. O ruído dos meios de comunicação, o hipertexto em expansão das publicações científicas e as cotações da bolsa são as primeiras batidas, ainda fracas, muito tímidas, ainda na infância, da inteligência coletiva global da humanidade. O que se obtiver no ciberespaço será infinitamente mais complexo e performante. No mesmo movimento, o ciberespaço vai tornar-se o lugar supremo de competição das ideias e o mercado, finalmente libertado de todos os entraves. Já não haverá diferença entre o pensamento e o *business*. O dinheiro recompensará as ideias que farão surgir o futuro mais fabuloso, o futuro que decidiremos comprar.

A COOPERAÇÃO COMPETITIVA E A INTELIGÊNCIA COLETIVA

O objetivo da seção seguinte é fornecer um sólido fundamento à noção de inteligência coletiva. A minha hipótese é simples: a inteligência coletiva emerge do processo de cooperação competitiva, incidindo a competição essencialmente nas capacidades cooperativas dos atores em concorrência. No início desta seção, situo o funcionamento do mercado capitalista e o da comunidade científica, que foi abordado na seção precedente, na classe muito mais geral dos processos de *competição cooperativa* que encontramos em todas as escalas da evolução biológica e cultural. Feito isto, mostro que a competição cooperativa (ou a cooperação competitiva) é o modo de organização privilegiado da inteligência coletiva. Para terminar, proponho alguns argumentos a favor da ideia de que o ciberespaço é um ambiente de comunicação particularmente favorável ao desenvolvimento de uma inteligência coletiva global da humanidade.

A INTELIGÊNCIA COLETIVA E O TURBILHÃO EVOLUTIVO

Segundo a abordagem neodarwinista, a evolução biológica resulta da competição cooperativa dos genes para a sua sobrevivência. Tudo se passa como se os genes “egoístas” quisessem perpetuar-se e como se utilizassem os organismos a fim de se transmitirem e de se multiplicarem. Os genes estão em *competição*, dado que as características cuja formação é comandada nas células e nos organismos se opõem sempre a outras características possíveis, cujo desenvolvimento seria dirigido por genes diferentes. Quanto mais estas características favorecem a reprodução dos organismos, tanto mais os próprios genes que os comandam são reproduzidos, logo “vencedores”. Mas também podemos dizer que os genes são envolvidos num vasto processo de *cooperação*. Devem entrar em relação uns com os outros para regerem coletivamente a maior parte dos aspectos da vida de um organismo. Se os genes de um mesmo organismo se opusessem, se fossem mutuamente incompatíveis, o organismo em questão não seria muito simplesmente viável. Assim, a seleção natural só deixa que se reproduzam os genes capazes de se associarem positivamente com os outros no seio de um mesmo genoma. Este processo de cooperação pode também ser observado à escala da espécie. De fato, na abordagem neodarwinista, os organismos são concebidos como os vetores de genes que são unidos ritmicamente em novas associações em cada *geração*, intervindo esta união no seio de *populações* cuja extensão espaço-temporal é muito mais vasta que a dos organismos. Todos os genes que compõem o *pool* genético de uma espécie cooperam a fim de assegurar a maior duração possível das populações cuja associação é solidária. Mas podemos alargar ainda mais o ponto de vista e considerar que os genes que comandam as diferentes populações de plantas, de animais e de microorganismos interagem no seio de um sistema ecológico e são também envolvidos num processo de cooperação competitiva. Suponhamos que certas associações de genes - que se manifestariam, por exemplo, pela aparição de um superpredador - têm por efeito romper a cooperação no seio do sistema ecológico em que participam, isto ao ponto de fazê-lo desaparecer. Então, estas associações de genes “assassinos” destruiriam ou enfraqueceriam o ambiente da sua própria reprodução e também eles desapareceriam ou declinariam. A cooperação entre os genes estende-se, pois, a uma escala muito vasta. Podemos alargar ainda mais a nossa visão. Desde a primeira célula capaz de se reproduzir, a cooperação competitiva dos genes, para se perpetuar, gera o imenso

phylum evolutivo da vida. Como sabemos, o processo vivo, na sua totalidade, produz e reproduz um leque cada vez mais vasto de formas. O conjunto do processo é sustentado pelo contínuo aparecimento de novos genes (as mutações) e por novas associações de genes (associações à escala dos organismos, das populações, dos sistemas ecológicos). Ora, estes genes são selecionados principalmente em função da sua aptidão para cooperar entre si. *A competição incide nas aptidões cooperativas*. É muito natural que os genes mais cooperativos se reproduzam melhor do que outros, dado que, *a contrário*, os que são incompatíveis com os seus associados ou que se opõem à sobrevivência do ambiente que os apoia e os propaga (organismo, população, ecossistema) não podem muito simplesmente reproduzir-se. Novamente, a longo prazo, *a competição recompensa a propensão para cooperar* tanto “internamente” (viabilidade dos organismos) como “externamente” (viabilidade das populações e das associações que são os sistemas ecológicos).

Não somos obrigados a fazer dos genes os principais atores da história da vida. Noutras narrativas possíveis, os genes são apenas suportes de memória, importantes decerto, mas cujo papel deve ser recolocado no decurso de processos auto-organizados complexos que fazem participar o conjunto do metabolismo dos organismos na sua gênese, no seu desenvolvimento e na sua reprodução. Das células aos organismos, das populações interfecundas aos sistemas ecológicos, dos conjuntos ecológicos às espirais retroativas que mantêm o equilíbrio da biosfera no nosso planeta, desde a sua origem até os nossos dias, todo o tecido auto-reprodutor e ramificado da vida é solidário e interdependente.

A história da evolução pode ser lida como uma exploração aventureira de todas as formas possíveis de cooperação, trabalhando as mais eficazes para a sua própria conservação. Na história da evolução, as células eucariotas surgem mais de dois bilhões# de anos depois das células procariotas (bactérias, algas azuis), mais primitivas. As células eucariotas são associações resultantes da simbiose de formas de vida mais simples já providas de memórias genéticas distintas. Incluem um núcleo, mitocôndrias (espécie de microfábricas energéticas) e cloroplastos (capazes de extrair a energia do sol) para as plantas. Estas células compõem os vegetais, os animais e o nosso próprio corpo. O aparecimento das células eucariotas provocou um salto no processo evolutivo, dado que permitiu a criação mais rápida de formas de cooperação mais variadas. Os seres multicelulares surgem cerca de quinhentos milhões de anos depois das células eucariotas. Os *organismos multicelulares* representam um estágio de cooperação ainda mais integrado que o das células eucariotas. As células fortemente diferenciadas destes organismos trabalham em conjunto para a perpetuação dos mesmos genes. Trezentos milhões de anos depois do aparecimento dos seres multicelulares os *animais sociais*, como as formigas e as abelhas, manifestam um grau de cooperação ainda mais elevado que os organismos multicelulares. Devido a uma sexualidade e a um modo de reprodução originais, os himenópteros são muito mais próximos geneticamente que a sua mãe e irmãs que os animais que têm uma sexualidade “normal”. O altruísmo em relação à mãe e às irmãs é um meio de propagar os seus próprios genes. Devido à sua excepcional aptidão cooperativa, os himenópteros dominam totalmente os outros insetos, tanto em número de espécies como pela sua biomassa. Ainda mais tarde que os insetos, as sociedades de mamíferos desenvolveram comportamentos altruístas sem se apoiarem no modo de reprodução particular dos himenópteros. A complexidade do seu sistema nervoso e hormonal permite-lhes encontrar modos de cooperação (caça coletiva, proteção mútua, entreaajuda, afetividade complexa), muito mais maleáveis que o dos

insetos. Os mamíferos sociais, especificamente, não conhecem a especialização mais rígida das formas físicas segundo a função social (soldados, operários, rainhas reprodutoras, etc.) que ocorre nos insetos. Finalmente, a *cooperação cultural* - que ocorre nos humanos - pode ser considerada como o estágio atualmente mais elevado da cooperação, dado que a linguagem, as técnicas e as instituições sociais *conservam as descobertas dos mortos* na ausência de codificação genética e permitem uma colaboração transgeracional muito mais eficaz que a que passa unicamente pela transmissão dos genes. Além disso, as técnicas de transporte e de comunicação favorecem uma cooperação à escala (planetária) do conjunto da espécie e não só no seio de sociedades fechadas ou de colônias separadas umas das outras.

Devem ser feitas duas observações relativamente ao processo de ascensão para formas de cooperação cada vez mais vastas e integradas. Cada novo estágio de cooperação é atingido muito mais rapidamente que o precedente. As células eucariotas (simbióticas) aparecem mais de dois bilhões# de anos depois das procariotas. Os organismos multicelulares aparecem quinhentos milhões de anos depois das primeiras sociedades de insetos. As sociedades animais trezentos milhões de anos depois dos seres multicelulares e a sociedade humana menos de duzentos milhões de anos depois das primeiras sociedades de insetos. A segunda observação, talvez menos objetivamente mensurável, mas intuitivamente bastante evidente, relaciona-se com o aumento da diversidade, ou da competição entre diferentes formas concorrentes. Quanto mais elevado é o estágio de cooperação, mais o leque das formas em competição se abre. As células eucariotas (resultantes de uma simbiose) geraram mais rapidamente formas de vidas mais variadas que as células procariotas (simples). Os organismos pluricelulares desenvolveram a extraordinária variedade das plantas e dos animais que conhecemos, inclusive, bem entendido, os animais providos de um sistema nervoso aperfeiçoado. Os animais sociais multiplicaram as suas espécies de maneira mais maciça e rápida que os outros. Finalmente, a cultura dá lugar à competição volumosa de ideias, de dispositivos materiais e de formas de organização em que estamos mergulhados, e isto a um ritmo ainda mais acelerado que durante os surtos de diversidade precedentes. Tudo se passa como se as associações cooperativas visassem constituir máquinas para gerar diversidade em concorrência e como se a concorrência incidisse na capacidade de cooperar... para criar máquinas para produzir uma diversidade ainda mais concorrencial. A cooperação remete para a concorrência e a concorrência para a cooperação no seio de uma espiral autocriadora que engloba uma realidade cada vez mais vasta, diversa e integrada que é o próprio movimento da inteligência coletiva.

Gostaria de sublinhar que a inteligência coletiva é um processo não apenas em ação na “natureza”, mas também na “cultura”, sendo a cultura apenas a complexificação e a aceleração de um só e único gesto de criação contínuo. Deste ponto de vista, a história cultural intensifica e prolonga o processo de inteligência coletiva que gerou progressivamente o mundo fabulosamente rico da vida muito antes do aparecimento da espécie humana.

As espécies animais ou vegetais perpetuam-se e transformam-se através da cooperação dos indivíduos em competição para transmitir as suas características genéticas. Não existe guia das espécies que planifique a evolução ou a sua sobrevivência. Nos sistemas ecológicos, as espécies cooperam no próprio movimento da sua competição sem que nenhum chefe de orquestra dos sistema regre as suas interações. O conjunto da biosfera, desde a sua origem, age sobre a composição química

da atmosfera e a temperatura do planeta que, por sua vez, interagem sobre a biosfera num processo circular, dinâmico e autorregulado, sem que quem quer que seja tenha planejado a evolução que fez passar uma atmosfera rica em gás carbônico e em metano para uma atmosfera rica em oxigênio.

O organismo humano é uma das mais recentes formas biológicas geradas por uma evolução auto-organizada, com vários milhões de anos, e é o ponto de partida de uma nova forma de evolução, ainda mais rápida e criativa que a que lhe deu origem, ao ponto de influenciar, por sua vez, toda a organização da biosfera (modificação dos ecossistemas e do ambiente global, seleção e criação ultrarrápida de novas espécies, etc.). Emergindo da cooperação competitiva dos corpos inteligentes e sensíveis dos seres humanos, a cultura tornou-se a nova atmosfera com a qual a vida na Terra estabelece uma relação dinâmica. É precisamente graças à sua excepcional aptidão para a auto-organização, para a criação de novas formas e para a cooperação competitiva que a associação dos corpos ultrasensíveis dos humanos, a sua inteligência coletiva, pode acelerar a tal ponto o aparecimento de novas formas.

No parágrafo precedente, falei do *corpo humano* e não do cérebro porque o cérebro faz sistema com a posição ereta, com a mão e com toda a nossa organização física. Além disso, o funcionamento do nosso sistema nervoso central está estreitamente conectado ao funcionamento dos nossos sistemas imunitário, hormonal, etc., embora, provavelmente, seja todo o corpo (a inteligência coletiva global do corpo) que se mostra inteligente e sensível e não apenas o cérebro. Embora saibamos que só funciona graças à sua imersão nos circuitos integrados muito complexos da inteligência somática, concentremo-nos agora no cérebro, para facilitar a exposição. O seu funcionamento é alimentado pelos dados dos sentidos e age, por sua vez, nas sensações através dos movimentos que comanda. As espirais sensoriomotoras são orientadas por cálculos neuronais cuja própria organização resulta na história passada da espirais sensoriomotoras. Por outro lado, as concentrações hormonais nas quais está imerso orientam as reações dos seus neurônios, cujas dinâmicas de ativação comandam por sua vez as secreções hormonais. Esta produção de hormônios comanda parcialmente o nosso humor e, por intermédio deste, a nossa interpretação das nossas percepções e, por conseguinte, as nossas ações, que, por sua vez, modificam as nossas percepções, e assim sucessivamente. O “mundo” captado emerge da história auto-organizada destes cálculos circulares, destas espirais entrelaçadas. Os neurônios, os grupos de neurônios e as dinâmicas de ativação de circuitos neuronais estão continuamente em cooperação competitiva. Quando escrevo, certas zonas do meu cérebro trabalham mais do que outras. Quanto tenho fome ou quando o sono me invade, é outro tipo de circuitos neuronais que assume o controle e faz trabalhar os outros ao seu serviço. As minhas emoções interferem nas minhas percepções, mas as minhas percepções desencadeiam as minhas emoções. A minha história gera progressivamente conexões privilegiadas entre estados de espírito, ações e percepções, e estas conexões começam a organizar a minha história. Não há chefe de orquestra do cérebro, não há neurônio ou grupo de neurônios dominante, dirigente ou planificador. É precisamente por causa da abertura e da indeterminação essencial do seu funcionamento (um funcionamento simultaneamente competitivo e cooperativo) que o cérebro é “inteligente”. Obedecemos a planos, seguimos comportamentos predeterminados. Mas estes planos e estes comportamentos foram “aprendidos”, nós podemos desaprendê-los e adotar outros, mais abertos, mais cooperativos. É precisamente esta capacidade de aprender, esta *aptidão para abrir o mundo* que é própria da inteligência (o mundo, ou seja, o leque das formas captadas e

imaginadas, a variedade das sensações, dos comportamentos, das espirais sensoriomotoras e das conexões significantes). Acrescentemos que o cérebro humano só se torna o que é pela associação com outros cérebros, com outros corpos. Isolado, morre ou torna-se estúpido. O cérebro humano, um dos símbolos da inteligência coletiva da vida, produto da evolução biológica, torna-se por sua vez a mais fantástica máquina para gerar competição cooperativa, isto é, *no mesmo movimento*, formas de cooperação e uma extraordinária variedade de formas em competição. Esta cooperação na criação de formas em competição (competição que incide nas capacidades cooperativas das formas em questão) é precisamente o que se chama cultura. A cultura é o espaço radicalmente novo onde se joga agora a aventura da inteligência coletiva global, um espaço-tempo muito particular onde se criam a um ritmo acelerado as formas ideais, materiais e relacionais em competição pela produção de modos de cooperação ainda mais integrados, inteligentes e abertos à competição.

A longo prazo, a competição entre formas culturais seleciona aquelas que são mais favoráveis à inteligência coletiva. Por exemplo, os grupos humanos que se associaram em cidades e que adotaram a escrita foram “escolhidos” pela “seleção cultural”. Em geral, os modos de transporte, de comunicação e de organização que favorecem a densidade e a liberdade das interconexões dá uma vantagem competitiva às sociedades que as utilizam, dado que criam as condições para um aumento da sua inteligência coletiva. As formas de organização política *pluralistas* (as que admitem a competição entre programas políticos rivais) revelam-se mais eficazes, mais aptas para criar um clima de cooperação social criativa que a guerra de todos contra todos, ou que as ditaduras, ou que as sociedades fechadas, orientadas para a reprodução do seu próprio passado. É por isso que a “democracia”, ainda que a sua realidade cotidiana nem sempre corresponda a um poder efetivo exercido pelo povo, ganha hoje terreno sobre os outros regimes políticos. Esta democracia é perfectível, mas a perfectibilidade que está aqui em causa não deve ser entendida como a busca de uma forma de organização “perfeita” e estática, mas, pelo contrário, como uma abertura a modos de inteligência coletiva ainda mais maleáveis, criativos e cooperativos. Outro exemplo de seleção cultural: o tipo de organização inventado pela comunidade científica para a produção de novos conhecimentos é mais eficaz que as instituições onde prevalecem os argumentos de autoridade ou que as instituições quem que ninguém consegue integrar as descobertas dos outros. Finalmente, o mercado livre mostra-se muito mais maleável, criativo e capaz - *grosso modo* - para satisfazer as necessidades daqueles que participam nele que as economias planificadas ou que as economias de subsistência autárquicas. É por isso que a forma “mercado livre” substitui progressivamente as outras estruturas econômicas.

Como já sugeri, o surto urbano, o desenvolvimento dos transportes e das comunicações, a democracia, o mercado capitalista e o desenvolvimento científico e técnico resultam do mesmo processo de crescimento de uma inteligência coletiva que unifica o mundo da cultura num turbilhão auto-organizado, geograficamente cada vez mais vasto, e que, dia a dia, vai cada vez mais longe nas profundezas da existência humana. Desde o século XVI, as culturas “identitárias”, com caracteres bem determinados, com formas perenes facilmente reconhecíveis (incluindo as da cultura dita “ocidental”), dissolveram-se progressivamente e foram mobilizadas num processo de unificação do mundo e de criação cada vez mais rápido de novas formas. Ninguém tem dúvida hoje que a expansão e a intensificação deste turbilhão geram inúmeros contraturbilhões secundários e muitos sofrimentos. Mas, para quem observa

atentamente o ritmo das tendências em ação há vários séculos, também não há dúvidas sobre a saída, ou seja, o aprofundamento do processo de unificação (cooperação) e de produção de formas novas (competição).

Aquilo a que chamamos o Ocidente capitalista, científico e democrático, não resulta verdadeiramente de uma “cultura”, de uma identidade particular, mas sim de um violento processo de atração dos corações e dos cérebros, de concentração das consciências, de constituição de inteligência coletiva de amplitude planetária que desterritorializa as culturas identitárias e produz um universo de signos, de coisas e de relações cada vez mais variado. Este processo nasceu por acaso na Europa, provavelmente porque a Europa plural do final da Idade Média conhecia simultaneamente uma grande concentração de homens, de riquezas e de conhecimentos sem ser, no entanto, refreada por um império que bloqueasse a competição criativa ou ameaçada por invasores. O epicentro deste processo encontra-se hoje na América, lugar de concentração de imigrantes que fugiam aos condicionalismos, às fatalidades, às opressões, às guerras e aos massacres do velho mundo. Provavelmente, não devemos interpretar esta centralização geográfica como a “vitória” de uma cultura particular sobre as outras, mas como a consequência da necessidade que o turbilhão da inteligência coletiva esteja centrado em algum lugar, para arrastar a humanidade no seu movimento de integração criativa. Não só o centro é móvel (deslocou-se várias vezes nos últimos quatro séculos), como pode mesmo saltar para outra dimensão, não geográfica, mas virtual.

Antes de examinar como a economia virtual manifesta todas as características da competição cooperativa (logo, da inteligência coletiva), gostaria de precisar o sentido filosófico da “competição” e da “cooperação”. Dizendo-o numa palavra, a competição é uma manifestação da *espontaneidade*, ou da *liberdade criativa*, e a cooperação uma manifestação do *amor*.

A COMPETIÇÃO COOPERATIVA CRIADORA DE FORMAS

Recordo a minha hipótese fundamental: a inteligência coletiva aumenta ao mesmo tempo em que melhora a organização da cooperação competitiva entre os seres humano. A palavra competição vem do latim *competere*, que significa “tender para um mesmo ponto”. Esta etimologia parece paradoxal, dado que a multiplicidade dos pretendentes apropriada à competição poderia sugerir mais um fenómeno de divergência. Mas, refletindo bem, nos processos não planificados, os pretendentes à vitória convergem progressivamente num objetivo que é precisado à medida que correm uns ao lado dos outros, podendo cada um identificar a direção seguida pelo que corre mais depressa. Em contrapartida, é precisamente porque um grupo coerente tenta aplicar uma teoria ou obedecer a um plano - que a realidade mutável e imprevisível se encarrega sempre de desmentir - que este grupo começa a *divergir* em relação ao objetivo fixado previamente. Assim, converge-se, como sugere a etimologia, porque se entrou num processo aberto de competição.

Penso que a competição (cooperativa) está na base de todas as formas de inteligência porque, pelo menos na escala de uma pessoa, simplesmente não há outras maneiras de aprender e de descobrir senão testando um grande número de hipóteses, experimentando diversos comportamentos, explorando vários ambientes. À escala

objetiva, uma comunidade não pode, evidentemente, tornar-se criativa se cada um imitar escrupulosamente o que os vizinhos sempre fizeram ou se limitar a obedecer a um poder central que nunca tivesse sido desafiado. A competição não tem nada a ver com a agressividade ou com a vontade maníaca de ganhar do outro. O principal significado da competição nos processos inteligentes é a *abertura do espaço*: o espaço dos pretendentes em competição, que podem ser universos práticos ou intelectuais, problemas, métodos, soluções, objetos, ideias, formas, possibilidades em geral. A livre competição garante a abertura dos possíveis, logo, o fato que a escolha provisória a que chega qualquer processo de seleção se fará num espaço suficientemente amplo. A escolha será tanto “melhor” quanto maior for o número de possibilidades entre as quais é feita. Considerar apenas duas ou três eventualidades quando talvez haja milhares e crer que assim se pode escolher o melhor equivale simplesmente a escolher às cegas, a seguir mecanicamente uma margem ou alguns vestígios, isto é, *a não escolher nada*. Abrir a competição implica que os jogos não estão decididos antecipadamente. Isto significa que se aceita a pluralidade, a abertura, o aparecimento do imprevisto, tudo aquilo em que não se pensou. A abertura de espírito (quer se trate de um espírito pessoal ou coletivo) ao não pensado constitui precisamente o verdadeiro pensamento criativo. A abertura da experiência ao não experimentado é o ato de aprendizagem por excelência.

A competição, isto é, a multiplicação das formas, é a dimensão de *liberdade* da inteligência coletiva. De fato, o ato de liberdade fundamental não é uma escolha entre duas possibilidades existentes num dado momento numa situação determinada, mas sim o alargamento do campo de associações e de cooperações possíveis. O ato vivo, o ato libertador, sai do quadro de referência, deixa um universo à partida condicionado pelo acaso de circunstâncias iniciais e que *limita* o espírito pessoal ou coletivo. O que é próprio de uma inteligência livre é discernir o virtual no atual, fazer advir novas possibilidades de percepção e de ação, aumentar o mundo, dilatar o universo, isto é, entrar finalmente numa dança criativa com a realidade.

Quando um novo problema se levanta, ninguém sabe *antecipadamente* quais são as boas e as más soluções. A concorrência entre os genes de uma população, os indivíduos de uma espécie, as espécies de um ecossistema, as ideias de uma cultura, as teorias de uma disciplina, os produtos de um mercado, esta inteligência coletiva, distribuída, cooperativa e competitiva é a própria forma da inteligência: a abertura máxima do espaço dos possíveis e a escolha entre o maior número de eventualidades. Do mesmo modo que o melhor competidor é o mais cooperativo, a melhor escolha é, frequentemente, a que gera uma situação onde serão possíveis ainda mais escolhas, uma ascensão para o virtual.

Sim, o mercado livre e a democracia são “melhores” que a economia planificada ou a ditadura porque são “mais inteligentes”. Da mesma maneira, a concorrência aberta na comunidade científica é “melhor” que um dogma imposto. E isto não significa que esta hipótese tida por verdadeira na República dos sábios, num dado momento, seja *absolutamente* “verdadeira”. Não necessariamente. É porque se renuncia ao absoluto do verdadeiro e do falso, aceitando ao mesmo tempo os constrangimentos e as regras da competição cooperativa, que se pode ser criativo. A marca da inteligência é a sua fecundidade, não o seu poder “ganhar” uma vez por todas. A inteligência não defende um verdadeiro contra um falso, um bem contra um mal: é uma expansão da consciência, uma manifestação do poder criativo da vida. Cada um deve acreditar que a sua ideia, ou

o seu produto, ou o seu empreendimento é o melhor, e, por outro lado, abrir-se e distanciar-se suficientemente para aceitar de boa vontade aprender com a sua experiência e inserir-se no processo da inteligência coletiva. A violência, a força bruta, são recusas ou bloqueios da inteligência coletiva (na qual, no entanto, cada um participa), um desconhecimento da sua dimensão cooperativa e um enorme mal-entendido sobre o significado da competição, dado que, mais uma vez, o melhor competidor, a longo prazo, é precisamente o mais cooperativo. Nenhum dos competidores é mais inteligente ou melhor que outro, ou apenas de maneira local e provisória. O *processo* global de cooperação competitiva não violenta é mais inteligente que todos os indivíduos, todos os genes, todos os neurônios, todas as ideias consideradas individualmente. Ora, se o “verdadeiro” sujeito da inteligência é o processo global de cooperação competitiva na sua totalidade, então *o processo mais inteligente é a evolução cósmica, biológica e cultural no seu conjunto*. Uma evolução em que seria injusto separar artificialmente as recentes excrescências que são as inteligências coletivas em relação cada vez mais simbiótica do mercado e da comunidade científica.

Gostaria de mostrar agora que o mercado capitalista e a comunidade científica - os dois exemplos de inteligência coletiva que seguimos desde o início desta parte sobre a economia virtual - são extraordinários geradores de formas. Mais que como um saber verdadeiro, também poderíamos legitimamente apresentar a ciência como uma aventura multissecular de investigação, isto é, uma iniciativa regulamentada e organizada de criação de formas cada vez mais ricas e variadas. A ciência explora formas matemáticas, físicas, químicas, biológicas, com uma diversidade e uma complexidade crescente. Constrói mapas cada vez mais pormenorizados do mundo microscópico, da complexidade viva e da imensidade do universo. Remonta ao conhecimento do passado do cosmos, da vida e do humano. Encarrega-se de prever o futuro e contribui efetivamente para produzir o futuro humano através das suas conexões com a técnica e o mercado. Através dos seus instrumentos, dos seus laboratórios, das suas experiências, das suas teorias, dos seus esquemas, das suas formulas, dos seus modelos, das suas simulações, a ciência capta e multiplica as formas e os gêneros de formas em todas as escalas, formas que estão associadas a todos os objetos possíveis e imagináveis, até à teoria do caos, até à física quântica e relativista que descobre a energia do vazio, até que o cérebro que explora a si mesmo nas neurociências, até o ponto em que seria impossível observar mais longe sem a ajuda dos computadores ou criar mais depressa sem o meio de comunicação ubíquo aberto pelo ciberespaço. Ora, a iniciativa científica só consegue gerar tantas formas graças a uma organização explícita e deliberadamente competitiva e cooperativa.

Tal como a ciência, o mercado capitalista é uma extraordinária máquina de produção de formas materiais, intelectuais e estéticas (não pensemos apenas nos supermercados, mas também nos objetos e nos serviços de luxo, nas indústrias culturais, etc.). Quase todos os produtos da atividade humana, dos mais triviais aos mais raros, dos mais vulgares aos mais requintados, se encontram no mercado, incluindo os serviços de ajuda de todos os tipos, as tradições espirituais, os acessórios e os estabelecimentos desportivos, as obras de arte, a música, a literatura, a gastronomia, os veículos, as viagens e até as paisagens e as aventuras vendidas pelo turismo. Há realmente para todos os gostos. Reportemo-nos mentalmente às épocas (a Idade Média europeia, por exemplo) em que a maioria dos seres humanos, dizimados pela fome, enfraquecidos pela doença e pela má nutrição, viviam no estreito horizonte de uma aldeia ou de um grande domínio agrícola. Só saíam daí para se deslocarem, raramente, a pé ou de carroça, a um

pequeno mercado que servia uma dezena de localidades rurais. Os ecos do exterior só eram trazidos pelos raros vendedores ambulantes. Não havia bibliotecas, nem jornais, nem rádio, nem telefone, nem televisão, nem Internet, nem lojas, apenas alguns artesãos locais. A maioria dos habitantes das grandes cidades do século XXI não têm uma consciência plena da *riqueza* que constitui a diversidade de relações possíveis, de contatos com tradições e culturas variadas, a quantidade de informações, de músicas, de imagens, de utensílios e de objetos a que têm acesso. Pensemos igualmente no encantamento, na avidez e nos reflexos de acumulação que se apoderaram dos habitantes dos países de Leste durante os anos 80 do século XX, quando entraram pela primeira vez num supermercado do Ocidente. Tínhamos dificuldade em persuadi-los que haveria a mesma diversidade no dia seguinte. É isto o mercado, mais precisamente, o mercado capitalista conectado à tecnociência e às comunicações planetárias que gera este mundo material, sensível e intelectual com formas cada vez mais diversas, cada vez mais volumosas, até só podermos gerir, comprar e produzir toda esta diversidade com computadores interconectados, passando pelo acelerador virtual, pela concentração espaço-temporal do ciberespaço. Ora, o mercado só é esta máquina de produção de diversidade graças à sua organização explícita e deliberada em cooperação competitiva (garantias da propriedade, enquadramento jurídico das relações, leis antitruste, etc.).

Os investigadores científicos só devem o seu sucesso à sua capacidade de interessar os outros investigadores. Geralmente, este sucesso é medido pelo número de citações. A citação é uma unidade de medida interessante porque depende unicamente *da vontade dos outros*. Um investigador só cita um colega porque esta citação *lhe serve*, de uma maneira ou de outra. O mais citado será aquele que os membros da comunidade científica consideram que mais *lhes serve*. Assim, o mais competitivo é, de fato, o mais cooperativo.

Paralelamente, as empresas mais competitivas são as que conseguem cooperar melhor, tanto no seu próprio seio, como com os seus clientes. Certas abordagens de gerenciamento aconselham, aliás, muito logicamente, que se considerem todos os colaboradores (internos ou externos à empresa) como clientes. Ora, como sabemos, o cliente é rei. Por outro lado, a deslocação geral de economia para os serviços (até a produção industrial pode ser considerada como um serviço prestado a clientes) reforça esta dimensão de cooperação. *Tanto a iniciativa científica como a empresa capitalista estão envolvidas numa espécie de corrida à melhor cooperação*, e é precisamente isto que constitui o seu extraordinário sucesso histórico.

Notemos que as formas de competição da comunidade científica e as do mercado capitalista se combinam no ciberespaço. As citações nos grupos de discussão e nas páginas Web, as links que apontam para um site, o número de leitores medido em quantidade de *hits* numa página Web, o conjunto organizado destes indicadores representa um refinamento das formas tradicionais de citação (logo, de competição cooperativa) na comunidade científica. Por outro lado, todas as formas sofisticadas de referência contribuem para a eleição dos sites mais úteis, aqueles que prestam o melhor serviço, logo, no fim de contas, do ponto de vista económico, os que serão mais recompensados pelo mercado.

Mas o mercado e a comunidade científica não são evidentemente as únicas formas de inteligência coletiva, existem outras, que se conectam àquelas num processo muito mais vasto de cooperação competitiva. As inteligências coletivas das culturas, das

correntes espirituais, das tradições artísticas, das associações ao serviço de ideias, de paixões ou de compaixões, mas também das cidades, dos mercados, das empresas, das disciplinas científicas... catalisadas pela sua interconexão no ciberespaço e pelas viagens de um a outro dos humanos que as segregam, estas inteligências coletivas tornam-se híbridas e enriquecem-se mutuamente para gerar um mundo de formas cada vez mais vasto.

A INTELIGÊNCIA COLETIVA E O CIBERESPAÇO

O ciberespaço não é apenas, como vimos, um *instrumento* ao serviço do mercado, da comunidade científica ou da liberdade de expressão democrática, é também um dos principais *produtos* da sua cooperação. O ciberespaço encontra-se hoje no epicentro da espiral autocriadora da inteligência coletiva da humanidade. Devido à extensão *não censurada* das formas e das representações de todas as naturezas que põe em concorrência, o ciberespaço representa a primeira emergência de uma noosfera, esfera do espírito e da inteligência coletiva, de que a esfera dos meios de comunicação anterior era apenas uma pálida prefiguração.

Os humanos, os seus corpos, os seus espíritos e os seus meios de comunicação podem ser vistos como os órgãos reprodutores das ideias. As ideias de que falo aqui não são “puramente intelectuais”, mas virtuais, isto é, têm o poder de criar não só conceitos, mas dispositivos materiais, formas sensíveis, tonalidades emocionais, universos subjetivos e problemáticas vitais. Cada meio de comunicação abre um espaço onde se precipitam e se multiplicam de maneira oportunista as ideias que lhe são mais adaptadas. Criar uma instituição, um modo de organização, um espaço de comunicação, é inventar um ambiente que condiciona a reprodução, a competição e a cooperação das ideias e das formas de subjetividade. Neste aspecto, o ciberespaço é, provavelmente, a instituição humana, o meio de comunicação em formação, o espaço de comunicação mais transversal e mais aberto criado até hoje. Aquele que maximiza todas as possibilidades de cooperação competitiva.

Os meios de comunicação clássicos e as indústrias culturais anteriores à cibercultura estruturavam já, à sua maneira, uma organização dinâmica de ideias, de imagens, de emoções e de indicadores da atenção coletiva. Mas esta organização era grosseira, gasta, ainda como demasiada circularidade, fechamento e auto-referência estéril. Podemos comparar a esfera dos meios de comunicação pré-digital aos primitivos desenvolvimentos do sistema nervoso da humanidade planetária, aos primeiros passos cheios de futuro de uma embriogênese. Os correios, depois da rede telefônica, construiu uma espécie de ambiente conjuntivo desorganizado que permite as comunicações de ponto a ponto. Os meios de comunicação centralizados, a imprensa, o rádio, a televisão, forjaram o esboço de uma consciência coletiva em tempo real. Mas a raridade dos centros de emissão, o caráter disperso e pouco diferenciado dos públicos, a ausência de interatividade limitavam a amplitude do sistema mediático. Só hoje, do ponto de vista muito mais avançado da cibercultura, podemos discernir o aspecto geral da evolução. Neste início do século XXI, a comunicação de ponto a ponto por correio eletrónico, a comunicação coletiva e interativa das comunidades virtuais, a multiplicação exponencial dos centros de emissão de todos os tipos de imagens e de representações no ciberespaço fazem lembrar cada vez mais a esfera dos meios de comunicação digital com um cérebro auto-organizado. A dinâmica de circulação e de criação de informação torna-se mais

espontânea, mais ampla, mais viva. As etapas anteriores já só surgem como os tímidos inícios de um processo de evolução que não deixara de se acelerar. A atenção coletiva já não passa apenas por algumas centenas de circuitos (a edição, a imprensa escrita, a televisão) pertencentes a proprietários ciosos. Agora utiliza centenas de milhões de canais, que vão em todos os sentidos.

Cada dia que passa, as possibilidades de movimento da atenção coletiva diversificam-se e fluidificam-se. Todas as informações, todas as ofertas, todas as procuras, podem exprimir-se. O negativo, o resto, a repulsa, o proibido, tudo aquilo que não queríamos sai da sombra. Agora faz parte da economia geral da informação, é bom para todas as recuperações, todas as reciclagens, todos os biscates. É exatamente como com os genes, como com a biodiversidade; nunca sabemos para o que vai poder servir: para tudo, provavelmente. O leque deve permanecer aberto. Já não há censura, já não há espaços fechados, já não há recalçamento do “mau”, do “sem interesse”, do vergonhoso, do absurdo e do fútil. Tudo acaba por se exprimir. Há muito tempo que os psicólogos assinalaram que o espírito era uma imensa rede associativa de representações de todo o gênero. O ciberespaço assemelha-se a este rede, mas à escala da humanidade. É uma espécie de objetivação do espírito humano, que contém tudo o que o ocupa: sexo, agressão, apetite do ganho, amizade, amor, beleza, conhecimentos, as mais diversas representações da experiência de ser um ser humano vivo na Terra... A ausência de recalçamento ou de censura no ciberespaço permite-nos pela primeira vez descobrir a imensidade do espírito humano em todas as suas facetas. O espírito humano só está tomando consciência de si mesmo porque deixa de estar recalçado, porque deixa de estar dividido e separado das culturas identitárias, das disciplinas fechadas, dos meios de comunicação unidirecionais que canalizam a sua atenção para as suas ideias fixas ao longo de caminhos circulares e predeterminados. O processo de competição cooperativa vai estender-se e generalizar-se. A inteligência coletiva surgirá deste processo com uma força acrescida, a tender para a criação de formas ainda mais cooperativas.

Um ser condicionado passa de um pensamento para outro porque as suas representações, as suas emoções e as suas ações foram associadas de maneira rígida no decurso de uma aprendizagem precoce. Um ser em vias de descondicionamento torna-se consciente da maneira como se encadeiam os seus pensamentos, as suas percepções, os seus atos e os seus sentimentos. Compreende progressivamente que pode escolher dirigir a sua atenção para a sua experiência presente e as possibilidades de abertura que encerra (isto é, crescer) em vez de deixá-la correr sem fim em circuitos fechados por um passado que caducou ou por poderes autoritários. É exatamente o que está acontecendo no nível coletivo com o movimento de planetarização democrática cuja ponta avançada é o ciberespaço. O processo de descondicionamento e de abertura do espírito humano ao presente do seu próprio mundo e às suas virtualidades mais cooperativas (logo, mais criativas) demorará várias décadas antes de se precisar, mas é inelutável. Compete a nós retardá-lo o menos possível.

A ECONOMIA DA ATENÇÃO

Se a bolsa é a consciência da economia, é claro que, ao ver a capitalização das empresas da web-economia na bolsa, esta consciência é cada vez mais seduzida pela Web. A bolsa e o capital de risco são de tal maneira atraídos pelo ciberespaço que querem investir mesmo onde não há quase nada, onde ainda não há volume de negócios, onde ainda não há lucros. A oferta de investimento no futuro é, ainda no início do século XXI, quase mais forte que a procura de capital das empresas do futuro. A intensificação da tendência especulativa mostra que a aspiração pelo futuro nunca foi tão forte: um futuro cada vez menos violento, cada vez mais comercial, relacional, intelectual, estético. *A inteligência coletiva econômica é atraída pela Web porque sente que este meio de comunicação, ou o que lhe sucederá no futuro, é precisamente o seu próprio futuro: a consciência da economia que converge para uma economia da consciência.* É o que vamos examinar nesta parte, que encerra o capítulo consagrado à economia virtual. Depois de ter esboçado em grandes linhas uma pré-história da economia da atenção, evocarei o seu funcionamento contemporâneo no ciberespaço. Depois, mostrarei como a atenção, ou a consciência, em vez de ser manipulada pela máquina econômica, está em vias de assumir o seu controle. Terminarei com a perspectiva de uma economia geral da consciência e do inconsciente, que anuncia os grandes temas das duas últimas partes deste livro.

PRÉ-HISTÓRIA DA ECONOMIA DA ATENÇÃO

Desde os anos 30 e 40 do século XX a atenção do público tornara-se um objetivo principal das atividades políticas e culturais. O aumento dos meios de comunicação impressos, depois o rádio e o cinema abriram um novo campo da consciência coletiva, imediatamente ocupado pelas batalhas de propagandas iniciadas pelos regimes fascistas e totalitários, depois por todas as forças em presença no decurso da Segunda Guerra mundial. Depois da guerra e da política, o comércio conquistou este novo espaço através da publicidade, que explodiu nos anos 1950. As “indústrias culturais”, especialmente as revistas, a canção, a música, o cinema e a televisão, apoderaram-se progressivamente de uma fração cada vez mais importante da consciência e da atenção coletiva. Como foi assinalado muito cedo - desde os anos 40 - pela escola de Frankfurt (Adorno), depois analisado pelos situacionistas (Debord e Vanheigem) nos anos 60, as indústrias culturais, o “espetáculo” ou os “meios de comunicação” concebem, fabricam e vendem diretamente “conteúdos de consciência”. O espectador de um filme, por exemplo, vê o seu cérebro diretamente manipulado pelo realizador. As indústrias culturais propõem ao seu público *momentos de consciência pré-fabricados*, experiências virtuais partilháveis e reproduzíveis à vontade. É certo que, tudo o que nos rodeia, toda a cenografia das nossas existências nos faz viver experiências. Mas a originalidade das indústrias culturais consiste em envolver-nos em viagens virtuais partilhadas com milhares ou milhões de outras pessoas que não vivem no mesmo ambiente espaço-temporal que nós. O fenómeno dos cantores planetários - Elvis Presley, os Beatles, as estrelas do pop dos anos 70 até Celine Dion no final do século XX - decorre igualmente deste apetite do público pela *trip* coletiva, pela viagem de consciência comunitária. O desejo do público é tanto mais intenso, segundo parece, quanto mais se alarga à escala do planeta a comunidade suscetível de viajar em conjunto.

Hoje, nós pagamos um número crescente de profissionais para nos fazer sentir “diretamente” certos estados mentais, certas emoções, especialmente no mundo da terapia, do desenvolvimento pessoal, da comunicação, da moda, do jornalismo e do *show business*. Além disso, os meios de comunicação, como a maior parte dos centros de interesses do público, do futebol às grandes exposições, são agora controlados por empresas de venda da atenção dos auditórios aos publicitários ou aos departamentos de comunicação das grandes empresas. Por sua vez, os publicitários ou os “comunicadores” fornecem parcelas de consciência coletiva aos vendedores de todos os tipos, aos homens políticos e a todos aqueles cuja sobrevivência e cujo poder dependem da qualidade e da intensidade da atenção do público.

Assim, as duas grandes operações das indústrias da cultura e da comunicação são:

- a criação direta de estados mentais através da produção e da distribuição de experiências virtuais;
- a direção da atenção do público.

Se for conseguido, um *clip* publicitário reúne estas duas operações, obtendo-se tanto melhor a direção e a fixação da atenção quanto mais a experiência virtual proposta adere aos apetites, à sensibilidade e aos estados de espírito do público. Entre uma obra do espírito e uma publicidade, só há uma diferença de grau. Num dos polos de uma continuidade complexa de trabalho sobre o espírito coletivo, a *obra* leva o público para um espaço mental e afetivo que ele não está habituado a visitar, contribuindo assim para alargar a sua consciência. Noutro polo, a *publicidade* bruta conforta os seus destinatários nos seus reflexos mentais, nas suas necessidades mais primárias ou resume-se a um sinal, um simples indicador da atenção. Entre estes dois polos, todo um espaço é aberto às políticas de comunicação mais inovadoras.

Podemos generalizar a noção de venda de estados de consciência pré-fabricados - ou de trabalho sobre a consciência - à maior parte dos produtos e não apenas aos do setor da cultura, do espetáculo e da comunicação. A educação e o ensino também trabalham diretamente sobre o espírito. A informática e os programas propõem-nos tecnologias intelectuais que modificam e aumentam as nossas capacidades de percepção, de memória, de raciocínio, de imaginação e de inteligência coletiva. Os transportes e as telecomunicações encurtam as distâncias vividas, as proximidades de consciência, entre os diferentes pontos geográficos do planeta. O turismo propõe-nos experiências qualitativas, encontros, espetáculos reais, uma aventura em tamanho natural, uma descoberta da alteridade, um contato diferente consigo mesmo. A saúde ocupa-se do bem-estar que é ainda um estado de consciência, embora centrado no corpo. Poderíamos prolongar a lista infinitamente. Todos os bens e serviços vendidos no mercado apresentam-se, afinal, como *modificações de experiência*, quer a sua ação passe principalmente por signos, corpos físicos ou relações.

A política das marcas, das reputações, dos logotipos e das imagens - de uma importância crescente na economia contemporânea - visa conquistar primeiro a existência, depois espaços cada vez mais amplos e bem situados na atenção ou na consciência do público. Excetuando algumas necessidades vitais elementares, que são fornecidas numa base puramente local, a maioria das empresas dependem de modo crescente da sua posição na consciência coletiva. De fato, quanto mais as distâncias

práticas se encurtam e equalizam, tanto mais as comunicações se aceleram e densificam e, correlativamente, tanto mais aumenta a importância das distâncias semânticas e das proximidades de consciência. A competição desloca-se no espaço virtual que é o campo da nossa atenção. Do ponto de vista de uma empresa, idealmente seria necessário que a sua marca fosse *a primeira que nos vem à memória* quando pensamos num certo tipo de bens ou de serviço. A planetarização, especialmente a coexistência no mercado de produtos provenientes de todas as partes do mundo, transferiu progressivamente a concorrência para o terreno da consciência. O fato de qualquer fornecedor ser do mesmo país ou da mesma região que a nossa já não lhe dá qualquer vantagem particular sobre os seus concorrentes “estrangeiros”. Agora, estamos todos no mesmo planeta. No mercado único mundial, não há “estrangeiros”. Em contrapartida, daremos a preferência àquele que está mais “próximo”, mais visível, mais desejável na nossa paisagem mental pessoal, na rede de representações, de imagens, de emoções - no grande hipertexto subjetivo - que é o nosso espírito. Ora, o imenso hipertexto tecido com todas as subjetividades, o ciberespaço, dá hoje um corpo virtual à consciência coletiva. É aqui, portanto, neste lugar sem distâncias físicas, que se realizará a competição entre as firmas planetárias e, cada vez mais, entre as empresas locais. O nervo do comércio é o tráfico da atenção no ciberespaço.

O CIBERMARKETING E A ECONOMIA DA ATENÇÃO NO CIBERESPAÇO

O número de conexões por dia nos sites Web está em vias de substituir a passagem para a televisão e para o “audimat”⁵ como indicador de entrada na consciência global. A televisão e os meios de comunicação de grande difusão vão transformar-se pouco a pouco em espaços publicitários para sites Web. Os meios de comunicação clássicos tornam-se uma espécie de órgãos grosseiros de orientação geral da atenção para zonas do espírito coletivo localizadas no ciberespaço, onde as experiências virtuais, as transações e as conexões entre as ideias são muito mais sutis, rápidas e livres.

Muitos sites Web, especialmente os das grandes marcas, são de fato zonas publicitárias interativas, lojas virtuais que dão acesso não só à informação, mas também a hipóteses de encomenda e de compra. Além da publicidade que é feita nos jornais, na televisão ou noutros sites Web, a popularidade dos sites comerciais é organizada por uma hábil indexação nos motores de pesquisa, pelo tecer de links hipertextos que convergem neles, pela animação das comunidades virtuais que gravitam em torno dos seus temas.

Como dissemos, as empresas em concorrência no mercado planetário devem ocupar zonas do espírito coletivo para sobreviver. Compram espaço e tempo nos canais que atraem a atenção da humanidade. Apoderam-se da atenção do público com dinheiro, com informação útil, com ideias, com sedução e, finalmente no ciberespaço, com o que é mais necessário aqui: aceleradores de interconexão pertinente, ajudas à orientação no mundo virtual. O objetivo é sempre gerar fluxos: indexar e indexar-se, trocar links de hipertextos, prestar o melhor serviço para ter o máximo de conexões que conduzem a si, ser um centro, pelo menos um pequeno centro, um nó na imensa rede policentrada da consciência coletiva. No meio ubíquo da Web, voltam a travar-se as

⁵ Medida de audiência de uma emissão de televisão.

batalhas comerciais de sempre para estar no centro das redes. Mas trata-se agora de redes *semânticas*, num espaço onde todos os lugares estão apenas a um clique uns dos outros e em que a facilidade com que as pessoas se conectam aqui ou acolá pode fazer diferenças de milhões de dólares.

O principal problema, mais uma vez, é atrair, canalizar, estabilizar a atenção. Ora, acontece que a melhor maneira de polarizar a atenção num mercado tão livre e aberto como o ciberespaço é *prestar serviço*, ouvir exatamente o que querem as pessoas - sonho, amor, jogos, saber, mercadorias de todos os tipos - e dar o que elas querem. Caso contrário, irão a outro lugar, muito rapidamente, apenas com um clique.

Trocamos bens, relação, informação, orientações: “Vai por aqui! Vai por ali!” Um conselho, uma orientação, são preciosos quando o espaço é tão grande. É por isso que os motores de pesquisa, ou os “portais”, árbitros da distribuição da atenção, se tornaram as principais empresas da Web. Aqui, já nenhum mercado está cativo e os internautas não cairão eternamente nas armadilhas colocadas pelos publicitários à moda antiga. Irão onde se encontra o que procuram. Vai ser necessário prestar-lhes serviço ao ponto de terem vontade de voltar. Uma link, um clique. Não há tempo a perder. Vamos lá. Depressa. Aqui está a informação que procuramos. Não queremos ouvir discursos: queremos exatamente o que pedimos: um número, uma imagem, uma ideia, um serviço, um objeto. A economia da Web é a arte de interessar os colegas indo direto ao objetivo, uma arte bem conhecida dos membros da comunidade científica. “Tenho a solução para o vosso problema”, “aqui está a informação que vos vai ser útil”, útil para construir uma informação que será útil a outros, porque já estamos todos no *business* da inteligência coletiva. Estamos todos ligados na rede da consciência planetária.

Os fluxos de atenção são agora infinitamente mais numerosos, móveis e livres que na época em que o horizonte se limitava aos campanários das aldeias, quando os mercados eram fechados, as educações locais e os meios de comunicação unidirecionais. Materializada pelos fluxos de visita às páginas Web e por taxas de participação nas comunidades virtuais, a atenção coletiva sobe, desce, desloca-se, divide-se em milhões de canais e de correntes amplamente distribuídas no espaço virtual com significados de uma humanidade em vias de unificação. A atenção viva e multiforme dos humanos traça um movimento fractal cada vez mais denso e rápido no ciberespaço. Este movimento desenha a imagem virtual, labiríntica, hipertextual, multidimensional e viva do que queremos, do que procuramos coletivamente. O espaço da atenção coletiva abre-se cada vez mais à extraordinária diversidade do que pode interessar à humanidade. A hidra da consciência planetária, com os seus milhões e em breve os seus bilhões de filamentos, com pontas móveis, inteligentes, rápidas como a luz, pode simultaneamente escolher entre os milhões e, em breve, os bilhões de sites que se multiplicam como neurônios de um gigantesco sistema nervoso em crescimento.

A CONSCIÊNCIA, PRINCIPAL PODER ECONÔMICO

Mostrei desde o início desta seção que um dos problemas mais lancinantes dos atores da economia virtual do século XXI será atrair, canalizar e fidelizar os fluxos de atenção. Gostaria agora, na sequência desta parte sobre a economia da atenção, de inverter a perspectiva e mostrar que não só podemos como *devemos* colocar o problema noutro sentido, isto é, pô-lo sobre os seus próprios pés. Se se pretende atrair a nossa

atenção, é porque esta atenção, esta consciência, é que dá importância e vida, dentro do espírito coletivo, aos atores que a reclamam e às ideias que eles promovem. Ora, em vez de ficarmos fascinados com o que reclama a nossa atenção, podemos *converter o nosso olhar no poder criador que é a nossa atenção* e compreender que é ela, a nossa atenção, a nossa consciência que, na realidade, dirige e cria o mundo humano. Na escala da nossa experiência cotidiana nós sabemos muito em que, quanto mais nos interessamos por um assunto, mais ele nos parece complexo e rico. Por exemplo, se começo a me interessar pela jardinagem, vou saber cada vez mais sobre os arbustos, as flores, sobre a maneira de plantá-las, de cuidar delas e de compor um jardim agradável, visitável em todos as estações. Este universo dos jardins, que antes me era estranho e de que só me dava conta de uma maneira vaga e longínqua, vai agora aparecer-me com uma precisão e uma profundidade crescentes. Este universo vai começar a *viver*. Inevitavelmente, e sem que se possa fazer nitidamente a partilha entre o conhecimento e a ação, o meu próprio jardim real, o que envolve a minha casa, tornar-se-á cada vez mais belo, complexo, sutil. E o comércio dos utensílios, da terra, dos adubos, das sementes, das plantas em vaso, bem como das revistas e dos serviços de jardinagem vão se beneficiar dele. Existe quase sempre uma dimensão econômica do crescimento de certo universo na atenção de uma pessoa ou de um grupo humano. Mas não é a economia que dirige a consciência, nem aliás a consciência que dirige a economia. A consciência é uma energia criadora unitária que pode declinar-se em quantas dimensões quisermos (econômica, sociológica, política, técnica, linguística, etc.). quanto mais a atenção se polariza numa certa zona da experiência humana, tanto mais esta zona cresce e se diversifica, tanto mais as ideias (logo, os produtos de todos os tipos) que lhe dizem respeito se distinguem e se multiplicam.

Na economia virtual em vias de constituição, começa a estabelecer-se uma espécie de equivalência entre o dinheiro e a atenção. Como vimos, não só a atenção do público traz dinheiro aos vendedores como, o que é ainda mais importante, as opções de compra e de investimento do público manifestam a orientação da sua atenção. E *é esta atenção*, expressa principalmente por decisões de consumo, *que orienta a economia*. Alimentação, jornais, livros, educação, tempos livres, espetáculos, meios de comunicação, meios de transporte, computadores, programas informáticos, serviços de todas as ordens...: cada vez que compramos, recompensamos o que nos parece ir na boa direção. Mas estamos nós conscientes da importância destas escolhas? Na maior parte do tempo, sejamos honestos, não estamos. No entanto, todos nós deveríamos viver como pilotos da economia e não como passageiros. O consumo é um ato importante da cidadania planetária. Foi o que compreenderam muito bem os hábeis comerciantes, cujas publicidades em camisas se tornaram emblemas de distinção para os jovens de todo o mundo. Tentemos compreender ainda melhor do que eles este ato de cidadania planetária e consumamos *a fim de orientar o desenvolvimento humano*, em vez de procurar uma “identidade”. É unicamente porque procuramos no consumo a conformidade a certa imagem e porque queremos quase sempre *imitar* o comportamento do grupo com o qual nos identificamos, que os comerciantes podem nos influenciar. Se decidíssemos conscientemente comprar com o espírito de melhorar a qualidade geral do que é produzido, os vendedores nada poderiam fazer a não ser acompanhar-nos. Mudemos o nosso estado de espírito e toda a economia se transformará.

Cada vez que gastamos dinheiro, encorajamos a máquina econômica a ir num sentido ou noutro. A economia, tão criticada, apresenta à nossa sociedade a sua imagem

num espelho. Foi *isto* que aceitamos comprar: esta alimentação, esta emissão de televisão, esta casa, este carro, esta cidade, este governo, com a máquina econômica, com o tipo de trabalho e de relações humanas que produzem todo este ambiente. Nem sempre somos obrigados a comprar. O “sistema” não é de modo algum algo que nos seja exterior, ele está em nós e nós estamos nele.

No ciberespaço, é ainda mais evidente que são os movimentos da nossa atenção que dirigem tudo. A medida das passagens e dos regressos aos saites Web, o registro do menor clique do mouse, isto é, o traçado mais fino alguma vez efetuado da atenção coletiva e individual, é a matéria prima do novo marketing, que em breve orientará o conjunto da produção. Já nem temos necessidade de comprar para orientar a economia, basta-nos dirigir a nossa atenção para esta ou aquela zona do espírito coletivo. Quando muito, cada instante de consciência pessoal contribui para conduzir a marcha do mundo.

A plataforma de ligação entre o mercado e a produção (o marketing) é chamada a tornar-se mais fina, a mais transparente possível, até que os próprios consumidores decidam o que querem ver produzido. O cibermarketing só terá que fazer “segmentos” no mercado. Será precisamente *quando deixar de ser segmentado*, dividido, recortado, separado, que o mercado, a imagem viva da atenção coletiva, poderá finalmente tornar-se um organismo plenamente inteligente.

Uma atenção fractalmente distribuída circula constantemente, cada vez com maior intensidade e velocidade, na noosfera, onde nascem e cooperam as ideias rivais. Graças ao cibermarketing, a produção organizada de bens, de informações e de ambientes virtuais vai acompanhar cada vez com maior precisão esta circulação da atenção.

As ideias e as representações mais úteis, as mais multiplicadoras de pensamentos e de conexões chamam mais a atenção que as outras. Ora, a própria produção destas ideias é estimulada pelo peso ou pela intensidade da atenção na zona do espírito coletivo em que emergem. Este processo circular através do qual as ideias e a atenção às ideias são geradas mutuamente constitui o movimento progressivo e em turbilhão do crescimento da economia virtual, isto é, em breve da inteligência coletiva planetária.

Depois de ter sido durante séculos uma economia de subsistência e depois, durante algumas dezenas de anos, uma economia da informação e do conhecimento, a economia tende agora para as ideias e - ainda mais para além - para a atenção. A economia sobe cada vez mais depressa a cadeia ontológica para o virtual, em direção do que cria a existência. Porque a atenção, ou a consciência, é *existencializante*.

Voltemos mais uma vez ao tema da atenção como poder criador. No universo do espetáculo e dos meios de comunicação, os grandes atores se imaginam “existir mais” quando os outros, o público, lhes prestam mais atenção e estão dispostos a tudo para mantê-la. O papel complementar da estrela narcisista ou da multinacional que invade o espaço comum com as suas publicidades é mantido por um público infantil que deixa aos outros (os jornalistas, as celebridades, os publicitários) a preocupação de dirigir a sua atenção. Mas em vez de tentarmos atrair a atenção dos outros ou de deixarmos que a nossa seja conduzida por especialistas da hipnose coletiva e da prestidigitação, podemos imaginar que *é a nossa atenção que forja e faz crescer o mundo que nos rodeia, que temos em nós próprios a fonte do poder e que só nos falta apoderarmo-nos dele*.

Como já assinalamos, a nossa atenção coletiva *faz existir* as ideias, as relações e as coisas à nossa volta. Quanto mais nos interessamos por um tema, tanto mais o universo cresce e se complexifica na região em que este tema floresce. Este fenômeno de experiência cotidiana não se observa apenas no mundo subjetivo da nossa percepção mas também na nossa ação social e profissional. Ora, o mercado deu um extraordinário poder desmultiplicador ao poder da nossa atenção. Para tomar alguns exemplos muito simples, os livros, os discos, os filmes, os jogos, são direta, concreta e fisicamente multiplicados pelo interesse que lhes concedemos. Quanto um livro ou um disco chama particularmente a atenção, tem novas impressões. Quanto mais o mercado se desenvolve, mais penetra nas profundidades da vida social, mais se liberta, e mais parece que as ideias, as músicas, as imagens, os utensílios, os objetos, os serviços de todos os tipos são “levados à existência” pelas suas opções. Mas assinalemos que as opções do mercado, afinal, não manifestam senão os interesses daqueles que o compõem, e deste modo, a direção da sua atenção. Ora, o crescimento do mercado livre aumentou o poder da atenção coletiva sobre o seu próprio mundo. A associação de vários fatores acentuou recentemente esta tendência. Em primeiro lugar, o desenvolvimento do marketing tornou os produtores ainda mais atentos aos desejos dos consumidores (e desejosos da sua atenção). Em segundo lugar, o encurtamento dos prazos entre o retorno do mercado, a concepção de novos produtos e a sua produção gera uma economia ainda mais sensível - sensível quase em tempo real - às flutuações e às mudanças de direção da atenção do público. Finalmente, o desenvolvimento da Internet como espaço virtual do mercado está em vias de construir um dispositivo de comando quase direto da máquina econômica a partir da atenção coletiva, agora mais livre e consciente de si própria do que nunca.

No momento em que a atividade do conhecimento e a produção se interpenetram, em que a comunidade científica e a dos negócios se misturam entre si, no instante em que a economia virtual converge para um mercado livre das ideias no ciberespaço, parece cada vez mais evidente que a atenção, ou também poderíamos dizer a consciência, é a própria fonte da criação no mundo humano.

O mundo “virtual” reage muito mais depressa que o mundo físico às deslocações da nossa atenção, deslocações que, doravante, comandam a criação e o arranjo do mundo físico. A partir do momento em que dirigimos a nossa atenção para uma ideia, acrescentamos-lhe existência, tanto mais que a nossa atenção se torna pública no ciberespaço e que é captada pela grande máquina econômica e social planetária. Para onde dirigimos o nosso olhar, a nossa audição, a nossa sensibilidade, os nossos pensamentos? São perguntas que não são apenas pessoais, íntimas, espirituais, mas diretamente econômicas. Ou melhor, quando a economia se torna uma economia da atenção, isto é, da consciência, já não há diferença entre a economia e a espiritualidade. O que é que ocupa o nosso espírito? Quem dirige a nossa consciência? Para onde se dirige ela? Agora são perguntas econômicas, sociais e políticas capitais que comandam o destino do mundo real, mas às quais ninguém além de nós - nós pessoalmente - pode responder. Quanto mais tomarmos consciência que o mundo se densifica, se enriquece, se complexifica e se dilata *onde quer que façamos incidir a nossa atenção*, mais a inteligência coletiva em que participamos criará conscientemente o seu próprio mundo.

ECONOMIA GERAL DA CONSCIÊNCIA

Graças a esta exploração do papel da consciência na economia, podemos agora completar a *economia da consciência* que tínhamos esboçado na seção sobre a economia das ideias e continuada na seção sobre inteligência coletiva.

Permitam-me uma analogia entre a economia da consciência e a teoria da relatividade. Em física, a teoria da relatividade estabeleceu a equivalência da energia, da massa e do espaço-tempo. A desintegração da matéria liberta energia, as partículas de matéria são espécies de condensação mais ou menos estáveis de energia. A força de gravitação exercida pelas massas como as estrelas e os planetas equivale a uma espécie de deformação ou de curvatura do espaço-tempo. Dentro do mesmo espírito, parece-me que uma modelação da inteligência coletiva poderia estabelecer uma equivalência entre a atenção e a consciência (comparável, noutro plano, à energia física), as ideias (comparáveis às massas) e a estrutura dinâmica do mundo virtual ou semântico (uma espécie de espaço-tempo das ideias). Acentuo mais uma vez que as *ideias*, na acepção que dou aqui à palavra, não se reduzem à abstração dos conceitos mas indicam igualmente todas as espécies de representações, de emoções, de sensações, de pensamentos, de complexos e de problemáticas vitais. Chamo simplesmente “ideias” todos os *objetos* possíveis da atenção.

Tanto o pensamento pessoal como o pensamento coletivo são circulações da atenção num imenso espaço virtual de significados, uma rede fluida de representações, de imagens e de tonalidades emocionais capazes de reorganizar instantaneamente as suas hierarquias e os seus sistemas de proximidades. Ora, esta rede, tanto a sua estrutura móvel, como as representações, as texturas sensíveis, os pensamentos e as emoções que a povoam, é constantemente levada à existência e apoiada por uma energia psíquica que denominamos “consciência” quando ela entra no campo da nossa vigilância atenta, mas que, precisamente, nem sempre é consciente. A analogia (porque só se trata de uma analogia) com a energia física parece-me pertinente porque sabemos por experiência que a nossa atenção é móvel, circulante, que pode ser mais ou menos intensa, mais ou menos focalizada, que pode dissipar-se ou concentrar-se exatamente como a energia física. A minha hipótese é que, na ordem psíquica, a consciência constitui a realidade de base, a energia última. O seu poder criador traduz-se em ideias e em paisagens do espaço-tempo semântico. As próprias ideias (os objetos da consciência) são condensações temporárias de consciência, atualizações momentâneas de uma energia psíquica virtual. As formas provisórias dos “espíritos” pessoais ou coletivos (isto é, as redes semânticas mais ou menos condensadas nas quais circula a atenção) também são abrandamentos, viscosidades, estruturações particulares do movimento da energia psíquica num dado momento.

Quanto mais aumenta a velocidade dos movimentos na inteligência coletiva, mais a consciência coletiva sobe para a sua temperatura de fusão, mais se abre o espaço das representações acessíveis. A aceleração do processo de inteligência coletiva torna muito mais perceptíveis os mecanismos vitais da economia da atenção. É cada vez mais sensível, especialmente, que a atenção, isto é, a consciência, é a energia universal de que são feitas as ideias, a força a partir da qual as distribuições móveis fazem surgir e esculpem as paisagens do espaço-tempo virtual. Os fluxos de atenção assemelham-se à luz, à energia da inteligência coletiva. Eles criam na sua esteira novas realidades e reorganizam o espaço virtual dos significados. Os objetos da atenção (as ideias, as

formas, as sensações, as problemáticas subjetivas, os produtos) são como as “massas” ou as partículas da inteligência coletiva, memória condensada dos estados precedentes da energia, que atraem a energia livre. As combinações e as relações dinâmicas das ideias traduzem-se principalmente na meta-estrutura semântica (links hipertextuais, proximidades de sentido, afinidades sociais) do ciberespaço.

Ora, o ciberespaço é, sem dúvida, o primeiro germe de uma noosfera cujo crescimento e cujas metamorfoses ocuparão uma boa parte das energias mentais das gerações futuras. A consciência humana começa a objetivar a diversidade viva do seu universo semântico coletivo. Quanto mais este universo se “materializa”, mais aumentam o seu poder autocatalítico e a sua expansão, quantitativa e qualitativa.

E o inconsciente, também pediremos? O inconsciente, isto é, tudo o que a consciência ainda não apropriou, é evidentemente “mais vasto” que a consciência. O inconsciente não é mais que a consciência virtual, isto é, simultaneamente o fundo de energia e de complexidade viva de onde emerge a consciência e o território infinito das formas que tem por conquistar. O inconsciente: o obscuro, o inominável, o fervilhante, o fecundo, tudo o que os nossos medos, os nossos preconceitos, a nossa ignorância, as nossas concepções estreitas, a nossa recusa de sermos animais intuitivos e sensíveis, a nossa fuga ao estado afortunado de alma completa, o nosso receio de sofrer reconhecendo que somos uma ínfima parte do grande todo... O inconsciente transborda infinitamente os complexos emocionais familiares recalçados. Engloba o imenso processo cósmico, vivo e cultural que só se exprime parcial e momentaneamente nas consciências pessoais. Quanto mais descemos (ou talvez quanto mais subimos) no inconsciente mais nos juntamos às forças coletivas, à sensibilidade universal que desponta aqui e acolá, em cada instante de consciência, como a fúria reprodutora da vida rebenta com cada flor.

O inconsciente é o virtual, o fundo obscuro, enorme, da consciência futura, fonte infinita de todas as formas e de todos os espaços. É simultaneamente o passado e o futuro da consciência. Um ser prestes a despertar compreende cada vez melhor o seu próprio destino (logo, o seu passado) à medida que progride rumo ao futuro. Da mesma maneira, a humanidade descobre, cada dia com maior precisão, a evolução cósmica, biológica e cultural de que depende - e que prolonga - a sua marcha em frente. A consciência estende-se num mesmo movimento para o futuro e para o passado, para o minúsculo e para o gigante, para a beleza e para a fealdade, para o racional e para o irracional, em todas as direções do espaço do sentido. A expansão da consciência é uma conquista do virtual, uma conquista do inconsciente, até o infinito.

Os astrofísicos interrogam-se para saber se o universo, que está atualmente em fase de expansão, continuará indefinidamente o seu movimento de dilatação e de arrefecimento ou se a força de gravitação acabará por prevalecer sobre a força da inércia da explosão inicial para levar novamente o cosmos para um ponto único de densidade e de calor infinito. Na esfera psíquica, esta alternativa não se coloca, dado que a expansão e a convergência representam um só e único movimento de intensificação da consciência coletiva.

Tudo converge: a globalização da economia, um mercado que morde cada vez mais profundamente a vida social, a ascensão de uma tecnociência que produz cada vez mais conhecimentos e objetos, um espaço de comunicação cada vez mais livre e aberto.

Tudo converge para o virtual. Podemos acompanhar o movimento longo do advento de uma inteligência coletiva da humanidade global desde o século XVI. Este movimento acelera-se desde a última década do século XX, com o início da unificação política do planeta, o êxito das abordagens liberais, a fusão da comunidade universitária e da indústria, a explosão do ciberespaço e a virtualização da economia. Algumas dezenas de anos depois da descoberta da expansão do Universo, descobrimos, com uma embriaguez misturada com medo, que estamos participando da expansão indefinida do mundo das formas no seio de uma consciência humana que ainda hesita comprometer-se decididamente na vida da unificação, da libertação e da dilatação ilimitada.

*
* *

Oiko-nomia, em grego antigo, significa a legislação ou o governo da casa. Como tratar e embelezar a casa, a maior casa, a sociedade humana e o seu planeta, em vez de degradá-lo? É esta a principal pergunta colocada ao *Homo economicus*, que já não está separado nem do *Homo academicus*, nem do *Homo spiritualis*.

CAPÍTULO 3

A SUBIDA À “NOOSFERA”

A CULTURA UNIVERSAL

PARA ALÉM DAS CULTURAS IDENTITÁRIAS

A cultura é um pulular de mundos. Nós, os seres humanos, exploramos o universo (botânico) das plantas e o (entomológico) dos insetos. Multiplicamos os mundos dos deuses e o das palavras; o mundo dos sabores e o dos perfumes; o mundo das formas abstratas das matemáticas e o dos jogos. Inventamos o alpinismo, o mergulho submarino e os desportos de queda. Imaginamos os universos em expansão da dança e da música, desconhecidos dos animais, limitados às suas rotinas e aos cantos estereotipados. Construimos as pirâmides do Egito, a Acrópole de Atenas, o coliseu de Roma, a catedral de Chartres, o Taj Mahal da Índia, os templos de Angkor, Veneza e Praga, Nova Iorque e Rio de Janeiro. Aumentamos no tempo, no espaço e na dimensão da complexidade o cosmos físico explorado pelas ciências. Criamos os infernos da loucura, da tortura e da guerra. Escavamos até ao infinito do coração os mundos interiores da espiritualidade. Elaboramos as esferas míticas, rituais e morais de religiões fabulosamente diversificadas. Habitamos os universos da cavalaria, da navegação à vela, da indústria pesada e das finanças. Sondamos os espaços dos sótãos labirínticos ou celestiais do sonho e da poesia. Até aos mundos virtuais, que são apenas os recém-chegados de entre os milhares de mundos inventados pelas culturas. Inventamos todas estas riquezas. Que profusão! Não tínhamos “necessidade” de tudo isso. Mas o ser humano não pode impedir-se de inventar, de imaginar, de participar na criação de um universo de formas em expansão. E é forçoso reconhecer que, a par de desaparecimentos e destruições impressionantes, enquanto são engolidas pelo esquecimento (ou adormecem em museus) línguas, profissões, saberes e maneiras de viver, conhecemos hoje um progresso notável da criação cultural, um impulso da sensibilidade e da consciência coletiva paralelo aos desenvolvimentos das comunicações, das tecnologias da inteligência e da criação, um entusiasmo que acompanha o encontro fecundo das tradições culturais do planeta.

Compreendo e partilho a nostalgia dos mundos onde bastava seguir o caminho dos antepassados para que tudo estivesse bem. Mundos em que o nascimento, as grandes etapas da vida e da morte se repetiam quase imutáveis seguindo a roda das gerações. Desses mundos onde os papéis estavam bem definidos e onde se podia ser um homem, uma mulher, um pai ou um filho pela integração numa ordem cósmica que sacralizava tudo. Mundos onde se sabia o que era a infelicidade e a felicidade. Mundos em que cada ato da vida cotidiana era a calma concretização de um ritual. Mundos onde havia deuses. Esses mundos belos e ordenados. Esses mundos onde todas as realidades, simples e profundas, se integravam naturalmente num cosmos por toda a parte vivo. Esses mundos que já não existem. Se é que esses mundos existiram tal como nós os sonhamos. Se é verdade que esses mundos não estejam (também) ainda por vir.

Temos de ultrapassar essa nostalgia, pois ela torna-se muito facilmente uma fonte de sofrimento e de recusa horrorizada do movimento real do mundo, tal como ele acontece hoje. Para compreender o destino contemporâneo das tradições num planeta de homens em visas de unificação e de transformação acelerada, proponho a distinção entre dois aspectos da tradição: a cultura identitária e a corrente.

O primeiro aspecto, a cultura identitária, decorre essencialmente da reprodução à imagem de certas formas de vida, com as suas dimensões estética, linguística, técnica, econômica, demográfica e outras. Falo de cultura “identitária” para sublinhar a dimensão essencial de identificação das pessoas com os papéis que lhes fornece a tradição na qual foram criados e a identificação com a própria tradição. Quando a tradição evolui muito rapidamente ou desaparece, os indivíduos tornam-se indaptados e são ameaçados de morte psíquica. Doloroso testemunho disso é o destino dos membros das culturas paleolíticas ou neolíticas, cujas tradições são brutalmente desintegradas pelo contato com a “modernidade” do Estado, técnica e capitalista. É também o que se constata no caso de populações inteiras de países ditos “desenvolvidos”, cujas tradições de vida, cujo enraizamento num certo tipo de trabalho, de ofício, de solidariedades locais ou sociais são brutalmente postos em questão pelo movimento da globalização.

Temos necessidade de ser produzidos e reproduzidos como seres humanos no seio de uma cultura. Devemos estar introduzidos numa sociedade, numa língua, em formas de viver, em valores. Mas depois de terem brotado as nossas primeiras raízes num determinado solo, deveremos evoluir num planeta onde os nossos semelhantes foram introduzidos na continuidade da espécie e produzidos como humanos de outras línguas, outros valores, outros modos de vida. Além disso, deveremos agora, e cada vez mais no futuro, *participar* diretamente, em vez de sofrê-las, nas metamorfoses das maneiras de ser e de fazer sociedade, que caracterizam a nova fase do devir humano. Pouco ou muito, deveremos tornar-nos artistas das nossas próprias vidas. As nossas raízes deverão transformar-se em rizomas que crescem horizontalmente em todas as direções. Encontrar-nos-emos diante de *escolhas* cada vez mais vastas de “tribos”, de correntes, de estilos de vida, nos quais poderemos decidir integrarmo-nos ou não. Essas escolhas poderão ser feitas através da emigração, do casamento com um cônjuge de outra cultura, da mobilidade social, da integração numa comunidade profissional, da conversão religiosa, etc. Mas, para além das escolhas entre opções já disponíveis, o essencial continua a ser o fato que nos é necessário encontrar uma identidade mais profunda, mais universal que aquela que nos foi proposta pela cultura em que nascemos ou mesmo que aquelas que nos são oferecidas por tradições alternativas. A procura espiritual, a aspiração a uma autenticidade simplesmente humana, para lá de qualquer “identidade”, a confrontação com o sentido do nosso próprio destino com o da humanidade no seu conjunto já não são luxos, reservados a raros místicos e filósofos, mas sim necessidades da vida.

Devemos compreender que as culturas identitárias, como tais, são impasses. Se conservarmos apenas o aspecto identitário, uma cultura não passa de um grupo de pessoas que se imitam entre si. Mas, sobretudo, ao fecharmo-nos em culturas identitárias, *separamo-nos* daqueles que são diferentes, e isso, pela única e falsa razão de que nasceram (por acaso) num ambiente que comportava modelos de identificação diferentes dos nossos. A imitação não é um mal em si, dado que é a base de todas as iniciações, de todas as aprendizagens. Mas, a imitação deve ser ultrapassada pela criação e a identidade pela abertura. As culturas identitárias nos dividem. Opõem-nos.

Tornam a alteridade, a diferença e a mudança ameaçadoras. Ameaçam enclausurar-nos no medo e no ódio. Será necessário lembrar aqui as absurdas guerras de religiões, as guerras étnicas, as guerras raciais, as guerras nacionais, as guerras imperiais, as guerras civis, ideológicas, sociais e regionais, os genocídios, os etnocídios, todas as horríveis guerras que fizeram parte da triste atualidade do século XX e das quais muitos de nós ainda carregam feridas nos corpos e nas almas. O que ficou de todas estas guerras? Quando acabaremos nós por aprender que somos destruídos por aquilo que imaginamos que nos separa?

A CONVERGÊNCIA DAS CORRENTES

Felizmente, existe um segundo aspecto da tradição, que denomino aqui a sua dimensão “corrente”. Uma corrente é uma inteligência coletiva que se desdobra no tempo. Geralmente, nasce em simbiose com cultura identitária, ou no cruzamento de várias delas, depois reproduz-se ao reinventar-se, ao atravessar várias culturas, várias épocas. Contrariamente às culturas identitárias, *o objeto da corrente*, e é esta a marca que a distingue, *é potencialmente universal*. A acupuntura, o tai chi ou o taoismo estão, evidentemente, muito ligados à cultura chinesa, onde surgiram, mas cada vez mais os médicos “ocidentais” aprendem e praticam a acupuntura, pessoas de todos os horizontes sentem-se bem ao praticar o tai chi (de que existem professores senegaleses ou ingleses), e o taoismo pode inspirar todos os seres humanos interessados na procura da sabedoria. A acupuntura, o tai chi ou o taoismo, porque realçam ressonâncias vivas e ininterruptas de transmissão pessoal, são descendências. Correntes *transculturais*, dado que as transmissões pessoais podem transpor todas as fronteiras.

O cristianismo é uma corrente. É certo que apareceu no meio judaico da Palestina romana, mas estendeu-se a muitas épocas e a outras culturas, evoluindo constantemente nos seus dogmas, na sua organização e no seu espírito. Multiplicou-se numa quantidade de tendências e de seitas. Uma corrente viva é forçosamente modificada pelos meios que atravessa e que transforma. Visitei recentemente as *Sette Chiese* de Bolonha. Trata-se de um conjunto arquitetônico de sete igrejas de épocas diferentes, sobrepostas e imbricadas umas nas outras. Encontramos aí colunas de antigos templos de Ísis, reutilizadas em fundações etruscas e uma quantidade impressionante de estilos misturados, da Antiguidade até o século XIX. A estética admiravelmente misturada das *Sette Chiese* manifesta na pedra o misto de judaísmo, de estoicismo, de platonismo, de culto dos mistérios, de direito romano, de estéticas medieval, renascentista e barroca, de reutilizações e de invenções do dia a dia que é o cristianismo. Ainda hoje, mistura-se com cultos africanos importados pelos antigos escravos negros para o Brasil e para as Caraíbas, com ritos astecas, no México, etc. Todas as correntes vivas são assim. A quem as observa atentamente, mostram a inanidade dos conceitos e das distinções fetichistas, reificadas como “nações”, “religiões”, “culturas”, mas uma observação atenta apenas mostra variações, sincretismos, misturas, reencontros vivos e fecundos.

Uma corrente não transmite formas estáticas numa temporalidade neutra e morta. Cresce num tempo em que ele própria produz uma coleção de sementes, selecionadas e melhoradas durante séculos, sementes de futuro, virtualidades de formas. O virtual transmitido pelas correntes sobe rumo a um futuro ainda desconhecido, onde encontrará outras sementes impelidas para o futuro por outras

correntes, para que as suas sementes sejam fecundadas umas pelas outras e deem origem a uma explosão de formas novas.

O judaísmo não sabia que iria fecundar a civilização romana, para dar origem ao cristianismo e, mais tarde, a cultura árabe, no radiante desabrochar do Islã. No entanto, o judaísmo não desapareceu, mas continuou a sua própria evolução, influenciado, por sua vez, por um mundo de que era indiretamente co-autor.

O budismo, nascido em solo hindu, ignorava que encontraria o taoismo na China, para dar origem ao chan e, mais tarde, ao zen, no Japão, ou que iria fertilizar o xamanismo tibetano, para produzir o lamaísmo após um novo mergulho no tantrismo hindu. Também não sabia que se casaria tão bem com a civilização da Califórnia, que hoje o difunde pelo mundo...

A filosofia de Aristóteles passou pelo misticismo dos neoplatônicos alexandrinos, depois pela Pérsia muçulmana, pela Espanha judaica do século XII, pelas universidades cristãs da Idade Média, fecundou a ciência europeia, de que foi a educadora e o cinzel... Tanto dar e tanto receber: que destino! Mas, o aristotelismo só conheceu esta sorte, para além do seu potencial inicial, porque comentadores, intérpretes, indivíduos apaixonados por esta filosofia lhe dedicaram a sua vida ao longo dos séculos. Esta corrente cruzou tantas civilizações, tantas religiões, tantas outras filosofias, reuniu homens de épocas e culturas profundamente diferentes numa mesma transmissão de sementes fecundas, no mesmo amor pela sabedoria e pelo conhecimento.

Quando ouvimos japoneses tocar Beethoven ou chineses cantar Verdi, não devemos imaginar que foram seduzidos pela música “ocidental”. Esta música não é “ocidental”, é universal, e isto porque pode tocar o coração de todos. Do mesmo modo, a contribuição dos ritmos africanos ou das sonoridades índias para a música popular mundial é agora um fato irreversível. Dentro de algumas gerações, já não poderemos distinguir muito bem o que vem daqui ou dali. Quem importância tem? Não é a origem geográfica da música que lhe confere brilho, mas sim as cadeias vivas e multiplamente ramificadas de músicos viajantes que a ouvem, a dominam, a interpretam e a recriam.

Num dia em que passeava na rua Titon, em Paris, passei diante de uma igreja protestante que era frequentada apenas por chineses. Alguns metros mais à frente, na mesma rua, um centro de meditação budista de tradição tibetana só era frequentado por europeus. Todos tinham um ar feliz. Não há nada mais absurdo que a ideia de uma sabedoria “oriental” ou de uma ciência “ocidental”. A sabedoria é sabedoria em toda a parte. A caridade não é mais cristã e a compaixão mais budista. A lei da gravitação universal aplica-se tanto em Benares como em Boston. As correntes nascem algures mas transportam-se, deslocam-se, têm outros sentidos noutros locais, conservando as suas potencialidades de interfecundação com outras correntes, mantendo o seu alcance universal nas suas metamorfoses. As correntes literárias francesas, inglesas, espanholas, chinesas, americanas, brasileiras, podem vir fecundar outras correntes na grande corrente literária mundial, na imensa biblioteca borgesiana da literatura universal. Correntes artísticas, científicas ou culinárias espalham-se pelo planeta, misturam-se e transformam-se, aumentando através da sua fertilização cruzada o potencial de criação cultural da humanidade. Algumas morrem. Mas se conseguiram inscrever-se algures, na pedra ou em pergaminhos, podem reviver, como as sementes secas encontradas no fundo de pirâmides egípcias e plantadas com êxito. Correntes de que só restavam alguns textos

estudados por sábios podem renascer das cinzas e voltarem a transformar-se em *práticas*. Existe, por exemplo, uma corrente bastante interessante da psicologia dos arquétipos americana, que voltou a dar um sentido vivo e atual à mitologia grega. Gastrônomos e arquivistas reencontraram receitas de cozinha medieval. Hoje toca-se novamente a música do Renascimento. O hebreu, de língua sagrada que foi durante séculos (já não era a língua materna de ninguém), tornou-se uma língua viva em Israel, capaz de exprimir todas as novidades do século XXI. Quem sabe que sementes de futuro dormem nas bibliotecas, nos museus, nos conservatórios, nos bancos de dados, nas escavações arqueológicas e entre os saberes dos povos desprezados? A vitalidade, a multiplicidade e o entrecruzamento das correntes produzem um universo cultural rico, um universo que não tem nada a perder, muito pelo contrário, no processo contemporâneo de interconexão da humanidade.

As correntes são os vetores do espírito. Não somos obrigados a estar ligados à Internet para pensar. Mas creio que temos necessidade de participar numa ou mais correntes de inteligência coletiva, quer seja científica, religiosa, filosófica, artística ou outra, para podermos participar do espírito humano. Até os monges ou os ascetas solitários estão intensamente conectados. Em contrapartida, as “crianças-lobos”, cortadas de qualquer laço com a humanidade durante o seu crescimento, perderam a hipótese de receber uma transmissão. Deste modo, não podem participar da inteligência humana. Não passou por elas o espírito de qualquer corrente. Não há pensamento ou sensibilidade “pessoal” que não faça frutificar uma herança, que não explore os tesouros de uma educação, de uma transmissão, ou até - melhor ainda - as riquezas que se acumulam no cruzamento de *várias* correntes.

A diferença entre os dois aspectos da tradição, a cultura identitária por um lado e a corrente por outro, está agora - creio eu - suficientemente clara. As culturas são eminentemente mortais, porque a identidade é precisamente a parte morta da cultura. Em contrapartida, as correntes, essas inteligências coletivas no tempo, são potencialmente imortais porque o seu objetivo é universal: comer, construir casas, tratar, pensar, compreender, falar, escrever, fazer música, dançar, pintar, esculpir, rezar, meditar, jogar, exercitar o corpo. Todos, por exemplo, podem aprender as regras de um jogo ou de um desporto. O xadrez, o futebol ou o judô são universais, independentemente do local onde nasceram. Em contrapartida, uma filosofia “nacional” não é de modo algum uma filosofia. A arte de uma raça, de uma classe ou de uma nação não tem nada de arte viva, como muito bem demonstraram os realismos socialistas estalinistas ou maoistas, ou as artes fascistas, nazis ou “nacionais” das diversas ditaduras que pretenderam encerrar a liberdade criadora e condicionar a sensibilidade. No entanto, quando toca o fundo do humano, uma obra profundamente enraizada numa cultura específica - *A Ilíada* ou *Em busca do Tempo Perdido*, o *Tao Te King* ou os *Vedas* - pode tornar-se universal. A cultura planetária reúne todas as correntes, de onde quer que venham, desde que tendam para o universal.

O CASAMENTO DO ORIENTE E DO OCIDENTE

Com a humanidade surgiu um extraordinário processo de expansão do espírito. Somente há pouco tempo podemos “ver” isso, graças à planetarização que nos faz participar, por dentro, em diversas civilizações, diversas culturas, diversas correntes. Só então podemos compreender que cada parte da humanidade, e no interior da cada

parte, cada indivíduo ou grupo livre, só se dirigiu a explorar o máximo de modos de vida, de saberes, de mitologias, de músicas e de estados de consciência.

O que já se faz, na escala mundial, na mestiçagem das músicas e na exploração cada vez mais livre do universo sonoro, far-se-á necessariamente em todas as dimensões do espírito. O que a humanidade só praticava dividida consigo mesma ainda há pouco tempo, fá-lo agora cada vez mais consciente e coletivamente. Começa, desajeitadamente, a dirigir deliberadamente este movimento de expansão do espírito, como um bebê que começa a pôr-se de pé. Um passo nos gregos, um passo nos indianos, um passo a Oriente, um passo a Ocidente. Só se anda bem sobre duas pernas. Oriente e Ocidente cruzam-se, equilibram-se. Quando já não houver nem Oriente nem Ocidente, mas um só processo integrado de marcha à frente, então a humanidade despertará o seu espírito na escala da consciência coletiva.

Há certamente um processo de ocidentalização do mundo (começa-se a fazer bom vinho em todos os lugares). Mas, há também, em paralelo, um processo de orientalização do mundo (acupuntura, artes marciais, taoísmo, ioga, espiritualidade hindu, expansão do budismo). A viagem da juventude ocidental durante os anos 70 do século XX foi o começo de um grande movimento de orientalização, bem como a vinda de mestres orientais à Europa e aos Estados Unidos. Começa a produzir-se um início de verdadeira apreciação e de integração do grande pensamento indiano, chinês e japonês por filósofos europeus e americanos. E esta apreciação já não passa somente por textos como na época de Schopenhauer, de Nietzsche ou de Max Weber, mas por um contato direto com tradições vivas. Cientistas ocidentais praticam meditação. Que irá inventar-se a partir do reencontro destes dois universos? Aqui temos algo que vai tornar-se verdadeiramente interessante...

Vemos filmes com caráter iniciático, portadores de uma sensibilidade oriental, e não me refiro ao cinema com cenário tibetano, mas sim a obras como *The Truman Show* (que não é de forma alguma um filme sobre a televisão, mas sim um filme sobre o processo de superação das aparências, a história de uma libertação), *Pleasantville*, *The Red Thin Line* (uma das obras primas místicas dos dez últimos anos, magnífica meditação sobre a existência, o sofrimento, a morte e o ser universal), *Souvenirs intimes*, em Quebec ou os filmes de Coline Serreau, na França. Através destes filmes, a verdadeira sabedoria está em vias de passar para a cultura de massa.

Vamos finalmente compreender que o Oriente não é uma demarcação geográfica, mas sim a profundidade da interioridade, o espanto da consciência. Vamos finalmente compreender que o Ocidente não fica a Oeste, mas que representa a liberdade de ação do homem: a democracia, o capitalismo, a técnica, o saber objetivo. Vamos finalmente compreender que o Oriente e o Ocidente estão prometidos em casamento, e que se acrescentarão um ao outro. Só nesse momento a humanidade se tornará uma consigo mesma.

O Oriente e o Ocidente estão lentamente se misturando; como o Yin e o Yang no símbolo do taoísmo. Observe-se os judeus: uma ponta de Oriente a Ocidente, uma gota de Ocidente a Oriente.

O Oriente não fica a Leste, fica no interior, no infinito. O Ocidente não é uma cultura diferente das outras, ele está no mundo concreto, nas relações políticas

igualitárias entre os homens, numa economia livre. O verdadeiro programa de expansão do espírito é o de unir a liberdade interior e a liberdade exterior. Uma trabalhará ao serviço da outra. Só há um espírito, onidirecional, interior e exterior, Oriente e Ocidente. Uma só humanidade. Nós somos uma única humanidade, todos nós. Cada um a viver a vida de todos num mundo interconectado, num mundo que só aspira fazer convergir a sua consciência multiplicando de todas as maneiras possíveis os instrumentos de transporte e comunicação, as redes técnicas, os meios de comunicação, uma fantástica proliferação de sinais de todas as naturezas: literários, monetários, religiosos, políticos, artísticos, publicitários, de todo o tipo... e todos estes sinais significam a nossa interdependência, o nosso entrelaçamento, a nossa vontade de todos fazermos parte do mesmo espírito, de estarmos ligados pela inteligência coletiva.

O TECIDO DAS ALMAS

De obra em obra, de corrente em corrente, de transmissão em transmissão, a espécie humana é um só tecido, do qual cada membro é uma malha. As malhas só existem porque existe o tecido e o tecido porque existem as malhas. A inteligência, a moral, a obra de cultura, estão mais na consideração do tecido, na realização da sua expansão no espaço e no tempo que na identificação estreita com um só nó ou como um só motivo. Pois todos os nós se abraçam, são feitos do mesmo fio e brilham na mesma luz.

As malhas são mortais. O tecido não o é. O tecido humano é composto por nós luminosos que nascem, se entretecem com os outros e morrem para dar lugar a outros, mais jovens, mais brilhantes, para os quais, por um breve instante, tudo é novo. Somos as vias, os canais, as estradas, as pontes. Somos as tochas destinadas a transmitir o fogo sagrado e no qual toda a operação se esgota na breve chama de uma vida.

As almas aparecem e desaparecem rapidamente enquanto que os motivos do tecido duram mais tempo: ideias, obras, costumes, línguas, instituições, relatos, práticas, técnicas, etc. Mas também os motivos, como as almas, surgem, duram um instante e apagam-se. O motivo egípcio, o motivo chinês, o motivo islâmico, o motivo americano. Eles emergem, evoluem, esbatem-se, transformam-se uns nos outros. Tantas “culturas”, línguas, religiões, escritas, desapareceram... tantas outras surgiram... A humanidade é uma grande tapeçaria de pérolas cintilantes onde circulam formas luminosas. Ao acelerar o filme da história vemos os motivos surgirem, deformarem-se, dissolverem-se lentamente ou desaparecerem brutalmente. Acelerando ainda mais, vemos apenas um rio de luz.

Os motivos do tecido habitam nas almas e em nenhuma outra parte. A “cultura” só existe vivida, animada por pessoas. Se ninguém as contemplar, as formas apagam-se. Mas, simetricamente, as almas só existem ligadas umas às outras e repletas das formas que a cultura lhes transmite. Todos os objetos, os sinais e as instituições da cultura são conexões entre as almas, objetivações da ligação, nós do tecido, sangue do organismo coletivo. Os motivos do tecido, as formas, são justamente as mensagens arquitetônicas, políticas, religiosas, estéticas, artísticas, técnicas, econômicas, ideais, que ligam os seres humanos. Estas formas que nos ligam e nos irrigam ao atravessar-nos desde a profundidade dos tempos fazem de nós humanos, os verdadeiros habitantes da Terra.

Ora, a emergência da cibercultura modifica profundamente a forma como o universo das formas subsiste, se transforma e se transmite no espírito humano. As relações entre os espíritos mudam. A natureza do tecido transforma-se. A humanidade está sofrendo uma mutação.

A CIBERCULTURA

O VIRTUAL

A humanidade é uma artista. A artista cria simplesmente porque faz viver e cantar o mundo nela, e fá-lo viver - e canta-o à sua maneira - porque o ama. A artista pensa no mundo. Pensa no que vê, pensa no que ouve, pensa no que sente. A artista humanidade apaixona-se pelo mundo. Os seres que encontra, os meios que atravessa não são cenários, conjuntos de coisas mortas, de constrangimentos e de estruturas rígidas. O mundo é o ser metamórfico e vivo, infiltrado de virtualidades, capaz de aprender e de crescer, com quem tem uma relação de amor, com quem dança em cada segundo. É porque o mundo vive e acredita nela, que a humanidade pode criá-lo. E o mundo começa a parecer-se com o mundo da artista: um mundo artista.

Acreditam que o mundo seja inerte, pesado, mecânico, substancial e morto? Acreditam que o mundo seja *real*? Sabemos que o morcego, a baleia e o humano não vivem completamente no mesmo mundo. Sabemos que esta cadeira, esta folha de papel, esta árvore, este corpo, são também nuvens eletromagnéticas que vibram no vazio e que só têm a forma, a cor e o sentido que nós próprios lhes conferimos. Sabemos que o nosso mais ínfimo pensamento influencia os nossos atos, que os nossos atos influenciam as nossas percepções, que as nossas percepções influenciam os nossos pensamentos e que a nossa vida inconstante é gerada por este turbilhão instável. Para a consciência, as suas sensações, os seus desejos, sua imaginação, as suas inferências, seu discurso perpétuo e plural, a sua lógica, o seu delírio de significação, a sua procura de sentido, para a consciência, digo eu, o mundo é virtual. Virtual, neste caso, quer dizer *integralmente vivo*: o mundo pode crescer por aqui ou por ali se a atenção incidir aqui ou ali. O mundo é uma imensa reserva de virtualidades porque alimentamos medos e projetos, porque imaginamos e desejamos. O mundo humano é “virtual” desde a origem, muito antes das tecnologias digitais, porque contém por todo o lado sementes de futuro, possibilidades inexploradas, formas por nascer que a nossa atenção, os nossos pensamentos, as nossas percepções, os nossos atos e as nossas invenções não param de atualizar.

A atualidade das nossas percepções é comandada por atores invisíveis, que geralmente nos captam mais do que nós os captamos: os pensamentos e as emoções, virtuais, impossíveis de localizar, efêmeros. E estas, por sua vez, emergem do espaço mais virtual de todos: a consciência, uma consciência absolutamente incompreensível, que está sempre aqui, agora, sem haver nenhum aqui nem nenhum agora.

Estais sentados diante de mim. Quase não vos mexeis, vejo apenas estremecer os vossos lábios e os músculos do vosso rosto. Emitis sons. Ao ouvi-los, o meu espírito evoca pessoas, histórias, estrelas, animais, problemas, emoções, futuros e passados... não vejo nada de tudo isso. Não o toco. Não o ouço. Ouço apenas as palavras que a vossa voz me traz. A linguagem é mágica: constrói mundos virtuais por cima, por baixo e para lá do mundo real. É o que o nosso espírito também faz, silenciosa, continuamente, porque é atravessado pela linguagem, porque imagina, porque sonha, porque vê através das paredes. Absorto no sonho dos seus pensamentos, por vezes o espírito faz proliferar de tal forma o virtual nos interstícios do mundo apreendido que se esquece de acolher a sua presença.

A palavra é uma forma de partilhar o espírito, de propagar os sonhos, de entretecer as virtualidades que emergem dos espíritos para fabricar em conjunto o grande mundo virtual da cultura, esse mundo invisível que é a mãe de todos nós. A nossa mãe de aleitação, literalmente, porque o humano que na tenra idade não teve a sua dose de leite, de sinais e de amor nunca será um ser completo.

Pelo contato com uma obra, temos a oportunidade de encontrar a subjetividade de um artista, a intimidade de uma pessoa que sondou mais longe, mais profundamente que os seus contemporâneos, o espaço da consciência, da sensibilidade ou da experiência. O artista registrou dessa exploração um monumento, um testemunho, um mediador - a obra - da mesma forma que uma pessoa que entrar em contato com ela será capaz, por sua vez, de visitar esta zona do espírito que o criador, o pesquisador, o explorador conseguiu atingir. A obra é um túnel entre as almas. Todas as técnicas de comunicação prolongam esse gesto de partilha e de transmissão. Pela linguagem, qualquer coisa da vida de uma consciência passa para uma outra. Cada boca que fala é um ponto de entrada no mundo virtual do espírito humano. Os nossos ouvidos são as portas dessa cidade sem fim onde todas as palavras são pronunciadas e todos os mundos evocados. A escrita virtualiza o virtual da palavra e o ciberespaço virtualiza o virtual da escrita. Doravante, podemos ouvir as vozes dos mortos, observar o passado, simular o futuro, ver o coração das estrelas, auscultar as palpitações da Terra, falar todos em conjunto no silêncio da noosfera, onde as mensagens eletrônicas desenham infinitos arabescos de sentido.

Quanto mais desperta está a consciência, mais livre é, mais discerne as virtualidades no que é oferecido à sua contemplação e mais gera um mundo rico e vivo. Toda a história cósmica é uma exploração das virtualidades presentes na origem. Toda a história cósmica é criação e continua a ser criação. Ora, esta história é orientada, possui um sentido claramente discernível, o de uma intensificação do caráter virtual do mundo: do mineral ao ser vivo, do ser vivo ao portador e cérebro, do cérebro animal ao cérebro humano munido de linguagem, produtor de cultura, fabricante de instrumentos. Em cada etapa, o campo das virtualidades cresce, torna-se cada vez mais disponível. As virtualidades do mundo tornam-se mais permeáveis, maleáveis, interativas, crescem em todos os sentidos. A evolução cósmica e cultural culmina hoje no mundo virtual do ciberespaço.

A WEB, ONDE TODAS AS PÁGINAS FORMAM UMA ÚNICA

O imenso hiperdocumento planetário da Web integrará progressivamente o conjunto das obras do espírito. Se lhe acrescentarmos o correio eletrônico e os grupos de discussões, a interconexão mundial dos computadores está prestes a ganhar sentido sob os nossos olhos: ela materializa (de maneira parcial, é certo, mas significativa) o contexto vivo, mutável, em inflação contínua, da comunicação humana. O mesmo se pode dizer da cultura. Observemos esse processo quase embriogênico: o aparecimento de um hiperdocumento produzido e lido virtualmente por todos, a emergência de um metatexto que contém potencialmente todas as mensagens e as entretece. Esse objeto tão estranho que se eleva no nosso horizonte manifesta a mensagem plural, impossível de fechar, viva, infinitamente crescente que a humanidade envia a si mesma, o banho de sentido que segrega e que a alimenta. Uma mensagem, uma obra, nunca é senão uma plataforma entre seres humanos, um meio objetivo de pôr almas em contato. Ora, a

Web opera, pela primeira vez, à escala da espécie, uma mediação potencial entre o conjunto dos sujeitos. O grande tecido do sentido materializa-se sob os nossos olhos.

O Estado, as religiões, os meios de comunicação, outras formas culturais, sociais, ou mesmo económicas, pretenderam *representar* os grupos humanos, dar-lhes uma forma. Mas todas estas tentativas de representação são parciais e redutoras. Assustamo-nos com o fato que a Internet é irrepresentável, que a Web é oceânica e sem forma. Mas talvez seja assim porque encarnam a primeira objetivação não redutora da cultura, isto é, do contexto ou do hipercontexto mediador entre os humanos. Torna-se hoje visível que a totalidade dinâmica da sociedade é irrepresentável. Ora, não há virtualmente mais que uma única sociedade. Podemos agora constatar que a relação da humanidade consigo mesma não pode ser fechada, nem representada, por quem quer que seja, nem pelo que quer que seja: nada a faz vergar, nada a domina, nada a constrange. É ela que ascende ao divino.

Na Web, tudo está no mesmo plano. Como dizia um consultor americano a um responsável da IBM, uma criança encontra-se aí em pé de igualdade com uma multinacional. No entanto, tudo está diferenciado. Não há hierarquia absoluta, mas cada saite é um agente de seleção, de orientação ou de hierarquização parcial. Longe de ser uma massa amorfa, a Web articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista. Mas esta articulação opera-se transversalmente, em rizoma, sem ponto de vista de Deus, sem unificação excessiva. É um território movediço, paradoxal, urdido por inúmeros mapas, todos diferentes, do próprio território. Cada um terá a sua página, o seu mapa, o seu saite, o seu ou os seus pontos de vista. Cada um tornar-se-á autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço. Mas estas páginas, estes sites, estes mapas, correspondem-se, interligam-se e confluem horizontalmente através de canais móveis e labirínticos. O autor ou o proprietário coletivo toma corpo.

Como se trata de um espaço não territorial, a superfície não é um recurso raro. Os que ocupam muito espaço na Internet não tiram nada dos outros. Há sempre lugar. Haverá lugar para todos, todas as culturas, todas as singularidades, infinitamente. Neste início do século XXI, constitui-se uma Terra dos símbolos sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, uma geografia movediça com vizinhanças paradoxais, que sobrevoa e já governa os territórios neolíticos.

É precisamente no momento em que todos põem ter a sua “página” que já só há uma única página, uma página desterritorializada, uma página plural, que enche e se transforma à medida do processo de leitura e de escrita maciçamente distribuídos, simultâneos, paralelos.

A Web anuncia e realiza progressivamente a unificação de todos os textos num só hipertexto, a fusão de todos os autores num só autor coletivo, múltiplo e contraditório. Já só há um único texto, o texto humano.

VITÓRIA E DERROTA SIMULTÂNEAS DA MÁQUINA LÓGICA

Os seres humanos são os únicos animais que fazem perguntas. São os únicos para quem o mundo é primeiro significação, e significação *problemática*, nunca completamente dada, nunca fechada. O humano, a sua linguagem e o seu mundo estão

empenhados numa relação circular de coprodução. A língua não é uma máquina lógica, mas o visco vivo do sentido que dilata e rebenta por todo lado no seu fervilhar expansionista e criador. Em contrapartida, o computador e as linguagens informáticas que os fazem andar *são* máquinas lógicas. Para que nós as construíssemos, foi preciso que pensássemos que a máquina lógica universal era a chave de tudo. Esta convicção é muito antiga na história cultural do Ocidente, de certas correntes matemáticas e lógicas, até a filosofia racionalista, passando pela ciência determinista e mecanicista. Ora, após os ensaios infrutíferos dos pesquisadores de inteligência artificial, que queriam pôr tudo em regras, descobrimos através do computador que a inteligência não é uma questão de lógica. Graças às simulações que a máquina lógica, finalmente realizada, nos permite efetuar, exploramos a nova ciência da complexidade, do caos e dos processos não determinados. Porque a realizamos, a máquina lógica desfaz completamente as crenças que nos tinham levado a construí-la. Desde que a humanidade está na posse do computador, ela sabe que a inteligência é questão de criatividade, de imaginação e de significação encarnada. Para que se construísse o computador, foi preciso que a cultura ocidental tivesse uma fé absoluta na razão, no cálculo e no determinismo. (Gloria ao Ocidente!) Mas, uma vez que nos desembaraçamos das engrenagens que tínhamos na cabeça e que as transferimos para o computador, podemos nos tornar completamente os artistas intuitivos, os seres afetivos, sensíveis e sociais que somos. (Glória ao Oriente!) Não podemos transcender nada se não a experimentarmos até o fim. Foi necessário, portanto, querer reduzir tudo à lógica para poder finalmente escapar dela. Doravante, os computadores serão mecânicos para nós. Poderemos nos consagrar inteiramente à nossa profissão de seres vivos, seres sensíveis. Como a linguagem e a religião, a técnica é um ponto de apoio para uma espiritualização do humano.

O COMPUTADOR É O FOGO DO FUTURO

O *Homo sapiens* caracteriza-se por três atributos que emergem da animalidade ao mesmo tempo que ele: a linguagem, a técnica e a religião. Estes três atributos talvez formem apenas um, bastante difícil de captar, e que constitui a própria essência do ser humano. Com efeito, através de cada um deles nós escapamos às possibilidades imediatas do nosso corpo nu e das nossas percepções aqui e agora. Aumentamos infinitamente a complexidade relacional entre os humanos. Criamos novas relações com o cosmos que nos contém, que produzimos e sobre o qual interrogamos incessantemente sobre o sentido e as virtualidades escondidas. Cada uma à sua maneira, a linguagem, a técnica e a religião aumentam o alcance dos nossos atos. Isto é evidente para a técnica. É o que fazem as orações, os rituais, as cerimônias e a consciência moral que inspiram as religiões. Quanto à linguagem, permite-nos, ao falarmos, realizar atos como as ordens, as promessas, as proclamações, as inaugurações e propagar, por vezes, bastante longe ou durante muito tempo, esses atos. Os três atributos essenciais do humano ligam-nos ao mundo e dão-lhe sentido. Todos alargam o nosso universo no tempo e no espaço, no visível e no invisível. Todos são veículos. Todos multiplicam as formas.

Ora, existem alguns raros objetos - dos quais não pretendo fazer aqui uma lista exaustiva - que concentram neles estes três atributos do humano: o fogo, a arte, a escrita e o computador. Chamo-lhes “objetos antropológicos”, pois o aparecimento de cada um deles acelerou de forma notável o processo de hominização.

O fogo tornou-se um objeto antropológico quando conseguimos produzi-lo e conservá-lo à nossa vontade. O fogo reuniu todos os seres humanos e apenas os seres humanos. Os seres humanos reúnem-se em torno do fogo. Na perspectiva dessa invariante, que influência têm as diferenças de cultura, as pretensas superioridades de uns e de outros? À volta do fogo, os sonhos começam a tomar forma, as primeiras palavras, ainda rudimentares, são trocadas, as primeiras canções, as primeiras danças talvez tenham sido esboçadas. Alma do grupo, o fogo aquece e dissipa a obscuridade. A *lareira* determina o centro, o sentimento de estar em casa ou longe de sua casa. Afastamo-nos da lareira com um aperto no coração. E quando, no regresso, vislumbramos ao longe o seu clarão ou o seu fumo, ficamos felizes com a ideia de rever os nossos, os humanos. A lareira organiza a primeira comunidade verdadeiramente humana, e organiza-a por toda a parte. O fogo é *universal*.

O fogo é transmitido, ele passa de archote em archote, de geração em geração, de comunidade em comunidade. O fogo é *libertador* porque permite ao humano tornar-se o que é. É o próprio fogo das noites da pré-história que chegou até nós, que reacendemos ainda e sempre, que continuaremos a transmitir enquanto existirem homens. O fogo é religioso. Cria um elo universal entre os homens, mas também uma aliança específica entre os homens e o céu (o sol, o relâmpago), do qual é o enviado na terra e para o qual sobe. O fogo lança-se na imensidade da noite e suas centelhas sobem para se juntarem às estrelas, levando consigo os olhares dos homens. O fogo é uma linguagem que permite a transmissão de mensagens: faróis, delimitações, luzes na noite, tochas agitadas ao longe, sinais de fumaça nas colinas. Quanto ao fato que o domínio do fogo é a primeira técnica importante, que leva à cozinha, ao fabrico de armas e ferramentas, à olaria, à metalurgia, à máquina a vapor, às armas de fogo, aos motores de explosão até as centrais elétricas e nucleares, não é necessário insistirmos demasiado. A difusão do fogo corresponde à primeira humanização do mundo. O fogo: universal, humanizador, unificador, transformador, iluminante, perigoso, ardente. Linguagem, técnica e religião misturadas.

O segundo objeto antropológico é mais difícil de definir porque não existe uma palavra simples para designá-lo, exceto talvez o termo muito usado de arte. Mas, preservaremos no produto e na prática da arte humana a sua dimensão mágica e misteriosa, de ação à distância, o seu poder de fazer comungar com o invisível. Aqui, já não estamos nas savanas africanas há mais de um milhão de anos, mas em Lascaux, em Altamira, apenas há algumas dezenas de milhares de anos. Os animais não fabricam estátuas, amuletos, ídolos. Os animais não desenham. Os pássaros cantam, mas fazem música? Os animais não se mascaram, não declamam poesia.

Parecem-nos poéticos porque a poesia está no nosso olhar. Parecem-nos camuflados, mas os disfarces e as máscaras são a própria essência do nosso corpo e do nosso espírito de humanos. A arte é simultaneamente uma linguagem, uma técnica e uma religião. Uma maneira de comunicar com o mundo, uma maneira de recriá-lo. Uma maneira de lhe dizer o que nos faz e de fazer - de criar, literalmente - o que nos diz. A arte é universal, a arte é humanizadora. Só através dela nos sentimos habitar num cosmos que nos habita. As artes de todas as culturas podem falar-nos porque somos todos mágicos e pessoas que admiram os mágicos. Desde que sejam inspiradas, podemos apreciar imagens e músicas que vêm de qualquer parte da Terra, porque todos sabemos - independentemente do que pretendamos - que o mundo é magia. Coisa que os animais não sabem, sempre ocupados com as suas necessidades, com os seus instintos, com os

seus medos e suas lutas, para os quais a questão do sentido e da criação nunca se põe. Desde sempre, projetamos mundos virtuais. O homem inventou a arte e a arte recriou-o.

O terceiro objeto antropológico é-me particularmente caro, dado que se trata da escrita. A sua invenção é muito recente: apenas cinquenta séculos. A escrita é simultaneamente uma técnica (bastante morosa a dominar), uma linguagem e uma religião (as Sagradas Escrituras, os textos sagrados, a Lei, o Alcorão, os Vedas, o Dharma). Com a escrita, vimos Deus, a ideia abstrata e universal de Deus, um Deus único, ou mesmo a ausência de Deus, ainda mais abstrata. Com a escrita, aprendemos a calcular, a contar números muito grandes, inacessíveis, infinitos. Com a escrita, aprendemos a raciocinar. Juntamos aos mitos os sistemas e as teorias. Começamos a registrar a história, logo a pensá-la, logo a fazê-la. A história da música, a história da arte, a história das ciências, a história das técnicas, a história das cidades e dos impérios: com a escrita, de repente, o tempo humano acelerou-se. A escrita coroa e lança para frente a evolução neolítica, isto é, a emergência da “civilização”: a agricultura, a cidade, o Estado.

A escrita instaura pela primeira vez uma situação de comunicação na qual os receptores devem decodificar uma mensagem talvez composta por uma pessoa morta desde há séculos, que pertence a uma outra cultura ou que fala de um outro espaço mental. Determinados autores de textos imaginaram então estratégias para produzir mensagens que fossem o mais independentes possível dos seus ambientes de produção, a fim de poderem ser aceitas em todos os lugares. Impraticável nas culturas de oralidade, nascera a mensagem universal. O universal é filho da escrita. Uma biblioteca revela a presença do espírito humano a si mesmo. Desenvolve o longo discurso polifônico e entrecruzado do espírito, em todos os gêneros, em todas as línguas, em todos os tons, de todos os lugares, de todas as épocas. Com a escrita, o universal chega pela primeira vez à consciência humana (isto é, chega à consciência de si). Só há pouco tempo é que todos os países dispõem de escolas primárias e secundárias e que a maioria dos seres humanos sabe ler. No início do século XXI, acabamos de realizar a conquista definitiva do universal abstrato da escrita.

Ora, o processo de hominização não terminou. Com o fogo, a arte e a escrita, a nossa espécie ainda não acabou de fazer a lista dos grandes objetos antropológicos que definem irreversivelmente o humano. Ainda temos de crescer. Uma nova etapa a transpor apresenta-se diante de nós. Acabamos de produzir um objeto antropológico que é simultaneamente uma técnica, uma linguagem e uma religião. Desde que estão interligados, todos os computadores formam apenas um, que em breve ligará todos os humanos. O computador é simultaneamente máquina de ler e máquina de escrever, museu virtual planetário e biblioteca mundial, tela de todas as imagens e máquina de pintar, instrumento de música universal e câmara de eco ou de metamorfose de todos os sons. Nele convergem os dados de todas as máquinas de filmar, de todos os microfones, de todos os captadores e sensores imagináveis. É um olho único, totalmente esférico, cujos milhares de milhões de retinas de captação cobrem progressivamente a superfície da Terra. É um ouvido onidirecional voltado para as estrelas, no qual ressoa o conjunto dos sons do planeta. É um cérebro cujos axônios hipertextuais fazem comunicar todos os pensamentos. É a cidade, o mercado e a biblioteca universal. O computador é o espelho do mundo e a infinidade das suas simulações possíveis. Ele já coordena todas as instalações técnicas, ramifica-se por todas as máquinas, por todos os veículos. Comandando os seus nano-robôs, em breve entrará em todos os corpos e materiais para

transmutá-los.

O computador absorve os outros grandes objetos antropológicos e transporta-os para uma dimensão superior: a da inteligência coletiva em tempo real da espécie humana. O computador realiza a interligação universal da maneira mais eficaz que alguma vez existiu. Passamos do universal abstrato da escrita para um universal concreto que ainda mal somos capazes de pensar.

Com a escrita, o universal continuava a ser abstrato, dado que só passava pela unidade ou pela identidade do sentido. Quando enunciamos que uma religião, uma ciência, um teorema, são universais, queremos dizer que as suas verdades são as mesmas por toda a parte. Ora, se uma mensagem universal é verdadeira por toda a parte, o “por toda a parte” só é, todavia, constituído pela verdade da mensagem. Em contraste, o *universal concreto*, produzido pelo ciberespaço, constitui o “por toda a parte” do espírito humano através de uma interligação efetiva, libertando assim o conteúdo das mensagens da sua função de unificação. Tudo o que é escrito, tudo o que é dito, todos os sinais projetados pela espécie humana estão interagindo agora no mesmo lugar virtual.

O computador (ou o ciberespaço) faz passar a consciência humana para um nível superior, isto é, permite-lhe tomar contato consigo mesma e unificar-se - aqui e agora - à escala da espécie. Libertado do medo pelo fogo, o homem pôde inventar a técnica, a linguagem e a religião. Libertado pela arte da monotonia do real, começamos a projetar mundos. Libertados da memória pela escrita, aceleramos a história. Libertados da razão e do cálculo pelo computador, estamos em vias de reunir a nossa inteligência coletiva. Até que descubramos juntos o que há de mais universal, de mais eterno e de mais concreto, o instante presente, e a luz que brilha e arde nele perpetuamente, o fogo único da consciência.

A ESFERA DAS FORMAS

O MUSEU UNIVERSAL

Todos os grandes gestos humanos alargam o impossível. A cada nova linguagem, a cada nova técnica, a cada nova estrutura entre nós e o mundo, a cada nova obra, iluminamos mais longe o vasto espaço que contém todas as formas. É o próprio gesto da liberdade humana. Assim, a cultura é menos o inventário das obras que o espaço, cada vez maior, que essas obras nos permitem habitar e explorar.

Para dar um exemplo evidente, a história universal da música desenrola a exploração sistemática, feita pela humanidade, de todas as modulações possíveis e interessantes dão espaço dos sons. As pesquisas apaixonantes que hoje fazemos com os computadores, especialmente aquelas que implicam a amostragem recursiva e a remodelação contínua de músicas anteriores, aceleram de maneira impressionante este processo prolífico de exploração do espaço auditivo. Cada vez que ouvimos uma obra original, descobrimos uma nova região da nossa própria sensibilidade musical, abrimos-nos a novos afetos sonoros, a novos espaços complexos de ritmos, de melodias e de timbres, que músicos descobriram para nós, à guisa de desbravadores. A história da música é a expansão da consciência humana no domínio das estruturas e das atmosferas sonoras.

Como se transmite a cultura? Pela imitação, pela imersão, pelo ensino, pela aprendizagem, pela comunicação. Onde experimentamos as obras? Nos livros, nos discos, nos jornais, no rádio, na televisão, nas escolas, nos teatros, nos cinemas, nos museus. Ora, todas as formas de comunicação se misturam e se multiplicam hoje no ciberespaço. Todas as instituições culturais são postas on-line e, por isso, começam a trocar links, a colaborar, a misturar-se. Além disso, os produtores de obras e de mensagens utilizarão cada vez menos os serviços de instituições mediadoras, mas proporão diretamente os seus trabalhos no ciberespaço. A maior parte dos modos de transmissão da cultura manterão um caráter concreto, físico, materialmente situado. Mas uma parte crescente das atividades de transmissão e de recepção da cultura passará por este lugar único, onde todos os meios de comunicação convergem, interagem e convocam o espaço universal da cultura.

Dentro de algumas dezenas de anos, será difícil fazer descrições claramente distintas das escolas, dos museus e das bibliotecas. Todas estas instituições, no fundo, só têm um objetivo: transmitir e fazer experimentar a cultura. Os textos estarão ligados aos filmes, os filmes às simulações interativas em três dimensões dos fenômenos e dos seus meios. Estes sinais e estes objetos virtuais estarão mergulhados no banho de palavras vivas segregadas por comunidades de discussão on-line, talvez audiovisuais ou, melhor, simuladas em mundos virtuais que revelam corpos de saber ou de significação. Os melhores especialistas gastarão neles as suas luzes e as pessoas desejosas de aprender ajudar-se-ão umas às outras noite e dia. Quando todos os objetos, todos os sinais, todas as comunidades falantes tiverem sido virtualizadas, já não haverá razão para separá-las.

Examinemos, por exemplo, o caso dos museus, que será válido para os outros. A multiplicação de museus é um traço característico da nossa época. Os museus não são

depósitos de coleções, mas máquinas de explorar as formas, em todas as dimensões: museus de Belas-Artes, museus históricos, museus científicos, etc. Se a função principal do museu não é conservar certos objetos concretos, mas “pôr em cena” as formas apresentadas, é facilmente previsível que os museus do futuro se organizarão em torno de instalações de realidade virtual, que permitem explorar as formas de maneira mais atraente, mais enriquecedora, ou mesmo mais sábia para aqueles que o quiserem. A virtualidade acessível por rede tornar-se-á igualmente importante, depois muito mais importante que os objetos concretos, geograficamente situados. Veremos certamente aparecer agrupamentos de museus on-line, como existem hoje nos meios de comunicação, nas telecomunicações, no automóvel, etc.

Brevemente poderemos experimentar nos museus não só a presença, real ou virtual, dos objetos, mas também os seus links, suas interdependências. A colaboração entre museus não se limitará à preparação de exposições em comum. Serão as próprias exposições ou mundos virtuais on-line que cooperarão na encenação das relações entre as formas. O ciberespaço tornar-se-á um extraordinário museu onde serão expostas todas as formas e suas relações: os dinossauros, as borboletas, as moléculas, as estrelas, as obras de arte, as grandes batalhas, os objetos matemáticos. E todas estas formas, interdependentes, entrelaçadas, passarão umas para as outras, consoante os caminhos da evolução e os ecos da sincronização cultural, tornando visíveis as suas relações.

As novas obras serão concebidas para terem lugar no museu universal, onde se entrecruzam todas as obras da cultura. As suas fronteiras ativas, as suas ligações, as suas metamorfoses em contato com outras obras, farão parte integrante da sua concepção e contribuirão para a sua grandeza. Serão obras quase vivas, feitas para se desenvolverem, para se transformarem e talvez para se reproduzirem no meio ecológico da cultura, na noosfera virtual. Hoje, só os vírus se reproduzem sozinhos. Mas estamos apenas no início de uma longa evolução que verá crescer formas auto-reprodutoras capazes de aprender, cada vez mais belas, cada vez mais inteligentes, cada vez mais favoráveis à espécie humana. A noosfera será a grande memória viva da humanidade, o seu espírito ativo, ligado a tudo o que se descobre e se inventa, interligando a criação contínua da nossa espécie e do mundo que brota através dela. Tornar-se-á sensível a todos que a criação humana é a plataforma mais ativa e mais rápida da expansão cósmica, o lugar virtual onde fermentam e de onde saem as novas formas. A noosfera será apenas um único impulso de criação, uma só obra.

A NOOSFERA, NOVA CONVERGÊNCIA DO ESPÍRITO HUMANO

Depois do fogo, da magia da arte, da cidade, da escrita, temos agora o ciberespaço, onde convergem simultaneamente a linguagem, a técnica e a religião. O ciberespaço é a última máquina de exploração de todas as formas. Reúne o conjunto das iniciativas humanas porque todas têm o mesmo objetivo: expandir infinitamente a luz da consciência no espaço das formas. A consciência - que não é uma máquina, mas cuja essência é explorar sem fim as formas, atualizando o virtual - cresce ao longo de toda a linha evolutiva que leva ao aparecimento do ciberespaço.

O mundo virtual das redes digitais torna ainda mais perceptível a relação da consciência com o seu mundo. Reage ao menor clique. É interativa, cheia de virtualidades, todas reunidas num único lugar, o próprio lugar do “virtual”. O

ciberespaço é uma espécie de objetivação ou de simulação da consciência humana global, que afeta realmente essa consciência, exatamente como fizeram o fogo, a linguagem, a técnica, a religião, a arte e a escrita, cada etapa integrando as precedentes e levando-a mais longe, ao longo de uma evolução com ritmo exponencial.

Virtualmente, o ciberespaço é o imenso reservatório dinâmico de todas as formas em interação, a forma das formas, a ideia das ideias. A inteligência coletiva anima, segrega e capta estas formas, utiliza-as como caminhos ou túneis na sua tarefa de conexão, de transmissão e de meditação entre as inteligências particulares. Por intermédio das almas singulares, a inteligência coletiva capta estas formas cada vez mais nitidamente, cada vez mais rapidamente, cada vez com mais força, numa extraordinária intensificação da consciência.

Ao organizar o feed-back coletivo da consciência humana, o ciberespaço acelera tudo. A partir de agora, a nossa aprendizagem realiza-se muito mais rapidamente. Conflitos, desgraças, sofrimento, haverá sempre. Mas isso se saberá muito mais rapidamente. Pelo menos, saberemos onde estamos e poderemos aprender, mesmo a tempo. A noosfera, onde tudo se comunica, isto é, todos nós, nos prevenirá das catástrofes, dos perigos, das injustiças, dos desequilíbrios ecológicos, porque não poderemos corrigi-los se não tomarmos consciência deles. A noosfera manifestará a consciência da Humanidade, da Vida, da Terra, uma consciência no centro de um universo de formas em expansão, que irradiará alegria de existir.

No ciberespaço, o inconsciente coletivo torna-se consciente, isto é, une-se a si mesmo, interliga-se, desfragmenta-se e desenvolve-se na luz integral do mundo virtual. Graças ao fim da censura e dos monopólios culturais, tudo o que a consciência pode explorar tornou-se visível para todos. É esta a essência do ciberespaço: uma meditação coletiva do espírito humano. O ciberespaço é um meio para a consciência dispersa se unir a si mesma. E isso, não só ligando os habitantes do planeta numa espécie de cidade universal onde todos se tornam vizinhos, mas também fazendo convergir todas as iniciativas humanas. Na cibercultura futura, haverá cada vez menos distinção entre o mercado universal, que explora todas as formas de linguagem, a ferramenta universal, que explora todos os poderes, o laboratório universal, que simula todas as experiências, o senado universal, que explora todas as formas de administração, o tribunal universal, que explora todas as formas de conflitos e de resoluções de conflitos, e finalmente a escola universal, que propõe à exploração de cada um todas as formas descobertas pelos humanos, quando os professores serão todas as pessoas desejosas de ensinar e que queiram contribuir para a edificação e para a transmissão da cultura. O ciberespaço será o principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e de ensino da sociedade, por ela própria. No ciberespaço, todas as instituições humanas vão entrecruzar-se e convergir numa inteligência coletiva capaz de produzir e de explorar cada vez mais formas.

A cultura tornou-se um só tecido urbano, econômico, hipertextual, cognitivo, tecnocientífico, afetivo. O tecido do sentido encontra progressivamente a sua unidade na noosfera. Neste lugar convergem todas as correntes espirituais, como convergem já em cada um de nós, dado que somos planetários, filhos e filhas de todas as religiões, que recebem simultaneamente as mensagens de todos os profetas, de todos os santos, de todos os sábios, de todos os seres despertos. Estas mensagens ardentes, transmitidas desde que o homem roubou o fogo do céu, chegaram até nós e tocam-nos, aqui e agora.

Neste lugar virtual convergem as descobertas de todos os tempos, as invenções de todos os tempos, os inúmeros saberes de todas as correntes de conhecimento e de prática. Como já convergem em cada um de nós. Somos os filhos e as filhas de todas as ciências e de todas as técnicas. No espaço de comunicação universal convergem todas as palavras, todas as línguas, todas as narrativas, todas as obras de arte, como convergem em cada um de nós, chegando-nos do fundo de longas correntes de cantores, de dançarinos, de comediantes e de artistas. Somos os filhos e as filhas de todos os poetas. Todos os esforços humanos para alargar a nossa consciência convergem numa noosfera que já nos habita, porque é a objetivação da consciência e da inteligência coletiva da humanidade.

A EDUCAÇÃO DO FUTURO

“Nada do que é humano me é estranho”. Esta frase do autor dramático Terêncio é a própria forma do *humanismo*. Eu “sou”, virtualmente, tudo o que é humano. Da ginástica à política. Da filosofia à engenharia. Da cozinha à música. Da espiritualidade à pedagogia. Da juventude à velhice. Do masculino ao feminino. Do amor à dor. Da miséria à prosperidade. O humanista nunca será certamente especialista em tudo, mas será capaz de se interessar por tudo o que encontra, de vibrar em todas as tonalidades emocionais que o rodeiam e o tocam.

Somos tanto mais humanos quanto mais cultos. Cultivamo-nos para nos tornarmos efetivamente os seres humanos que já somos virtualmente. Não há outro objetivo para a cultura senão produzir seres humanos e nós somos, todos quanto somos, responsáveis por esta produção, tanto individual, como coletivamente. Ora, o que é próprio do humano é abrir constantemente o seu espaço. O espaço humano não é um nicho finito, à maneira animal, mas sim mundo infinitamente extensível. O *Homo sapiens* foi a primeira espécie que decidiu explorar o infinito. O infinito dos sons, das imagens, das ideias, dos gostos, dos perfumes, dos atos, das técnicas, dos conhecimentos, das formas de todos os tipos e o infinito supremo que compreende todos os outros: o infinito do amor. Isso, é inegável que o fazemos enquanto espécie. Espécie que só se atualizará através da experiência de indivíduos vivos; se o fazemos enquanto espécie é *porque* podemos fazê-lo enquanto pessoas.

Cada avanço da cultura é precioso porque alarga o espaço das formas. A humanidade educa-se na escola dos inventores culturais segundo o mesmo processo de abertura do espírito que a educação das pessoas. É o mesmo gesto de expansão da consciência, de aprendizagem, de conquista de novos territórios para a experiência. Desde que um espaço foi aberto na cultura, pode ser explorado pela pessoa. Nenhuma das etapas que a humanidade transpôs é “passado”; continua a estar disponível para a exploração de jovens seres para os quais todas as ideias, todas as tecnologias, todos os estilos artísticos, todas as formas de organização sociais são “novos”, uma vez que as descobrem *agora*. As crianças são a oportunidade do despertar da humanidade *agora*, que descobrem subitamente a totalidade do seu tesouro. A educação (ou, visto por outro lado, a aprendizagem) é uma atualização da cultura, e isso não só no plano do seu conteúdo (as formas apreendidas), mas sobretudo no plano do seu gesto exploratório, consciente, deliberado. Uma criança que aprende reproduz o próprio movimento da espécie, uma espécie que não deixou de aprender ao longo da sua pré-história, da sua história, e que continuará a aprender depois da história, no tempo muito estranho que começamos a produzir hoje sim, nós aprendemos muitas coisas desde há um milhão de anos, e isto certamente ainda não acabou, muito pelo contrário. A nossa aprendizagem vai agora acelerar-se a um ritmo que convém saber que será muito mais rápido do que nunca. A fim de prepararmos as nossas crianças para a nova velocidade de aprendizagem de uma sociedade em que serão membros ativos, temos de conceber de imediato e de pôr em prática, utilizando todos os recursos da noosfera, uma educação humanista do ser integral, segundo a qual cada jovem será levado a percorrer de novo, de forma acelerada, a expansão da consciência universal, e incitado a prosseguir-la. Nenhuma das formas exploradas por esta nova educação será concebida como “ultrapassada”, mas, pelo contrário, descoberta e lembrada como sempre presente, participando da dinâmica viva do espírito humano e vista do único centro - a consciência - a partir do

qual se desenvolvem todas as formas.

Ensinemos as nossas crianças a venerar o mundo e a consciência que o ilumina. Façamo-las tocar de perto o caráter sagrado, mágico, da vida: esse inimaginável emaranhado de todas as formas e de todas as histórias possíveis que se desenvolvem incessantemente no espaço unitário da consciência. O único objetivo da educação é tornar a consciência humana consciente de si própria e da sua disposição fundamental: a sua expansão onidirecional, a sua liberdade, o seu amor por todas as formas e por todos os seres.

É para esta educação que devem contribuir os pais, os professores, os dirigentes de museus, os artistas, os filósofos, os empresários, os cidadãos, os governos, a Internet, todos nós, aqui, agora. As crianças do terceiro milênio estão chegando! Que universo queremos nós transmitir a elas? Que saber? Que estado de espírito? Queremos crianças pacíficas? Cheias de amor? Criativas? Abertas? Conscientes? Evolutivas? Planetárias? Deixemos de nos lamentar e demos o exemplo. Ofereçamos-lhes a boa educação que não tivemos. Inovemos.

O espírito universal atualiza todas as virtualidades. Cada disciplina cultural é uma iniciativa de exploração das formas num determinado plano (música, literatura, matemática, mecânica, biologia, psicologia...), mas estes planos são eles próprios formas e, como tais, sujeitas a todas as metamorfoses, a todas as analogias, a todas as fusões, a todas as bifurcações, a todas as deslocamentos. As disciplinas não têm mais realidade que qualquer outra forma. Ora, as formas são produzidas e reunidas pelo gesto de um espírito unitário no qual tudo se toca e se determina entre si. Já viram colunas de fumaça trespassarem um mosquito e continuarem a desenhar suas curvas como se não houvesse nenhum obstáculo? É o sopro único do espírito que passa através dos conceitos, das substâncias, das disciplinas, e que nenhuma grade pode dividir ou fragmentar. A verdadeira educação, a verdadeira aprendizagem, baseiam as disciplinas numa apreensão global, para a qual o conhecimento de si mesmo é tão importante como o conhecimento do mundo. Um conhecimento de si mesmo que finalmente nos leva a perceber que somos, todos em conjunto, uma consciência que ilumina um mundo.

CAPÍTULO 4

A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

PARA LÁ DAS DIVISÕES SOCIAIS

Talvez pensem que o tipo de proposições filosóficas, existenciais, poéticas e espirituais desenvolvidas neste livro nos desvia dos verdadeiros problemas. Quais são os verdadeiros problemas? Quem domina quem? Quem ganha e quem perde? Quem é vencedor? Quem é vencido? Quem enriquece e quem empobrece? É o grande jogo social, o grande tema de conversa. É isso que interessa? Enganam-se. O problema essencial não é saber “quem domina quem”, mas quando e como aumenta a consciência humana.

Vejam todos estes pobres, todos estes desgraçados! Não será necessário procurar os culpados? Não. É a ideia de procurar culpados que é falsa. Porque antes da globalização, antes dos capitalistas, antes dos neoliberais, antes dos comunistas, antes dos judeus, antes dos feudais, antes dos estrangeiros de todas as naturezas, antes de todos os culpados, designados pelo nome, já havia o sofrimento, a injustiça, a miséria, a loucura, a morte. Se continua a haver um culpado diferente para os mesmos males, males tão antigos, talvez a raiz do mal não se encontre onde procuramos! Se abandonarmos esta obsessão dos culpados a acusar, a combater, talvez haja um pouco mais de doçura no mundo! Só um pouco mais de doçura...

O meu credo epistemológico é o seguinte: todos nós aprendemos na escola que era bom exercitar o espírito crítico. Mas também aprendemos com a vida que tínhamos necessidade de amar. Só compreendemos o que amamos. Logo, se queremos compreender, temos de amar. E se queremos compreender tudo, devemos amar tudo. O mundo não tem necessidade de crítica, o mundo tem necessidade de amor. Só quando se ama o mundo é que ele no-lo devolve, dando-nos o seu sentido. O amor é o microscópio mais poderoso. O amor é o telescópio mais sensível. O amor é a maravilha observada. O amor é olho que observa.

O sociólogo interessa-se pelas diferenças, pelas divisões. Muito bem. Mas o filósofo tem o dever de pôr o dedo no que une os seres humanos. Poderão contrapor-me todos os argumentos sociológicos que quiserem, não deixarei de responder que todas estas diferenças de cultura, de religião, de riqueza e de poder não passam de enganos, porque todos nós nascemos de um pai e de uma mãe, sofremos, amamos, arquitetamos catedrais com sentidos mais ilusórios uns que os outros e depois morremos. Morremos todos. Homens e mulheres, ricos e pobres, ateus e crentes, budistas e católicos, gente dali e gente de acolá. Então, em vez de nos julgarmos inferiores ou superiores aos outros, em vez de ficarmos fascinados pelo que nos distingue, ideia de que nos servimos para nos contrapormos, para nos acusarmos mutuamente, por que não amarmo-nos? Aqui! De imediato. Agora. Só há uma coisa a fazer pelos pobres: é necessário amá-los, como os outros, como o pobre que sofre bem no fundo de nós próprios, É disso que temos necessidade, que nos amem. Exatamente como todos. Prestemos serviço aos pobres, prestemos serviço aos ricos, não há qualquer diferença.

Vivemos na sociedade como o animal na selva: é o nosso habitat, o ambiente onde

respiramos. Somos um elemento ativo desta selva. Não temos necessidade de sociólogos para nos ensinarem que existe uma hierarquia social. Já sabemos disso muito bem. Temos necessidade de aprender que não há nem hierarquia social, nem alto, nem baixo, e que todas essas distinções não têm importância. Eis algo que poderia *realmente* contribuir para mudar a sociedade.

Não tenho necessidade de teoria sociológica para compreender o mundo em que vivo. Só tenho de abrir os olhos tanto para o interior como para o exterior. Há mais sobre as relações entre os seres humanos em Walt Whitman, Victor Hugo, Shakespeare e Chogyam Trungpa que em todos os tratados de sociologia e de psicologia. Compreendo melhor o processo de planetarização a navegar na Web e a ouvir Talvin Singh e Nusrat Fateh Ali Khan que a ler sábias obras carregadas de métodos. Compreendi melhor como funcionava o capitalismo ao criar uma firma de programação, depois de ter consultado sábias obras de ciência econômica. Explorai o mundo por vós próprios. A vossa própria experiência é insubstituível e ninguém gostará da vida em vosso lugar.

Muitos intelectuais já demonstraram *ad nauseam* que os poderosos dominam e que os oprimidos são dominados. Grande descoberta! Como se nós não aprendêssemos diretamente (e todos os dias) através da nossa própria vida, tantos quanto nós somos. Mas o que nos interessa não é ver esta banal e muito comum experiência doutamente confirmada pelas autoridades “científicas”. O que nos interessa é compreender o que está acontecendo de novidade *hoje*. Que corpo coletivo, que espírito coletivo, que planeta unitário estamos nós edificando? Em que metamorfose está envolvida a nossa espécie? Como participar na aventura da consciência?

As classes sociais só existem no reino da concupiscência. A ideia de classe social é tanto um impasse como a ideia de nação. Só existem seres em devir. A identificação com uma classe (seja ela dominante ou dominada), uma casta, um título ou uma função, é um encolhimento da consciência, um fechamento na sufocante prisão da consciência dividida. Deixemos de jogar os estúpidos jogos da dominação e da imitação e tentemos tornar-nos úteis uns aos outros. O acaso do nascimento lançou-nos num ambiente particular. Poderíamos ter nascido noutro lado, noutro tempo, com outro sexo, outro corpo. Resta-nos libertarmo-nos da condição e dos condicionamentos da nossa juventude, tornar-nos nós mesmos e compreender o que viemos fazer aqui: participar na expansão da consciência, ser livre, amar.

Se as ciências sociais procuram a divisão social, a encontrarão ainda e sempre. Julgarão ensinar-nos até enjoar o que sabemos desde sempre. Apresentarão ao mínimo detalhe como os pobres ficam pobres e os ricos ficam ricos. Mas há sempre ricos que se tornam pobres e pobres que se tornam ricos. Além disso, todos os ricos, desde que recuemos duas ou três gerações na sua árvore genealógica, são descendentes de pobres que se tornaram ricos. Todo o raciocínio por categorias sociais impede-nos de ter uma perspectiva suficientemente aberta. Não há categorias sociais, mas apenas *pessoas*, capazes de ter o coração e o espírito mais ou menos vasto. Queremos encontrar os outros como membros desta ou daquela “categoria social” ou como seres humanos, como almas que encontram outras almas? Aqueles que tentam fazer-nos crer que as categorias sociais são “reais” não nos prestam serviço algum, só contribuem para a nossa confusão. Que resultados julgais que os discursos provocam? Ódio? Raiva impotente? Excitação da inveja? Incitação a todas as preguiças? Abatimento resignado? Dizei antes aos vossos semelhantes que são livres, que podem não só mudar a sua “condição” (que

não é mais que uma aparência), mas também passar do condicionamento (incluindo o condicionamento através dos conceitos) para um processo de descondicionamento e de abertura a todas as dimensões da existência. Dizei às pessoas que podem deixar de preencher o espírito com a importância da condição social. Sois ricos? Pobres? Velhos, jovens, quadros, empregados, patrões, desempregados? No fundo, qual a importância disso? Os que invejam, odeiam ou desprezam os outros por causa da sua condição social julgam-se a si próprios. Sois livres? Sois felizes? Isto sim, tem muito mais importância. E esta afirmação da liberdade de raiz dos seres, a que sentimento julgais que dá origem? Esperança? Não necessariamente, porque cada um sabe perfeitamente, por pouco sincero que seja, que não há nada mais difícil que atingir a sua própria liberdade. Não, esperança não, mas *coragem*. É da energia da coragem que precisamos mais. “Coragem!”, repete frequentemente Sócrates nos diálogos de Platão. Coragem de levar o inquérito até o fim. Coragem de se desligar das sombras que dançam no fundo da caverna social para se voltar para o grande dia da Inteligência.

O que é esta sociologia que se dedica a demonstrar que não nascemos livres? O que são estes “conhecimentos” que reduzem o humano a um determinismo? O verdadeiro conhecimento remete o humano para a sua responsabilidade e para a sua liberdade. Os saberes divididos da divisão fabricam uma consciência dividida, uma ação dividida. O conhecimento não separado, não é pluridisciplinar, nem transdisciplinar, não é disciplinar de modo nenhum, é vital, é *presença*, tem um nome que todos conhecem há muito tempo, é aquilo que somos desde a origem: a consciência. A ação não separada, a ação autêntica, a ação que vem do coração é cumprida *em consciência*. Onde não há ganhadores nem perdedores, nem acusados, nem culpados, mas seres humanos, nus, que amam e sofrem.

Ah! A riqueza e a pobreza! Tanta gente fez voto de pobreza para mostrar que a pobreza não era pobreza. Diógenes, o cínico, nu dentro do seu tonel, respondeu ao imperador Alexandre que lhe perguntava o que desejava: “desvia-te do meu sol”. Mostrava - dando o exemplo - que a principal riqueza é a coragem, não receando livrar-se rudemente do imperador do Universo, o mais poderoso dos poderosos, o mais rico dos ricos. Mas, significava sobretudo que o sol lhe pertencia, a ele, Diógenes. “O meu sol” brilha no *meu* céu. Tudo o que vejo é meu. O mundo é meu. Tu fazes sombra, com o teu poder ilusório, com a tua pretensa riqueza, ao meu sol interior, que dissipa todas as sombras. Sou mais rico que tu, porque *sei* que possuo o sol. E que o sol queima tudo.

A única coisa realmente importante e interessante é que haja luz, consciência. É esta a joia que todos possuem, a imensa riqueza de que a maioria não faz a menor ideia. Põem a riqueza no fato de terem esta ou aquela experiência, de experimentarem isto ou aquilo. Mas a riqueza suprema é existir e, ao mesmo tempo, fazer existir um mundo na sua infinita variedade. Creem que a riqueza consiste em possuir, convencionalmente, este ou aquele objeto, este ou aquele título, uma imagem de si no espírito de outros, mas só possuirão, como cada um de nós, alguns segundos de vida, um após outro, gota a gota. E pouco importa o que se reflete na gota, a miraculosa maravilha é a própria gota: real, plena, vibrante, brilhante de luz!

Se nos deixarmos fascinar pelos reflexos, podemos ver esta vida como um inferno onde a maior parte das pessoas é infeliz, ou então como um paraíso de falsas riquezas ao nosso alcance. É esta *a visão das aparências*. Mas através da *visão profunda* podemos sair do inferno, assim como da prisão disfarçada de paraíso. A visão profunda observa

atentamente, a cada instante, o instável e ilusório reflexo na gota de vida que nos é dada agora, mas discerne com o mesmo olhar panorâmico e agudo a imensa felicidade que é cair nesta chuva de luz, que é o essencial.

É por isso que não podemos nos esquivar à questão do mal, a questão do sofrimento. Enquanto polarizarmos a nossa atenção na fuga ao sofrimento, enquanto formos movidos pelo medo, pela avidez, pelo ódio, estaremos à mercê da armadilha dos reflexos. Só estamos limitados pelos nossos medos. Viver no medo é a única verdadeira pobreza. Mas, se ultrapassarmos o receio de sofrer, se tivermos a coragem de olhar e de viver para lá dele, então ficaremos abertos à visão profunda e ao amor, as fronteiras cairão, descobriremos a imensidade do espaço e poderemos ajudar os outros a fazer o mesmo.

Não pensais que se todos os seres humanos comessem a ser simpáticos uns com os outros, simplesmente simpáticos, sensíveis e atenciosos, tudo seria melhor? Somos todos do mesmo partido, partido dos vivos. Não temos inimigos: somos uma chuva de diamantes onde incide a luz dos mundos. Deixemos de correr atrás dos reflexos que tremulam nos nossos preciosos segundos de existência. Olhemos antes essa chuva de vida. Como é extraordinário estar aqui! No dia em que deixarmos de correr atrás dos reflexos, como a imagem de uma gota se reflete em todas as outras, sãs gotas tornar-se-ão cada vez mais transparentes, brilhantes, a luz será cada vez mais forte e os reflexos cada vez mais pálidos. O despertar da humanidade será um processo coletivo ou não existirá. A mesma luz atravessa todas as gotas.

A CONSCIÊNCIA E A ECOLOGIA MENTAL

A CONSCIÊNCIA E O MUNDO ENTRELAÇADOS

As partículas elementares que vibram nos nossos corpos apareceram nos primeiros momentos do universo. Vêm da mesma fonte energética, da mesma grande explosão de existência, tal como tudo o que nos rodeia, até ao infinito. Os átomos que compõem as nossas células foram forjados no coração de estrelas, talvez mortas, há milhares de milhões de anos. O DNA que comanda e regula o funcionamento do nosso organismo só possui dois por cento de genes especificamente humanos. Os restantes 98 por cento transmitem em nós a herança da vida, desde a sua primeira manifestação na Terra, há quatro bilhões de anos. Os nossos intercâmbios gasosos, líquidos e sólidos com o ambiente são constantes. Somos mais turbilhões cuja matéria é um fluxo perpétuo do que “coisas” estáveis e fechadas em si mesmas. O calor que nos faz viver, direta ou indiretamente, vem do Sol. Alimentamo-nos da vida que nos rodeia e, quando morremos, os nossos corpos alimentarão, por sua vez, os animais e as plantas. Milhões de micro-organismos vivem em nós, como nós vivemos na biosfera. Sabemos tudo isso e o admitimos sem dificuldade.

Mas quando se trata de examinar o nosso espírito, recusamo-nos à ideia, entretanto muito evidente e perfeitamente paralela ao que sabemos sobre nosso corpo, especialmente de que não se trata de modo nenhum de uma “coisa” isolada, fechada sobre si mesma. Partilhamos a nossa sensibilidade elementar com todos os animais. A estrutura do nosso corpo determina certa escala de interação e certo tipo de relação com o nosso ambiente, implicando um recorte do mundo captado muito particular. O que nos surge como uma figura que se destaca no fundo, “uma ave”, “uma casa”, “uma nuvem”, “um som melodioso”, “o cheiro do pão fresco”, “uma injustiça”, será muito diferente, digamos, do tipo de figura que pode emergir do fundo de experiência das bactérias, dos caranguejos ou dos mosquitos. Esta estruturação do mundo captado, estreitamente correlacionada com a forma, com os sentidos e com as possibilidades de ação do nosso corpo, decorre da espécie humana e não da nossa identidade individual.

Contatos, sensações, texturas, cores, sons, odores, prazer e dor, apetência e rejeição, percepção, discernimento de figuras: uma parte essencial da nossa vida psíquica não nos pertence “pessoalmente”, dado que baseia sua organização na vida em geral e na nossa espécie, em particular. A configuração global da nossa experiência é comum, partilhada.

Mas, além da vida e da humanidade, devemos também ter em conta as *línguas* cujos termos e formas sintáticas estruturam o nosso pensamento mais íntimo e que herdamos de uma coletividade que nos ultrapassa. Falamos a nossa língua, mas a nossa língua fala em nós. Cada vez que pensamos, que falamos, que escrevemos, que lemos, que ouvimos, a vida da língua manifesta-se. Mas, inversamente, participamos, como locutores ativos e mais ou menos criativos, na evolução desta língua.

Da escrita aos instrumentos científicos, aos computadores e às redes eletrônicas, passando pela televisão, os nossos *meios de comunicação* condicionam a precisão e o alcance dos nossos sentidos, o leque das conexões que podemos manter, o tipo de

comunicação que temos com o resto do mundo.

As *técnicas* e as instalações materiais com as quais a nossa existência está imbricada estruturam a nossa experiência prática. As configurações dos campos de ação de um índio da Amazônia e de um banqueiro de São Paulo não são perfeitamente as mesmas. No entanto, este índio e este banqueiro têm quase o mesmo corpo e o mesmo cérebro. O que diferencia as suas experiências, neste caso, não são de modo nenhum características “pessoais”, mas conjuntos técnicos coletivos, que resultam dos esforços de inúmeros humanos vivos e mortos, em que os seus corpos e os seus espíritos vêm atualizar as suas potencialidades de ação e de percepção. Mas, também aqui, não nos contentamos com a herança. As opções de usos que fazemos individual e coletivamente aperfeiçoam os meios de atração evolutivos do tecnocosmo em que vivemos e que vive em nós.

Quer se trata da família, do mercado, da educação, da saúde ou da constituição da cidade as nossas leis, as nossas *instituições*, as nossas organizações econômicas e sociais tratam, em larga medida, das relações que mantemos com os nossos semelhantes. São estas instituições que vivem, se reproduzem e se transformam no decurso da nossa própria existência.

A nossa época, o nosso meio cultural e tudo o que organiza a nossa experiência pensam dentro de nós, sem serem estritamente pessoais. A maior parte das nossas ideias (com os afetos que emitem como se fossem halos) são simples recomeços ou, no máximo, novas combinações de ideias que circulam à nossa volta. Quais teriam sido as nossas ideias se tivéssemos nascido noutro continente, há quinhentos anos, há mil anos, há três mil anos, há dez mil anos? Estamos tão seguros que elas nos pertencem verdadeiramente? De fato, *as ideias circulam em nós*, somos os seus veículos, ainda que tenhamos a impressão que “nós” as pensamos. Poder-se-ia dizer o mesmo da maior parte das nossas *emoções*. O riso descontrolado e o pânico são, evidentemente, casos extremos de contágio, mas é uma experiência corrente sermos atravessados pelos climas emocionais das famílias, dos meios, das instituições, dos grupos humanos, dos partidos, dos regimes políticos, das civilizações e que participamos. É precisamente porque estamos à procura desta partilha que desejamos participar numa festa, numa cerimônia religiosas, num concerto, num espetáculo, numa manifestação política, numa dança coletiva: a fim de nos embebermos de um clima mental eminentemente contagioso.

Reconhecemos a existência de uma grande natureza física em que - obedecendo às mesmas leis - interagem todas as massas e todas as energias. Do mesmo modo, deveríamos reconhecer a existência de um vasto espírito impessoal ou de uma ecologia global dos espíritos no seio da qual (quer o queiramos ou não, quer o saibamos o não) partilhamos não só informações e ideias, mas também maneiras de ser, campos de ação, mundos subjetivos, emoções, energias vitais, e até intenções transpessoais, viajando de um espírito para outro.

As nossas intenções, as nossas emoções, os nossos pensamentos materializam-se de mil maneiras no nosso ambiente comum e produzem-no irreversivelmente, afetando todos os outros espíritos. As instituições, as técnicas, os edifícios, as paisagens, as obras e as mensagens em que objetivamos os nossos climas mentais individuais e coletivos agem em retorno, por vez a muito longo prazo (que condensação de histórias no mais ínfimo objeto técnico, no mais ínfimo texto!), no ambiente mental dos nossos

congêneres, dado que estas exteriorizações de qualidades, de intensidades, de complexidades de consciência estruturam as suas experiências e vivem na sua subjetividade. Tudo o que nos habita acaba por exprimir-se na ecologia da experiência em que evoluímos e, simetricamente, o mudo em que vivemos acaba por nos habitar, o interior e o exterior trocam continuamente os seus lugares na dialética da experiência pessoal e da consciência coletiva.

O vasto céu acima de mim só é azul mediante uma experiência estruturada por milhões de anos de evolução biológica, uma evolução que fez emergir lentamente a visão e depois a cor. A vibração do motor do barco sob os meus pés condensa toda a história da navegação, das máquinas, das redes de transporte e de tratamento das energias fósseis, toda uma cadeia de criação coletiva, de fabricação e de manutenção. As pequenas casas de pescadores à volta do porto, as ruas, as lojas pitorescas, o arranjo da ilha onde vou atracar, cristalizam aspirações, sofrimentos, alegrias, relações humanas acumuladas, entretecidas há séculos. E é toda esta paisagem esculpida por milhões de anos de vida, por milhares de milhões de anos de história da Terra, com as gaivotas que acompanham o movimento do barco do seu voo aos gritos, o vento que me traz, acariciando-me, a face das notícias de uma depressão atmosférica à distância de milhares de quilómetros, e que percorre o planeta num instante, antes de dispersar o seu turbilhão de nuvens, é toda esta paisagem que vive e ressoa em mim. A minha consciência, resultado efêmero do grande todo, é nesse instante a joia do *mundo*. E o mundo é este alegre ser vivo que brilha e cresce numa consciência que se alarga e se diversifica constantemente desde a origem do mundo que a leva.

Como nomear esta herança da vida e, depois, da ação e da comunicação humana, impalpável ou pesadamente materializada, que converge e revive como novo no presente da nossa experiência? O que é este conjunto organizado de vetores de subjetividade, este clima coletivo em que vivemos e que vive em nós?

Temos todos o mesmo conteúdo de consciência: o mundo. O mundo da ave, o mundo do tigre, o mundo do polvo, o mundo do xamã, do feiticeiro ou do banqueiro. É o próprio mundo que é o espírito (o que há de diferente, no espírito, senão a vida do mundo?). Cada um, tomado individualmente, é apenas uma janela diferente, aberta ao meu espírito, índice apontando a passagem de luzes, de texturas, de energias e de formas. Pequenos espelhos da contínua e multiforme espontaneidade cósmica.

UMA ÚNICA CONSCIÊNCIA?

No entanto, temos de reconhecer que temos uma impressão irrecusável da nossa própria interioridade, da nossa subjetividade, da nossa experiência “pessoal”. De fato, do ponto de vista da experiência, a consciência não é um objeto do mundo, mas o que contém tudo. Só temos contato com o que escapa à consciência quando isso se torna consciente. Mesmo quando evocamos “o inconsciente”, fazemos uma representação consciente dele. A consciência acolhe o conjunto da experiência, incluindo a experiência dos pensamentos e dos conceitos mais abstratos. Não podemos ser conscientes de outra coisa que não seja a nossa própria experiência de percepção e pensamento. Do ponto de vista da experiência, a consciência é única e absolutamente solitária. Sabemos e experimentamos de mil maneiras que existe uma quantidade indefinida de outras consciências, mas este saber, esta experiência, só acontece numa única consciência.

Ainda que toda a nossa experiência nos confirme que o outro é uma consciência, não podemos, por definição, fazer a experiência da consciência de qualquer outro. Se isso pudesse acontecer conosco, por telepatia, por empatia, por amor ou qualquer que fosse o modo como conseguimos contatar diretamente com a vida consciente do outro, será apenas a nossa experiência consciente deste fenômeno de telepatia, de empatia ou outro. É certo que a nossa consciência pode alargar-se, especialmente alargar-se à consciência sensível da sensibilidade consciente de outrem, mas esta consciência, embora mais extensa, será sempre uma única consciência, a consciência de que a natureza é conter, ser, manifestar a vaga ininterrupta da experiência. Para lá da diversidade do seu conteúdo, o que reúne todas as consciências é precisamente o seu caráter único, solitário, impartilhável e infinitamente acolhedor. Todas as consciências têm exatamente a mesma natureza, a de ser uma única. Embora talvez só haja uma única consciência.

O conteúdo dos meus pensamentos, das minhas emoções e das minhas percepções é diferente do dos meus cinco anos. No entanto, a consciência, neutra, branca, indiferente, na qual desfilam estas imagens, estas palavras, estas sensações, estas emoções misturadas, é sempre a mesma. Sou “o mesmo” que quando tinha cinco anos?

Hoje, tive uma discussão com um amigo e as nossas inteligências entrecruzaram-se, fiz uma refeição e a minha vida alimentou-se de outras vidas, passei na floresta de Outono e pus-me em ressonância com o ritmo da natureza, fiz amor com minha mulher e os nossos corações misturaram-se. Neste dia, tive alegrias, trespassaram-me medos, uma dor apertou-me o coração. Ao folhear um livro de arte, expus-me ao esplendor de uma pintura realizada há quatro séculos, na Itália. Somos visitados por tantos deuses, tantos climas subjetivos, tantas energias estranhas. Quem sou eu? Sou “eu” o lugar de passagem destas divindades, destes fragmentos de universo, destas tonalidades emocionais? De que silêncio emergem estas músicas de consciência? Sou um átomo independente ou um fragmento do espelho cósmico que todas as existências compõem?

Os seres humanos constroem mundos individuais nos quais o que importa para um nem sequer é visto pelo outro. Uma situação idêntica pode ser vivida de maneira muito diferente por pessoas cuja história, cujas referências e cujos interesses são distintos. Que dizer então de pessoas que a língua, a “cultura”, a identidade social e toda a educação separam! No entanto, a sensibilidade fundamental, a presença do mundo, a pura luz da consciência são as mesmas aqui e acolá. O vosso espírito não é ocupado com as mesmas ideias fixas, com os mesmos problemas e com as mesmas sensações que o meu. Mas o vosso espírito e o meu espírito são um único e mesmo espírito, uma única sensibilidade, um único fundo de onde surgem diferentes figuras. Aquilo de que somos conscientes é certamente particular, mas a própria consciência é universal, é exatamente a mesma nuns e noutros. De fato, poderia acontecer que fosse não só uma consciência absolutamente idêntica aqui e acolá, mas mais profundamente ainda, a *mesma* consciência, uma consciência única, inclusive nos mais humildes animais. É este o fundamento do amor universal.

A ECOLOGIA MENTAL E A NÃO-DUALIDADE

Quanto mais as nossas emoções são violentas (o medo, o desejo, o ódio, a inveja...), mais brutalmente elas nos empunham e mais são impessoais, as mesmas em

todos, na variação dos seus objetos. Os gregos antigos, que sabiam disso, chamavam-nas deuses ou demônios. Quando o nosso coração é trespassado de desejo é porque Eros, filho de Afrodite, disparou a flecha sobre nós. Quando sentimos ferver em nós a energia da batalha, é porque Ares, deus da guerra, se apodera de nós. A sabedoria dos antigos ensinava que as nossas emoções não nos pertencem. O deus do todo, do desejo bruto e da natureza selvagem, *Pan*, era também o deus do medo: o *pânico*, a emoção mais contagiosa. Na grande rede dos espíritos interconectados, o medo, o ódio, o amor, a alegria, a beleza e a fealdade circulam e propagam-se por todos os atos visíveis ou invisíveis que nós realizamos. Os deuses vivem na ecologia mental, na ecologia vital que compõe o entrelaçado das nossas experiências.

Ficamos crispados numa identidade de pertença, das diferenças de caracteres, dos modos de fazer, respigados aqui e ali. Mas, quanto mais a nossa “identidade” nos parece sólida, mais é circulante, herdada, recebida, anônima. Quanto mais as nossas emoções, as nossas ideias, as nossas identidades são, na realidade, impessoais, tanto mais nos fazem crer que “são” nós. É no momento em que somos mais completamente possuídos pelas inquietações ou pelos pensamentos que circulam e querem reproduzir-se na ecologia mental, que mais acreditamos possuí-los... e que somos os seus melhores vetores.

O centro de gravidade da nossa existência é geralmente colocado no nível de uma “identidade” superficial, estreita, feita de representações locais e de preconceitos, de teorias falsas e parciais, de ideias sobre o bem e o mal forjadas ao acaso no decurso de uma experiência infantil particular. Na maioria das grandes tradições de sabedoria, o caminho consiste em deslocar este centro de gravidade para camadas cada vez mais profundas da existência, que são geralmente inconscientes. O equilíbrio assim atingido confere uma base inabalável, propícia à paz. Ao deixar flutuar à superfície os pensamentos e as visões parciais, o sábio hinduísta, taoísta, budista, estoico ou espinosista desce mais baixo, cada vez mais baixo, para o centro de sua vida, para o centro de toda a vida.

Só podemos ser pessoais, criativos, originais, se renunciarmos a qualquer personalidade, a qualquer originalidade, a qualquer marca de distinção, para nos ligarmos ao que, em nós, é mais universal, mais comum, mais conectado à viva ecologia dos espíritos: a sensibilidade, a consciência, o coração, a abertura mais completa ao que está aqui, a simples presença. O contato com o fundo de onde surgem as formas, isto é, a criação, exige certo despojamento, pressupõe o ato de fazer abstração de si. A criação só pode ser generosidade, abandono. É porque aceitamos tornarmo-nos impessoais, logo, porque coincidimos com a consciência mais vasta (em vez de nos limitarmos e de nos separarmos), que podemos perceber ou receber uma forma nova, a forma do instante presente.

Quando fizermos a experiência de não sermos quase nada, quando descobrirmos que aquilo que julgamos possuir não pertence a nós, mas ao mundo, à vida, à humanidade, à cultura e aos deuses, então ficaremos *conectados*. Quando aliviamos a agitação mental que nos faz prosseguir objetos de desejo e escapamos aos objetos de irritação, nos abrimos a uma consciência mais vasta que nossa condição, damos-nos conta que não somos “este corpo”, nem certa aparência ou imagem associada a este corpo, mas que somos mais a vaga ininterrupta e ilimitada da nossa experiência: esta sensação, esta percepção, esta emoção, este pensamento, etc. Somos o curso da nossa vida,

segundo a segundo, esse rio indescritível, com a nossa experiência renovada a cada instante. Quando tomamos consciência desse fato (aliás, evidente), já não podemos escapar à constatação que tudo o que povoa a nossa experiência faz parte de “nós”: o Céu, a Terra, a água, a luz, as plantas, as casas, os outros seres humanos, todos os seres e todos os acontecimentos que entram na nossa experiência... Não há sujeito nem objeto, mas apenas o grande tecido da experiência que se desfralda continuamente. A não-dualidade não é um conceito, é uma experiência, é mesmo a experiência nua.

Não só “os outros” fazem parte de nós, nós também fazemos parte dos outros. Tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos terá, mais cedo ou mais tarde, uma contrapartida na existência dos outros, dado que participamos nas suas experiências. Mesmo que, num imagem grosseiramente simplista, sejamos separados e diferentes uns dos outros, na realidade das nossas vidas, isto é, das nossas experiências subjetivas, estamos incrivelmente entrelaçados uns nos outros, inclusive com aqueles que nos decepcionam e que não gostaríamos de admitir por nenhum preço que fazem parte de “nós” e que nós também somos “eles”. A palavra interdependência é ainda muito fraca. Trata-se mais de um envolvimento ou de uma implicação recíproca, de uma trama ontológica radical. Estamos em implicação recíproca porque não somos corpos limitados por um saco de pele, nem imagens sociais, mas vagas de experiência, vulneráveis sensibilidades, corações, almas, *consciências*, e porque as consciências estão totalmente abertas a um mundo único e comum onde as intenções, os pensamentos, as emoções e os atos de uns fazem parte da experiência dos outros, contêm-se e condicionam-se mutuamente. É este o fundamento do amor universal.

QUEM É QUEM?

Necessitamos de um *sujeito* da experiência do pensamento ou do ato. Mas, se questionamos a experiência (que é simultaneamente o sujeito último e o objeto último), descobrimos que os pensamentos e que os atos são os seus próprios atores. Um ato ou um pensamento são unidades de subjetividade muito legítimas, porque se temos a experiência de um pensamento de “eu”, de uma recordação do que “nós” fizemos, nunca temos a experiência de “eu”, mas apenas, segundo a segundo, a experiência da consciência, com a experiência de um objeto particular de consciência, mutável a cada segundo e precisamente essa imagem do “eu” ou essa recordação. A nossa experiência manifesta um fluxo descontínuo e desordenado de sensações, de percepções, de emoções e de pensamentos que utilizam os circuitos de um grande hipertexto oscilante e impessoal, formado e deformado no decurso de uma história local e transitória. O nosso fluxo de experiência assemelha-se ao braço móvel de um grande rio num terreno arenoso, que escava um pequeno leito provisório antes de se juntar ao curso principal. A água da consciência, que vem de muito longe, de muito alto, é rigorosamente impessoal. Dizer “tu” e “eu” equivale a servirmo-nos de uma ficção cômoda, e seria absurdo privarmo-nos dela. Como seria absurdo privarmo-nos de “nós”, de “vós”, de “elas”, ou de “eles”. Dado que já sou um pequeno rio de sensações e de pensamentos, por que recusar a subjetividade a esses rios que são os grupos, as cidades, as gerações, as populações, as espécies, os sistemas ecológicos, e, finalmente, ao conjunto da vida? O grande rio não será igualmente um sujeito como o pequeno curso de água que dele se separa por um momento?

Somos tentados a protestar: “mas, uma cidade, uma espécie, ou *a fortiori*, um

ecossistema não têm uma interioridade subjetiva, consciência. Só os indivíduos as têm!” Ora, precisamente, a subjetividade consciente do indivíduo é também uma coleção plural de instantes de percepção e de pensamento. O indivíduo não é menos heterogêneo e coletivo que a cidade ou o ecossistema. E as sensações, as emoções, as ideias que o atravessam e o compõem provisoriamente pertencem tanto à espécie ou ao ecossistema como ao indivíduo.

A ilusão do pensamento individual é o “idiotismo” por excelência. *Idiotès*, em grego antigo, significa “particular”, “separado”. A minha língua e a minha cultura falam em mim. Mas, quem fala dentro da minha cultura? Não será a humanidade que experimenta diferentes vozes, diferentes vias dentro de cada cultura? E quem fala dentro da humanidade? Quem experimenta as formas subjetivas de todas as espécies? A vida, provavelmente. A vida é um ator, um sujeito, na condição de aliviarmos consideravelmente a nossa noção de sujeito, o que aceitamos como resposta legítima à questão “quem?”. Todas as subjetividades particulares, todos os instantes de sensibilidade aparecem então como expressões de apenas um e único espírito-mundo. O indivíduo é uma articulação intermédia, transitória, certamente não mais importante que a espécie, a cultura, a geração, a situação, o momento, que são todos portadores do ato, do pensamento, da sensação. No entanto, a ideia do caráter transpessoal do pensamento não conduz de modo algum a uma desvalorização da pessoa, mas, pelo contrário, à ideia infinitamente peculiar que todo o espírito está (virtualmente) presente em cada um. É o universo que pensa e passa em nós.

Os átomos são impessoais. Os genes são impessoais. As células são impessoais. Os neurônios são impessoais. Os circuitos nervosos e os módulos cognitivos (visão, audição, sintaxe da linguagem...) são impessoais. As palavras são impessoais. Os pensamentos são impessoais. As emoções são impessoais. Cremos que são “os nossos” pensamentos, mas são também os pensamentos da sociedade, da espécie, da biosfera, do universo. A ilusão do eu é um “truque” da seleção natural, muito útil para a reprodução da nossa espécie no seu ambiente pré-histórico, mas que perdeu agora uma parte da sua utilidade, porque estamos no limiar de um novo estágio da evolução em que a experiência da não-dualidade e a prática da benevolência onidirecional nos garantirão melhores aptidões cooperativas, mais criatividade, mais poder coletivo de agir e de sentir. Segregarão sobretudo uma ecologia mental mais feliz que a que emerge do afrontamento dos egos pelo poder, pela dominação, pela “superioridade”.

*
* *

Somos céus atravessados por nuvens de energias vindas do fundo do tempo. Quanto mais cremos que somos alguém, mais somos ninguém. Quanto mais sabemos que somos ninguém, mais somos alguém.

A EVOLUÇÃO CÓSMICA E A EXPLORAÇÃO DAS FORMAS

A UNIDADE DA ÁRVORE CÓSMICA

Gostaria agora de pedir ao leitor um esforço de imaginação comparável ao que lhe foi sugerido no início desta obra, quando tentei retomar a história da humanidade como um todo, um único movimento de nascimento, de crescimento, de dispersão e de reunião. Mas, desta vez, o esforço de imaginação será mais importante porque gostaria de esquematizar, ou de simular, a *história da vida* como a de um gesto único.

Temos o hábito de focar certos tipos de unidades (um pássaro, não uma célula, nem a ordem dos vertebrados; uma nuvem, não um anticiclone nem uma molécula de água), porque, *por razões práticas*, é com eles, com estes recortes no tecido contínuo do real, que nos confrontamos a maior parte do tempo. A cada unidade, a cada recorte, a cada conceito corresponde uma *forma*. Ora, todos estes recortes são relativos e podemos muito bem considerar outros. O cubo de madeira, resistente, maciço e denso, que soa quando lhe batemos, na escala das partículas elementares, assemelha-se a um imenso vazio povoado de enxames de probabilidades de cargas elétricas. As mudanças atmosféricas que parecem impossíveis de prever e de compreender, observadas de um pequeno canto da Terra, ganham sentido numa visão de satélite, que abarca toda a atmosfera terrestre com um único olhar. A mudança de escala espacial faz surgir novos objetos, novas formas, novos princípios de inteligibilidade.

A aceleração dos movimentos lentos ou o abrandamento dos movimentos rápidos é um dos melhores modos de compreensão dos processos. Demasiado lentos para serem percebidos, parecem realidades imóveis, não temos qualquer possibilidade de captar o seu movimento. Logo, *a fortiori*, nem o seu sentido, nem a sua direção. Demasiado rápidos, nem sequer damos conta da sua existência. Foi a mudança de escala temporal, especialmente o encurtamento, através do pensamento, de fenômenos mais longos que as nossas próprias existências, que permitiu que a ciência abordasse a evolução cósmica, a da vida e a das sociedades humanas. Penetramos no coração da matéria graças a aparelhagens capazes de registrar, melhor que os nossos corpos, processos físicos minúsculos, ultrarrápidos, cujos produtos são interpretados por teorias que tratam os milionésimos de segundo como se fossem anos. Do mesmo modo, a meditação, isto é, o exercício de uma atenção sem falha aos nossos processos de consciência evanescentes, dilata tanto quanto possível o tempo vivido, permitindo-nos assim, progressivamente, captar a sua forma. A imensidade é encurtada, o minúsculo é aumentado, *para que a consciência possa captar uma nova forma*.

Tentemos agora perceber a forma da evolução biológica. Para captar a totalidade da vida como um único ato, um único acontecimento, é importante precisar previamente que o nosso recorte dos objetos ou das formas pertinentes é geralmente função da escala espaço-temporal das nossas interações cotidianas. Mas, muitos outros recortes são possíveis. Geralmente, os *organismos* animais ou vegetais são para nós as unidades mais evidentes. No entanto, podemos substituir esse tipo de unidade por conjuntos mais amplos quando consideramos famílias ou espécies (cujos membros “se assemelham”), ou unidades de interação, como os ambientes.

Efetivamente, a espécie é uma verdadeira unidade e não apenas um ser racional que reúne os indivíduos reais. Esta unidade é tão legítima quanto o organismo. Quando dizemos “uma raposa”, “uma zebra” ou “um mosquito”, é um *exemplar da espécie* que designamos, muito mais que um organismo particular. Não o elemento real de um conjunto conceitual, mas o exemplar passageiro de uma *forma* (mesmo que esta forma esteja em devir). A espécie é não só uma unidade de forma anatômica, de funcionamento fisiológico e de interação com um nicho ecológico, mas sobretudo uma unidade de mundo própria, uma certa maneira de habitar o cosmos, uma configuração sensorial e motora vivida do interior: cores, odores, sons particulares, objetos que só existem para ela (as vacas são capazes de distinguir milhares de tipos de ervas; o olfato dos roedores é de tal maneira mais apurado que o nosso que o seu universo olfativo é-nos quase impossível de imaginar; os morcegos deslocam-se no escuro graças ao eco dos seus gritos). Uma espécie é um certo arranjo de figuras pertinentes, salientes no fundo da existência, um arranjo de figuras provavelmente muito diferente para um peixe, uma serpente, uma ave migratória ou um humano. Uma espécie não é apenas uma coleção de indivíduos, nem mesmo um conjunto de populações interfecundas. Uma espécie é um mundo. Este mundo da espécie é atualizado paralelamente por centenas ou por milhares de organismos transitórios: os “membros” da espécie, que são tantos quantas são as variações sobre o tema do seu mundo específico. Talvez este mundo da espécie seja mais “real”, talvez constitua uma unidade mais consistente que a dos seus membros?

Mas agora ainda devemos ter uma visão mais ampla. Um ser vivo evoluído começa como um ovo, uma única célula, que se desdobra, quadruplica e depois se multiplica durante semanas até a formação de um organismo viável. Depois nasce, cresce, reproduz-se e morre. Os animais põem os ovos como as plantas semeiam as suas sementes. Através das células germinais, o elo físico de pai para filho é direto. Para os unicelulares, que se reproduzem por duplicação, a continuidade direta entre pais e filhos é ainda mais imediata. Este processo de reprodução é ininterrupto desde a primeira célula, ou melhor, com o banho original de proteínas auto-reprodutoras que a teoria pressupõe e que os computadores simulam. Sabemos que todos os seres vivos, micróbios, plantas e animais têm uma origem comum. É de uma DNA inicial que derivam todos os DNA. Através do conteúdo do nosso genoma atingimos a primeira organização auto-reprodutora, o nosso antepassado comum a todos nós, seres vivos. Vimos da mesma fonte, de uma única origem, de um primeiro surto da vida que, desde o seu aparecimento, se multiplicou, diversificou, interconectou, entrelaçou, subdividiu, tornou híbrido e associou de mil maneiras. Os seres vivos não só têm o mesmo antepassado como, além disso, dependem todos uns dos outros. A vida, no seu conjunto, a macro-unidade global da biosfera, é um processo auto-sustentado, auto-reprodutor, auto-diversificador e continuamente criativo. Este processo evolutivo, complexo e interdependente possui uma continuidade prática muito real: todos os seres vivos *se tocam*. Vêm dos seus pais e geram filhos, copulam, devoram-se uns aos outros, utilizam-se, cruzam-se, colaboram, comunicam, entreadjudam-se, constroem em conjunto equilíbrios complexos, ciclos espaço-temporais cuja escala ultrapassa amplamente os organismos individuais. Todos em conjunto, harmonizam o planeta vivo, que é a sua condição comum de existência. Os seres vivos são *uma única vida*. Esta unidade talvez constitua uma realidade ainda mais efetiva, ainda mais concreta que a da espécie. Ora, se a espécie era um mundo, a vida só pode ser um processo de criação, de conservação e de destruição dos mundos. Estes mundos não são criados e contemplados “do exterior”, mas sempre do interior. São mundos subjetivamente sentidos, que são explorados *na existência*, ao mesmo tempo em que são gerados. Para a vida, não há

diferença entre criar e sentir. Uma variação na sensação (o aparecimento da visão, por exemplo) é uma recriação do mundo. As formas exteriores das plantas e dos animais tal como as vemos (as da orquídea, da zebra ou da tartaruga), pertencem ao nosso mundo particular de humanos. A verdadeira variedade vem da multiplicidade dos mundos sentidos. Cada mundo (o que é a natureza para uma espécie) é um ponto de vista sobre os outros mundos. Assim, todos os mundos vivos se exprimem entre si. As abelhas e os colibris exprimem mais precisamente que nós o mundo das flores, as suas cores, os seus sabores. Os bivalves e outros animais filtradores sentem melhor que ninguém as riquezas e os venenos da água. Captada do interior, a emergência do vivo é uma exploração de todas as formas de mundos possíveis, isto é, viáveis e compatíveis com os outros. Esses mundos são eles próprios organismos de formas que formatam os outros mundos. Aqui, a palavra forma não faz referência, evidentemente, a estruturas de tipo exclusivamente abstrato ou geométrico. Designa a totalidade do que pode ser sentido. Isso inclui as micro-características elementares de percepção (texturas, sons, cores, contornos, odores, etc.), de volição e de ação, até às atmosferas subjetivas, aos esquemas e às figuras mais complexas e mais integradas. Podemos, portanto, compreender a vida, desde a sua origem até o instante presente, como um único gesto de exploração-criação de formas captadas e manifestadas, que se atualiza em todas as escalas temporais e espaciais, desde o instante de consciência de um animal até a sinfonia da biosfera, passando pelo clima mental ultracomplexo de um oceano ou de uma floresta.

Mas, o que seria a vida sem a Terra, onde ganha raízes, sem o mar, onde nada e flutua, sem o ar, que respira e que sustém as asas, sem o Sol, que aquece e ilumina, sem a matéria e a energia, que organiza e de que se alimenta? A continuidade, a unidade, a interdependência, engloba tudo. Esta grande unidade cósmica não deve ser considerada de modo grosseiro, como soma física de matéria e de energia, mas sim como uma fonte de diferenças captadas, de qualidades subjetivas e de formas de todos os tipos, como uma fonte de mundos.

Podemos considerar a árvore da vida como um único ser, um único surto fundamental de exploração de formas cada vez mais complexas, de sensações cada vez mais sutis. Em cada vida individual, é esta mesma consciência, este espírito único que prossegue o que é indissolúvelmente uma criação e uma exploração. Cada uma das nossas existências é uma ponta avançada do espírito que explora o espaço infinito da experiência. Cada vida é um ramo do espírito. São todos diferentes, porque cada forma de experiência é experimentada. A vossa vida, a minha vida, não importa que vida, é uma centelha transitória da explosão solar do espírito, agora mesmo em vias de se desenvolver e de explorar espaços cada vez mais vastos, desde a agitação da primeira célula até a existência humana, passando pela vida dos caranguejos, das formigas, dos pelicanos e das baleias. Os grandes visionários, os poetas, os místicos, não se limitaram - como eu aqui - a imaginar ou a descrever este espírito ou esta consciência única, mas, de uma maneira ou de outra, passaram ao seu lado, captando a sua vida individual como secundária, ilusória, "mundana". Instalaram-se na luz impessoal da consciência, de onde brotam todos os seres e todos os mundos como folhas de uma árvore cósmica.

O LUGAR DA HUMANIDADE NA EVOLUÇÃO

A visão cósmica clássica da teoria da evolução considera que as espécies se *adaptam* ao seu meio. Mas, se considerarmos que toda a vida forma a unidade da

evolução pertinente, a que é que a vida se adapta? A vida constitui o seu próprio ambiente e, como ser global, o ser vivo, ou a biosfera, reproduz-se e complexifica-se sem causa, sem outra “finalidade” que não a de explorar todas as formas possíveis. É adaptando-se a si mesma, se assim podemos dizer, que ela evolui e faz surgir novas formas. *A vida é pura criação*. Esta característica não é mais aparente que na espécie humana. A humanidade não elaborou o universo imenso da cultura para se adaptar ao que quer que seja. Ela própria é o principal motor da sua evolução cultural e - desde há pouco tempo - da evolução da biosfera no seu conjunto.

Toda a cosmogênese pode ser imaginada como o ato de um único ser, indissoluvelmente material e espiritual (isto é, sensível), em vias de se complexificar. Imaginemos uma única substância (para utilizar o termo de Espinosa) voltando-se sobre si mesma, dobrando-se, organizando-se de uma maneira cada vez mais complicada até produzir qualidades sensíveis cada vez mais vivas, depois formas de consciência e consciências de formas cada vez mais vastas e sutis, para finalmente tomar consciência de si no humano que concentra ao mais alto grau o poder criativo e a capacidade de consciência desta substância única.

Com a emergência do homem, é o universo que se inflama e se ilumina a si mesmo. Só há cosmos em evolução para o homem e, mais precisamente, apenas a partir do século XX. Daí a ideia, tão bem expressa por Teilhard de Chardin, que o cosmos em evolução é uma espécie de “alguém”, que converge para o humano (e para o mais-que-humano, que é a humanidade consciente de si mesma, do cosmos que ela ilumina e do seu papel na iluminação do mundo). Não estamos separados do mundo. Pelo contrário, somos a sua ponta mais viva, mais sensível, mais criativa. Em nós, é o mundo unitário que cria e que sente.

A história da cultura prossegue a exploração de formas de vida, mas muito mais rapidamente, graças às técnicas, as linguagens e às instituições que desmultiplicam os esforços humanos no espaço e no tempo. Aqui, já não são as espécies que formam mundos, mas as sociedades, as culturas, as gerações, os coletivos inteligentes. Como para a vida, são mundos que emergem do interior, percepção e criação misturadas. O mundo dos homens de Lascaux, o dos egípcios, dos chineses, dos romanos, dos hebreus, dos tibetanos, dos australianos, dos polinésios, dos maias, dos franceses, dos americanos...

A cultura humana manifesta uma nova forma de unidade na história das espécies animais. Unidade com o passado ou memória acumulativa: as invenções, as palavras e as obras dos mortos já não desaparecem necessariamente com eles. A aprendizagem faz-se à escala de toda a espécie e já não apenas na escala do indivíduo, como nos outros animais inteligentes. Mas, também unidade no espaço, entre os membros da espécie, através de comunicação, de comércio, de cooperação (e também de guerras) cada vez mais planetárias.

Em relação à unidade das outras espécies animais, a unidade da nossa espécie tem de particular o fato de constituir um *agrupamento cooperativo na produção de novas formas* (ideias, imagens, narrativas, músicas, técnicas, objetos, modos de vida, etc.). Certos indivíduos, certos grupos de humanos, encarregam-se, um pouco mais vivamente que outros, da função de criação de novas formas, são habitados mais intensamente pelo espírito do grande ser que quer estender-se, conquistar novos

espaços de consciência. Os criadores, investigadores, cientistas, artistas, poetas, empresários, inventores, legisladores e profetas de todos os tipos perfilam-se no limite do espaço explorado, em contato com formas novas, que fazem surgir do virtual. Desde finais do século XX, a humanidade une as suas capacidades de percepção e de criação constituindo progressivamente uma única inteligência coletiva interconectada, cujos melhores sinais são a comunidade científica internacional, o mercado mundial, a expansão do ciberespaço e a compreensão crescente do caráter universal da religião. Cada vez mais, as pessoas se tornam investigadores associados, participantes conscientes na inteligência coletiva mundial. São os planetários.

A unidade da nossa espécie, isto é, a sua inteligência coletiva, manifesta hoje o máximo de intensidade da vida. Ela é a ponta avançada do cosmos evolutivo, onde quer que este tente, neste momento, unir-se a si mesmo. É das nossas intenções, das nossas palavras, dos nossos atos, que dependem as modalidades e o êxito desta tentativa. Porque nada está escrito *a priori*, nada está decidido. Poderíamos ter-nos exterminado uns aos outros numa guerra nuclear (e ainda poderemos fazê-lo), ainda podemos suicidar-nos por negligência ecológica ou por indiferença social.

Qual é a direção de todo este movimento? Para onde vai a evolução? Que querem os planetários? Observemos bem o aspecto do processo: a interconexão e a unificação crescente da humanidade acompanham a abertura de todas as dimensões do seu mundo. Participamos do despertar de uma espécie em devir, cada vez mais consciente de si mesma e do mundo que ela prolonga, continuando a produzi-lo. A evolução cósmica converge em nós. Mas não converge para um *estado* particular, já fixado em não se sabe que entendimento divino separado do mundo. Ela emerge do interior, cresce descobrindo a sua própria sensibilidade à medida que a desenvolve, com altos e baixos, num processo incerto, indeterminado, caótico, rumo a uma inteligência e a uma liberdade cada vez maiores, a uma aceleração do processo de expansão da consciência e de exploração das formas.

Extraordinária e abundante diversidade da música (ritmos, timbres, tonalidades, ambiências), imagens fabricadas (desde a pintura até o cinema e às realidades virtuais), de todas as literaturas, das matemáticas, das ciências, da filosofia (as suas catedrais de conceitos), da arquitetura, da técnica, da ciência (tudo o que nós “descobrimos” sobre a natureza é uma maneira de enriquecer o nosso mundo), da religião (orações, rituais, meditações). Imensas construções do espírito humano. O homem é uma espécie cuja natureza é não ser especializado, como já assinalamos. O homem está, portanto, em interação com “todos” os aspectos do seu meio envolvente, com um todo intotalizável, não preexistente, um todo que ele faz surgir continuamente. Interessa-se por esse “todo” e descobre ou inventa incessantemente novas dimensões do universo. O homem é especializado na expansão da consciência. Isso é que é próprio do homem. Não uma especialidade fixa, fechada, mas uma aptidão para abrir o espaço, todos os espaços. Do mundo fechado ao universo infinito: é o próprio movimento do humano e também o trajeto espiritual, para o qual cada um de nós é pessoalmente instigado.

Ao interconectar-se, ao aperfeiçoar a sua inteligência coletiva e a sensibilidade pessoal dos seus membros, a humanidade constitui-se pouco a pouco como noosfera, em mundo das ideias, em receptáculo ativo das formas. Ao fazê-lo, ela descobre que o mundo real é um mundo das ideias, um universo das formas.

A INTELIGÊNCIA DAS FORMAS

A consciência quer explorar tudo. Faz literalmente explodir o real, dilata sem fim a esfera da experiência. O mundo produz em cada segundo tudo o que pode ser produzido e talvez no sentido de uma maximização do produtivo. A evolução resulta do fato de que cada instante lhe oferece globalmente mais meios que o precedente. Ascende para a liberdade porque quanto mais a consciência é livre, mais produz existência, mais atualiza formas.

Quanto melhor captamos as formas, todas as formas, sensíveis, afetivas, inteligíveis, melhor participamos na vida criativa do grande todo. A inteligência é a capacidade para captar as formas (uma inteligência onidirecional, livre, não especializada, radicalmente heterogênea a qualquer medida extrínseca, objetiva ou instituída). Somos tanto mais inteligentes quanto mais as formas captadas forem universais, impessoais. Por outras palavras, quanto mais o espírito é vazio (vazio de ego ou de parcialidade), melhor pode captar as formas. Inclusive a forma universal, por excelência, a que não tem forma e que contém todas as demais.

A figura que se destaca do fundo não é de uma substância diferente da do fundo, ela atualiza um fundo de virtualidades infinitas. Só há forma para uma consciência. As formas são formas de consciência e a consciência uma infinita virtualidade de formas. A consciência é o conteúdo, a matéria, a substância de todas as formas. Só o silêncio acolhedor pode distinguir o som. Só silêncio acolhedor pode distinguir o som. Só o fundo do espaço ou o vazio, pode fazer surgir a forma. A figura e o fundo captam-se reciprocamente. O som faz amor com o silêncio. A audição, a partir do silêncio, e a visão, a partir da luz, não fazem juízos, não se contrapõem. Aqui, a inteligência não adota qualquer “ponto de vista”, qualquer “posição”, não toma partido, não afirma, não nega: é o fundo vazio, claro e silencioso que vê.

Existe apenas um acontecimento: a existência. Este acontecimento é uma produtividade em ação, em desenvolvimento contínuo, uma criatividade que tenta explorar, sentir o máximo de formas. O amor capta, ama e dá existência. O ódio despreza, detesta e destrói a existência. A inteligência e o amor, no seu fundo, são um único e mesmo ato: o ato de sair de si, de todos os “si” (inclusive o dos conceitos), para coincidir com a fonte da existência. Sair de si para explorar outras formas. No amor universal, entramos em acordo com a posição da fonte que conduz tudo o que é à existência. O amor universal ama a própria *existência*. Poderíamos dizer que é o próprio ato da existência. A luz do amor faz passar para a existência a multiplicidade das formas. Vista do lado da fonte, a forma é luz. Mas vista do outro lado, quando nos separamos da consciência universal que nos atravessa, as formas isolam-se do fundo de onde surgem, aparecem como substâncias, “coisas”, massas de sombra separadas. Então, perdemos-nos nisto e naquilo, no bom e no mau, e já não vemos que todas as formas surgem e desaparecem no interior do próprio fundo luminoso. Do ponto de vista do Sol (isto é, quando já não há qualquer ponto de vista), a sombra é invisível: é o amor universal. Do ponto de vista oposto ao Sol, quase só há sombra, e a luz torna-se supremamente irritante: é o estado de separação. Mas nunca existe senão uma única paisagem que desdobra infindavelmente o jogo das formas.

Todas as aparências são esplendores do divino amor. As alegrias e os sofrimentos,

as cores e os sons, os cheiros e os sabores, todas as histórias e todos os mundos, todos os pensamentos, todos os segundos, e todos os séculos, são esplendores de uma consciência única, gestos da sua dança eterna. Formas exploradas pela existência. Temos alguns escrúpulos ao utilizarmos a palavra “Deus” para designarmos esta desordem eterna, esta ordem perfeita, este crepitar de existência em todos os tons, esta unidade do todo, esta metamorfose infinita, uivando de amor, esta consciência ilimitada, esta fonte criador transbordante, esta solidão absoluta, eu tu, esta paz real. Do mesmo modo que o nosso organismo é feito de bilhões de células que trabalham concertadamente, a consciência universal é composta pela totalidade das consciências individuais, faz comunicar todas as interioridades, ela é a vida presente, passada, futura e simultânea de todas as consciências, num único movimento, num único ato infinito de existência, que é ao mesmo tempo criação, percepção e amor.

CONCLUSÃO

A humanidade é a espécie animal que fabrica e que capta o maior número de formas, que as sente e as produz cada vez mais depressa. É aqui, no seio da humanidade, que se criam o maior número de formas em todo o universo. Ora, a história do universo é precisamente a de uma aceleração da produção de formas. As formas da esfera cosmo-física levaram milhares de milhões de anos para evoluir. Uma quantidade inverossímil de formas explodiu na esfera cultural, que só data de há um milhão de anos. É aqui que prossegue a criação de formas com maior furor. Formas de linguagem, formas de imagens, formas de sons, formas de significado, formas de emoção, formas de subjetividade e de estar no mundo. Formas cada vez mais virtuais: abstrações matemáticas, arte abstrata, máquinas abstratas. Formas cada vez mais materiais: os utensílios, os edifícios, as estradas, os veículos e os computadores. Formas cada vez mais emotivas: as histórias de amor, as tragédias, as tristezas e as alegrias complexas dos seres humanos. Tantas formas geradas! Bonitas e feias, boas e más, inteligentes e estúpidas. Pouco interessa estas distinções. O homem faz tudo o que lhe é possível fazer, explora da maneira mais sistemática o conjunto das ideias, das estruturas, dos climas, das atmosferas, das cores subjetivas, dos sabores existenciais, dos esquemas de ações, dos objetos, dos utensílios, das máquinas, das organizações coletivas, das paisagens, das músicas, das histórias que pode produzir num dado momento. A humanidade é uma extraordinária máquina de fabricar formas. Ora, pareceu-lhe, desde há pouco tempo, que eram produzidas mais formas quando se estava em paz e quando havia cooperação. Pareceu-lhe que é no amor que se sentem, que se provam, que se veem, que se ouvem, que se tocam e que se pensam mais formas. Porque quando amamos o que vivemos no campo da nossa consciência, da consciência que *somos*, já não dissimulamos nada através do juízo, da crítica, das obsessões, das ideias fixas e da estupidez que restringem o nosso campo de atenção quando não amamos, quando temos medo, quando estamos em guerra. Tudo é interessante quando amamos. O desenvolvimento da inteligência coletiva da humanidade é um aumento de amor, um aumento de interesse pelo mundo, um aumento de criatividade que faz alargar-se e multiplicar-se a inteligência das formas em todas as direções da cultura, da natureza, do real e do virtual. Quanto mais sobre na linguagem, no virtual, na inteligência coletiva, mais o homem produz e descobre um mundo material rico. Esta exploração progressiva e rigorosamente paralela dos dois hemisférios do mundo, o real (a expansão da diversidade cósmica, física, material) e o virtual (a expansão da consciência, a descoberta dos possíveis), tem o amor como centro secreto e destino último.

Em breve, a humanidade vai compreender que quanto mais ela se amar a si mesma, mais evitará as guerras, os conflitos, as violências, as agressões, as obsessões, a ignorância, os preconceitos e a estreiteza de espírito, mais formas ela captará. Compreenderá que *o apetite pelas formas*, todas as formas, as formas vivas que são a sua própria vida, sem julgamento, *é a própria forma do amor*. Toda a história do universo é um apetite pelas formas, cujo momento de maior êxtase somos nós, os humanos. Atingimos um momento da nossa história em que podemos ultrapassar os egoísmos a fim de desenvolvermos a nossa inteligência coletiva e alargar a nossa consciência. Assim, aproximar-nos-emos mais rapidamente do que nos atrai no futuro. Por que, de onde julgais que vem o desejo de futuro dos humanos? Se Deus é o

explorador universal de formas, isto é, o amor em ato, então, é aperfeiçoando a sua inteligência coletiva e dilatando a sua consciência em todas as direções que a humanidade se aproxima dela. Subimos para a fonte de todas as formas. A intotalizável totalidade das evoluções e das investigações, quer sejam cosmo-físicas, biológicas, culturais ou pessoais, são momentos de uma única expansão universal da consciência. Os utensílios (computadores, redes), as organizações econômicas (mercado livre), os regimes políticos (democracia planetária), os estilos de educação (desenvolvimento humanista do ser integral), os modos de organização (cooperação competitiva que favorece a inteligência coletiva) e as práticas espirituais (a meditação e a mobilização para a benevolência) que contribuem da melhor maneira para a abertura onidirecional do espírito e para a atualização de todas as formas serão escolhidos pela evolução, pela história, pela nossa liberdade. À medida que o universo se afasta no tempo do *big bang* físico, a liberdade humana leva-o para um *big bang* espiritual, que o transporta para a dimensão do amor.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	04
CAPÍTULO 1 - MANIFESTO DOS PLANETÁRIOS	06
<i>Autorretrato dos planetários</i>	06
<i>A unificação da humanidade</i>	08
A dispersão	08
A interconexão global	09
<i>Centro e periferia num mundo interconectado</i>	13
O poder depende da interconexão	13
Os centros arrastam as periferias para o futuro	15
O poder depende da inteligência coletiva	16
<i>O fim das fronteiras</i>	17
Boas-vindas ao planeta	17
A nova política planetária	18
<i>A aventura da consciência planetária</i>	21
O encurtamento do espaço	21
O sentido profundo do encurtamento do espaço	21
<i>Do nicho animal ao mundo humano</i>	24
O organismo e o seu nicho	24
A cultura humana e a dilatação do mundo	25
Face à biosfera	27
CAPÍTULO 2 - A ECONOMIA VIRTUAL	29
Realidade da economia virtual	29
A cidade planetária	29
O mercado planetário e a unificação da humanidade	30
Dar sentido à dinâmica do mundo contemporâneo	32
<i>Fundamentos da economia das ideias</i>	35
Os três polos da dinâmica de criação das riquezas	35
O ciberespaço como acelerador de ideias e meio ótimo de produção de riquezas	37
A que velocidade se abre o espírito?	38
<i>Elogio do Homo economicus</i>	40
A economia não é culpada	40
O comércio cria relações pacíficas	41
As pessoas tornam-se empresas	42
A moralidade condiciona a prosperidade	43
Especulação e virtualidade indicam “a economia do futuro”	44
<i>A convergência do Homo economicus e do Homo academicus no ciberespaço</i>	46
A comunidade científica oferece à humanidade a sua inteligência coletiva	46
Por que razão as empresas se transformam em universidades	47
As máquinas de produzir o futuro ou os jogos do dinheiro e das ideias	48

O destino concorrencial das universidades na cibercultura	49
Pensamento do <i>business</i> e <i>business</i> do pensamento	51
<i>A cooperação competitiva e a inteligência coletiva</i>	53
A inteligência coletiva e o turbilhão competitivo	53
A competição cooperativa criadora de formas	58
A inteligência coletiva e o ciberespaço	62
<i>A economia da atenção</i>	64
Pré-história da economia da atenção	64
O cybermarketing e a economia da atenção no ciberespaço	66
A consciência, principal poder econômico	67
Economia geral da consciência	71
CAPÍTULO 3 - A SUBIDA À “NOOSFERA”	74
<i>A cultura universal</i>	74
Para além das culturas identitárias	74
A convergência das correntes	76
O casamento do Oriente e do Ocidente	78
O tecido das almas	80
<i>A cibercultura</i>	82
O virtual	82
A Web, onde todas as páginas formam uma única	83
A vitória e derrota simultâneas da máquina lógica	84
O computador é o fogo do futuro	85
<i>A esfera das formas</i>	89
O museu universal	89
A noosfera, nova convergência do espírito humano	90
<i>A educação do futuro</i>	93
CAPÍTULO 4 - A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA	95
<i>Para lá das divisões sociais</i>	95
<i>A consciência e a ecologia mental</i>	99
A consciência e o mundo entrelaçados	99
Uma única consciência?	101
A ecologia mental e a não-dualidade	102
Quem é quem?	104
<i>A evolução cósmica e a exploração das formas</i>	106
A unidade da árvore cósmica	106
O lugar da humanidade na evolução	108
A inteligência das formas	111
<i>Conclusão</i>	113